



Destino



Trocado

Renata Pantozo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DESTINO TROCADO

1ª temporada

Um amor que para eles parecia proibido.
Apaixonados e impedidos pelo falso laço sanguíneo.
Como esconder o amor que sente pelo seu próprio irmão?
A fuga parecia a melhor solução, mas o amor ainda existiria.

CAPÍTULO 1

NARRAÇÃO SAULO LOMBARD

Meu dia esta intenso hoje. Parece que todas as mães da cidade resolveram ter seus filhos hoje.

Saio de mais um parto e sigo para o vestiário. Pelo caminho posso ouvir a tempestade que bate lá fora. Meu relógio já aponta meia noite, fim do meu plantão. Entro no vestiário e começo a me trocar. Quero a minha cama logo. A porta do vestiário abre e me assusto com a cara da Mercedes.

- O que foi?

- Mulher grávida, acidente de carro.

- Essa merda dessa tempestade.

Respiro fundo colocando a roupa de volta.

- Onde esta Fátima?

- Ainda não chegou.

- Ela nunca chega na hora certa da troca de plantão.

Saio correndo do vestiário e sigo para a porta da emergência, esperar a ambulância.

Em segundos ela para e logo a maca é retirada.

.

- Gestação de gêmeos, 35 semanas. Carro perdeu controle e bateu em uma árvore.

Os paramédicos dizem empurrando a maca.

- Fortes dores e corte na cabeça.

- Por favor! Ajuda a minha mulher.

Um homem desesperado me olha assustado.

- Tentei controlar o carro.

- Qual seu nome?

- Maurício Silva.

- Sr. Silva, vou fazer de tudo pela sua mulher e seus filhos.

- Obrigado!

Quando entramos no corredor outra gritaria começa.

- Mercedes, quero que a levem para a sala de parto e verifiquem se houve rompimento da bolsa.

Ordeno para agilizar atendimento, enquanto vejo o que esta acontecendo.

- Certo!

- Vou ver o que esta acontecendo e já sigo para iniciar os exames.

- Pode deixar, Dr. Lombard!

Ando de volta para a entrada do hospital e vejo um carro parado onde estava a ambulância.

- Alguém me ajude.

Um homem desce com outra gestante e hoje realmente não é meu dia. Pego uma cadeira de rodas e acomodo a mulher enquanto outra enfermeira não vem.

- O que houve?

- Ela caiu da escada.

- Quantas semanas?

- 37 semanas. Ela esta grávida de gêmeos.

Antes que eu comece a fazer perguntas, Fátima surge.

- Deixa comigo.

- Tem certeza?

- Sim, sou a médica que acompanha a Sra. Ribeiro.

- Estou com outra gestante, qualquer coisa me chama.

- Certo!

Corro para a sala de emergência e no caminho posso ver o Sr. Silva desesperado. Ele me observa correr e não diz nada, apenas chora. Entro na

sala e posso ouvir os gritos de dor da Sra. Silva.

- Como estamos aqui, Mercedes?

- Vamos ter que fazer cesárea Dr. Lombard. Os batimentos dela estão oscilando e parece que com o impacto, bateu a barriga. Já cuidamos do ferimento na cabeça e a medicamos.

Respiro fundo.

- Vamos prepara-la então.

Com a paciente devidamente anestesiada, inicio o parto. Com o auxílio de um pediatra e uma enfermeira, começo a retirada do primeiro bebê. Assim que o puxo, seu choro forte já começa.

- É um menino...

Digo passando o bebê para o pediatra que já corre para examina-lo.

- Ele esta bem?

A mãe pergunta chorando.

- Aparentemente tudo certo.

Seu choro aumenta.

- Meu Caique... .

Não consigo tirar o outro bebê. Olho para Mercedes que já entende meu pânico.

Ela se afasta e segue para o pediatra. Em segundos ele surge ao meu lado.

- O que houve?

- Cordão...

Começamos um trabalho juntos para não enforçar o bebê que esta todo enrolado. Assim que o segundo bebê sai não escutamos seu choro e ele esta completamente roxo. É uma menina.

O pediatra a enrola em um pano e se afasta com ela.

- O que aconteceu?

A paciente grita ao ver o pediatra correndo.

- É uma linda menina, que precisa de cuidado.

- Ela esta viva? Ela vai ficar bem?

Não sei o que responder.

- Esta em boas mãos Sra. Silva.

Termino a sutura e arrumamos a paciente. Ando até ela que parece em choque por tudo e apavorada pelos filhos.

- Vamos leva-la para o pós parto e logo estará no quarto.

- Quero ver meus filhos?

- Quando estiver bem o pediatra passará para conversar com vocês e dizer como estão.

Seguro sua mão.

- Ele vai fazer de tudo pelos seus bebês.

Sorri e logo é levada. Saio da sala já arrancando minhas roupas. Vejo o Sr. Silva e o Sr. Ribeiro sentados na sala de espera. O Sr. Silva se levanta e me

olha.

- Um menino e uma menina.

Começa a chorar.

- Como eles estão?

- Estão sobe os cuidados do pediatra. O menino não teve problemas algum, mas a menina estava sufocando com o cordão.

- Ela esta bem?

- Ainda não sei.

- A culpa é minha. Estava dirigindo aquele carro...

- Sr. Silva o cordão no pescoço não tem nada ligado ao acidente. Talvez o acidente tenha evitado algo pior se a gestação prosseguisse.

- Obrigado!

- Não precisa agradecer.

Agora chegou minha hora de ir.

Entro no vestiário e escuto a discussão.

- Como você pode fazer isso Fátima?

- Cala a boca Torres.

- Você tem noção da dor que vai causar a uma família com isso?

- Você queria o que? Que fosse processada por essa família rica, dona da merda da cidade toda por matar a filha deles?

- E por isso você troca uma menina saudável de família pobre por uma morta?

- Será melhor pra eles cuidar apenas de um.

Vou até o canto assustado com o que ouvi.

- O que vocês fizeram?

O pediatra que estava comigo na sala de parto me olha assustado.

- Nada.

Fátima diz olhando pra ele.

- Me diz que a garota trocada não é a que lutei agora pouco pra manter viva.

Seus olhos descem para o chão.

- Você trocou a menina dos Silva pela dos Ribeiro?

- Lombard fizemos a coisa certa.

- Coisa certa Fátima?

Grito avançando nela.

- Tem um homem lá fora cheio de culpa, doido pra abraçar sua garotinha.

- Ele vai ter o garoto pra abraçar.

Agarro o braço dela com força.

- Os dois são filhos dele.

- Não vou ser processada por perder uma criança.

- Se você é uma merda de uma médica o problema é seu, mas essa família não pode sofrer por culpa sua.

A solto sentindo a raiva crescer em meu peito.

- Já está feito! A garota agora é uma Ribeiro. Vai ter um belo futuro pela frente.

- Você é louca!

Aponto o dedo em sua cara.

- Se não contar a verdade, eu conto.

Fátima agora me olha de um jeito feroz.

- Ninguém vai contar nada.

- Eu vou...

Quando me viro para sair e desfazer a merda, sinto uma pancada na cabeça e tudo se apaga.

16 ANOS DEPOIS

NARRAÇÃO FERNANDO RIBEIRO

Escuto batidas na porta.

- Entra!

A porta se abre e Clara surge linda. Esta usando um vestido vermelho e seus cabelos longos castanhos estão soltos. Sorri ao me ver em frente ao espelho.

- Quer ajuda?

Fecha a porta e vem em minha direção. Para na minha frente e coloca a mão em minha camisa.

Fecho meus olhos e aspiro seu doce cheiro. Amo tanto o cheiro dela. Na verdade amo tudo nela e isso é estranho. Sei que somos irmãos e é errado, mas meu corpo não entende isso. Clara começa a fechar os botões da minha camisa.

- Estamos fazendo 16 anos. Acredita nisso?

Seu sorriso é encantador, mas não tanto quanto seus olhos azuis. Ela é tão perfeita.

Olho o relógio e começo a rir.

- Na verdade eu estou fazendo 16 anos, você ainda não nasceu.

Fecha o ultimo botão e desce a mão passando pelo meu peito que queima.

- Você adora ser o mais velho.

- Sim... É sinal que mando em você.

Revira os olhos e não tem como rir.

- Fecha os olhos!

Pede e ergo minha sobrancelha, questionando o porque disso.

- Fecha logo, Fernando.

Fecho meus olhos e a sinto pegar minha mão. Coloca algo sobre ela.

- Abra...

Assim que abro meus olhos, vejo uma corrente com a letra C.

- Para nunca se esquecer de mim.

Abro um enorme sorriso.

- Esquecer como se me persegue desde o meu nascimento.

- Grosso!

Leva a mão ao pescoço e puxa a corrente que usa de dentro do vestido.

- Estará sempre comigo também.

Alisa com seu dedo a letra F de sua corrente. Olho o relógio.

- Acho que agora posso te dar parabéns. Oficialmente já nasceu.

Nos abraçamos e permaneço com o rosto em seu pescoço, aproveitando seu corpo no meu.

- Eu te amo!

Sussurra e me solta de seu abraço.

- Agora é minha vez de dar o presente.

- Adoro os presentes que me dá.

- Eu sei. Fecha os olhos.

Clara fecha os olhos e respiro fundo. Me aproximo, colando nossos corpos. Sua respiração acelera.

Seguro seu rosto em minhas mãos. Deslizo meu nariz sobre o dela, então selo nossos lábios. Sua boca é quente, seus lábios são macios. Não me rejeitou o que é bom, já que somos irmãos. Coloca a mão em meu peito e agarra minha camisa, me puxando para continuar. Sua boca se abre e deslizo minha língua para dentro dela, em busca de sua língua. Clara me entrega sem exitar e começamos o melhor beijo da minha vida. Nossos

lábios se encaixam perfeitamente. Paro de beijá-la sentindo o desespero de mais.

- Por que fez isso?

Sussurra com a testa colada a minha.

- Por que eu te amo e te quero!

- Sou sua irmã, já conversamos sobre isso. Não confunda seu amor de irmão.

- Eu te desejo como um homem e sei que isso é errado, mas não posso controlar.

Abre os olhos e me encara.

- Me diz que não sente nada quando esta perto de mim e nunca mais te toco.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

- Isso que sentimos um pelo outro não é amor de irmão.

- É sim...

Aproximo meus lábios de seu pescoço. Apenas passo ele de leve em sua pele sensível que arrepiá e ela geme.

- Seu corpo não reconhece o meu como de irmãos.

Sigo beijando seu pescoço até seus lábios. Beijo-a novamente para sentir seu gosto e seu calor.

- Para!

Me empurra nos afastando.

- Isso é errado.

- Não pra mim.

Segue para a porta.

- Clara!

Pega na maçaneta da porta e posso ouvir seu choro.

- Estou indo para Londres em 30 dias.

- O que?

- Já conversei com nossos pais. Vou estudar em Londres.

CAPÍTULO 2

30 DIAS DEPOIS

Faz 30 dias que não olho ou falo com Clara. Ainda não consegui engolir o fato de fugir assim para Londres. Como ela pode simplesmente ir e ignorar tudo assim? Me jogo na cama e encaro o teto.

- Fernando!

Minha mãe me chama batendo na porta.

- Vem jantar com a gente, filho. É o último jantar com a nossa Clara.

Me viro de lado na cama, ignorando a porta e a merda desse jantar.

- Filho!

Minha mãe diz com a voz triste.

- Estamos tristes também, mas você tem que aceitar a escolha de sua irmã e apoia-la.

Minha vontade é de gritar que ela esta fugindo de mim, de nós. Que nos amamos desde sempre, mas que para a nossa infelicidade somos irmãos. Fecho meus olhos e decido apenas permanecer calado.

- Estamos te esperando.

Fala e posso ouvir seus passos se afastando da porta. Meu celular vibra com uma mensagem.

De: Clara

Para: Fernando

Não quero ir embora sem falar com você.

De: Fernando

Para: Clara

Não quero que vá embora.

Espero sua resposta, mas ela não vem. Jogo o celular na cama e encaro o teto novamente. Sei que nossa história é impossível, mas tem que ter uma solução. Nós podemos fugir e viver esse amor proibido longe daqui, dos olhos e julgamentos de todos. Não consigo me sentir culpado por esse sentimento, diferente de Clara. Ela sempre tentou esconder ou ignorar, dizendo que estávamos confundindo com amor de irmão. Não tem noção do quanto meu corpo grita pelo dela e isso não é coisa de irmão. Fecho meus olhos me lembrando de quantas vezes tentei alguma coisa com uma garota e não consegui nada por pensar nela. Sou o único virgem entre meus amigos e a culpa é dela que não sai da minha cabeça. Consegui afastar os garotos de sua vida, mas ela em Londres não vou poder fazer nada. O ciúmes cresce em meu peito imaginando-a com alguma pessoa. Odeio esse sentimento. Odeio ser irmão dela.

Olho o relógio e são 2:45 da madrugada e ainda não preguei meu olho. O voo de Clara sai às 08hs.

Escuto batidas na porta.

- Fernando, abre a porta.

Clara pede sussurrando, mas não vou abrir. Quem sabe a culpa não a faça desistir.

- Você precisa me entender.

A voz dela é de choro. Meu coração esta doendo pra caramba, mas não posso. Ela não diz mais nada e acho que foi embora. Em menos de seis horas não estará mais aqui. Vou perder a minha Clara. Me levanto da cama, determinado a fazer ela ficar. Saio do meu quarto rumo ao dela.

Coloco a mão na maçaneta da porta e sinto que meu coração vai sair pela boca. É agora Fernando...

Faça ela ficar com você e não a deixe ir. Abro a porta de seu quarto e entro. Clara me olha e vejo seus olhos vermelhos de chorar. Tranco a porta e a observo. Meu corpo automaticamente segue até o dela, nossos olhos sem desviar.

- Fica...

Peço parado a sua frente.

- Como?

Ela começa a chorar de novo.

- Como posso ficar aqui com isso?

Ergue os braços nervosa.

- Nós vamos dar um jeito.

- Que jeito Fernando? Sou sua irmã e isso nunca vai mudar.

- A gente foge. Vamos embora daqui e começamos uma vida diferente.

Se afasta de mim ficando de costas.

- Vamos fugir dos olhos dos outros, mas...

Se vira pra mim.

- Não vamos fugir do sentimento de errado e culpa.

Tenta tocar meu rosto, mas a impeço.

- Esse sentimento é só seu, Clara. Não me sinto culpado por te amar.

- Eu sou sua irmã...

Grita levando a mão a cabeça.

- Isso é errado de todas as formas possíveis.

- E sua solução é fugir de mim?

- Sim...

Ando até ela e toco seu rosto.

- Mesmo você longe, ainda vou te amar.

- Não fala isso.

- Pode fugir pra qualquer lugar do mundo. Eu ainda vou te amar.

Puxo sua cabeça de encontro a minha e a beijo. Não rejeita e me devolve o beijo na mesma intensidade. Assim que solto seus lábios, observo seu rosto.

- Esquece o mundo lá fora.

Toco seu braço e encaro seus olhos.

- Somos só nós dois aqui dentro.

Avanço em sua boca e volto a beijá-la com amor, com tudo o que sinto, implorando para que ela seja minha e fique. Suas mãos estão em meu peito, me permitindo fazer o que quiser com ela, como se estivesse entregando seu corpo e sua alma a mim. Começo a me abaixar beijando seu pescoço, o meio de seus seios sobre a camiseta e minha mão desce para sua bermuda. A desço e vejo sua calcinha. Beijo sua perna e ela geme. Subo os beijos até sua boca novamente.

- Ergue os braços.

Peço e Clara ergue. Retiro minha camiseta e em seguida puxo a dela. Ela apenas me observa hipnotizada. Esta sem sutiã e mantém as mãos para cima. Nossos olhares não se desviam, desço minha mão em seu corpo quente e perfeito. Sinto seus seios e cada contorno de seu mamilo endurecendo ao meu toque. Estamos os dois ofegantes.

- Eu nunca...

Calo seus lábios com o meu.

- Eu também não e fico feliz que seja com você.

A puxo para mim envolvendo meus braços em seu corpo.

- Você é minha e eu sou seu.

Sussurro em seu ouvido e ando com ela até a cama.

- Apenas não fuja, Clara...

Deito seu corpo com calma na cama e beijo seu pescoço, ouvindo seus gemidos de prazer. Desço beijando seus seios e sua barriga. Os seios dela são tão firmes e perfeitos. Quando chego perto de sua calcinha sigo com a mão para dentro dela.

- Fernando!

Geme meu nome quando a toco e posso senti-la molhada. Me lembro que não tenho camisinha.

- Não estamos com camisinha.

Sussurro beijando sua barriga.

- Mamãe me faz tomar remédio.

A menção de nossa mãe faz Clara ficar tensa e não quero que ela pense nisso. Me arrasto sobre seu corpo e a beijo. Posso senti-la voltar pra mim. Suas mãos descem para minha calça e começa a puxar, levando junto à cueca. Esta com as mãos tremendo e coloco a minha sobre a dela acalmando-a. Já mais calma e com a minha ajuda, retiramos o resto das nossas roupas. Me acomodo entre suas pernas e ela me olha. Tão linda... Direciono em sua entrada e suas pernas envolvem minha cintura. Sua mão segura a minha e empurro, fazendo-o entrar nela. Nós dois soltamos um gemido alto quando estou completamente dentro dela. Não me movo, apenas sentindo seu aperto e como ela é quente. Quando percebo que esta bem, começo a me mover. Busco seus lábios enquanto a amo. Estou amando com meu corpo a minha Clara...

- Fernando...

- Clara...

Beijo seu pescoço e volto para seus lábios, sem deixar de me mover. Passa as mãos em minhas costas me puxando mais para o seu corpo. Quando meu peito toca o dela e nossos corações praticamente se escutam, nossos corpos se libertam e o sinto pulsar dentro dela, junto com seu aperto em torno dele. Isso é amor de homem e mulher... Não pode ser de irmãos. Quando nossos corpos se acalmam, saio de cima da Clara. Estamos ofegantes encarando o teto do quarto. Sem dizer nada, completos, nossas mãos se encontram. Então se vira pra mim e não consigo tirar o sorriso idiota do meu rosto. Ela apenas ergue a mão e toca minha bochecha. Não diz nada e deita sobre o meu peito. Suspira e deixa um leve beijo.

- Fica aqui! Você viu que o que temos vai além do sangue.

Digo beijando sua cabeça. O silêncio é sua resposta, mas sei que dentro dela existe uma briga entre ficar e fugir. Só espero que ela fique.

Tento abrir meus olhos, mas a claridade do quarto é forte. Clara nunca fecha a cortina. Minha mente automaticamente já me traz as lembranças dessa noite. Me viro para ver Clara e não a encontro.

- Clara...

Olho em volta e nada. Olho o relógio e vejo que são 9hs.

- Clara...

O desespero começa a crescer dentro de mim. Me levanto e encontro sobre as minhas roupas dobradas um papel. Meu coração acelera. Pego o papel com a letra da Clara.

" Me desculpa...

Não posso fazer isso.

A culpa sempre vai existir e me impedirá de te amar como deve ser.

Vai ser melhor assim.

Com amor...

Clara"

CAPÍTULO 3

09 ANOS DEPOIS

Encaro os 04 contratos a minha frente sem a menor vontade de olha-los. Meu telefone toca e dou graças a Deus que vou poder empurra-los pra depois.

- Pronto!

- Sr. Ribeiro.

- Fala, Andrea.

- Sua mãe no telefone.

Respiro fundo sabendo bem qual o motivo dessa ligação.

- Pode passar.

Em segundos escuto sua voz.

- Filho!

- Oi, mãe!

- Parabéns, meu bem!

- Obrigado, mãe!

Ela começa a chorar no telefone.

- Mãe, não chora.

- É que eu me lembro da noite que tive vocês.

- Era pra você se lembrar e ficar feliz.

- Eu sei.

Suspira se acalmando.

- Estou ligando para avisar que está tudo certo para o jantar de hoje.

- Obrigado!

- Estou tentando ver se sua irmã vem hoje.

- Mãe, faz 9 anos que ela não coloca os pés em São Paulo.

- Ela disse que talvez viria.

- Diz isso todos os anos.

Digo olhando a minha foto e de Clara no porta retrato sobre a minha mesa. Minha mãe me deu no nosso aniversário de 21 anos. Passo a mão em minha testa tentando afastar as lembranças daquele dia de merda.

- Queria saber o que aconteceu para vocês se tornarem dois estranhos assim.

- Ela foi para Londres.

“E fodeu com a possibilidade de sermos felizes juntos.”
Tenho vontade de dizer, mas permaneço calado.

- O amor de vocês era tão lindo.

- Mãe, você quer mais alguma coisa?

- Sim...

Suspira nervosa.

- O que foi?

- Você vai mesmo ficar noivo dessa menina?

- Já falamos sobre isso.

- Fernando, você não a ama.

- Aprendo a amar.

- Aprende a amar antes de tomar uma decisão dessas.

- Você mesma vive dizendo que na minha idade já estava casada e grávida.

- Já tinha seu pai e o amava.

- Ela é legal, não me irrita e estamos juntos há 06 meses.

- Meu filho olha a forma como você fala desse relacionamento.

Me repreende e me arrependo de ter fugido dos contratos para falar com a minha mãe.

- Vou ficar noivo da Carla e pronto. Se não for nesse jantar vai ser longe de vocês.

- Não faça isso.

- Então para de me irritar e aceita a minha decisão.

- Esta bem!

Respiro aliviado por ela não continuar no assunto.

- Você já ligou pra sua irmã?

Fecho meus olhos e conto até 10.

- Fernando...

- Não, mãe! Há 9 anos não falo com a Clara e você sabe disso.

- Ela precisa saber que vai noivar. É algo importante e...

- Mãe preciso desligar. Beijos!

Desligo o telefone sentindo que minha cabeça vai explodir. A merda desse dia não pode ser pior.

Termino meu banho e me encaro no espelho. Uma sensação estranha cresce em meu peito como se alguma coisa fosse acontecer. Ignoro o sentimento e sigo para o meu quarto. Começo a me vestir e meu celular vibra com uma mensagem.

De: Carla

Para: Fernando

Parabéns Fernando...

Hoje será um dia importante para nós dois. Estou ansiosa!

Te amo!

Jogo o celular na cama ignorando a mensagem melosa da Carla. Coloco meu sapato e sigo para a minha camisa. Meu celular começa a tocar e assim

que olho, vejo um número desconhecido. Pego o celular e atendo.

- Alô!

- Oi!

Meu corpo todo arrepia. Me sento na cama com o coração acelerado.

- Fernando...

- Fala!

Digo ainda não acreditando que é Clara. Ela suspira e acho que assim como eu, esta nervosa.

- Só queria te dar os parabéns.

- Acho que você perdeu alguns aniversários.

- Tentei te ligar.

Encaro o chão e todo aquele sentimento guardado por esses anos começa a me sufocar.

- Me desculpa Clara, mas não posso falar agora.

- Uma hora vamos ter que conversar.

- Ótimo! Para de se esconder em Londres.

Desligo o telefone e o jogo na parede. Por que ela tinha ligar hoje? Estava bem ignorando tudo e tentando viver minha vida. Passei um bom tempo socando essa merda toda em uma caixa e agora ela vem querendo soltar. Preciso beber alguma coisa.

Chego na casa dos meus pais e minha mãe logo me olha assustada.

- O que aconteceu com você?

- Nada.

- Você esta cheirando bebida.

Pega meu braço e me carrega para dentro do meu antigo quarto.

- Vai para o chuveiro.

- Não.

- Você esta um lixo no dia do seu aniversário e seu noivado.

- Que se dane meu aniversário e esse noivado de merda.

Digo sendo empurrado para o banheiro e rapidamente minha mãe liga a ducha, fazendo a água fria bater em meu corpo.

- Acho que é a bebida falando. Tome um banho enquanto arrumo uma roupa do seu pai pra você.

Assim que ela sai do banheiro, me sento no chão frio e sinto as lágrimas escorrendo. Merda de vida!!!!

Termino de me arrumar sobe o olhar da minha mãe.

- O que aconteceu?

- Nada...

- Fernando, sou sua mãe.

Ajeito minha camisa.

- Vamos descer.

Ela se aproxima e coloca a mão em meu peito.

- Sinto falta do meu filho.

Diz com os olhos marejados.

- Ele desapareceu há 9 anos.

- Deve ter ido pra Londres com a Clara.

Me afasto e sigo para fora do quarto. Assim que desço a escada, vejo Carla e seus pais na sala. Respiro fundo e sigo até eles. Estendo minha mão para seu pai que sorri ao me cumprimentar. Sua mãe me abraça toda sorridente. Quando chego em Carla, desvio de sua boca e beijo seu rosto. Ela me olha sem entender nada e nem eu entendo a merda que fiz, mas a sensação de que não posso beijá-la surge em mim. É culpa da merda da ligação da Clara. Esta de novo em meu corpo e minha mente.

- Tudo bem?

Carla pergunta me olhando.

- Sim. Só um dia de merda.

Sorri de forma suave e nos sentamos. A conversa flui entre nossos pais, mas estou distante demais. Talvez em Londres.

- O jantar está servido.

Minha mãe anuncia e seguimos para a sala de jantar. Assim que nos sentamos, sinto a mão da minha namorada em minha perna e isso me incomoda. Retiro sua mão e sei que está me olhando, mas a ignoro.

- Batatas?

Minha mãe pergunta apontando para as batatas assadas.

- Não... obrigado!

- Eram as preferidas da Clara e suas.

- Faz 9 anos que não como essas batatas, mãe.

Não diz nada e continua conversando com a mãe da Carla.

Após o jantar seguimos para a sala para um licor. Minha mãe me proibi de beber e fico apenas no café.

- Como anda os negócios, Fernando?

- Muito bem!

- Carla me contou que sua empresa vem ganhando espaço no mercado.

- Não é fácil trabalhar com Marketing, mas estou saindo bem.

- Fernando é muito inteligente e extremamente competente.

- Uma mulher apaixonada.

A mãe da Carla comenta e ignoro. Minha mãe se aproxima, sem ninguém perceber.

- Não vai fazer o pedido?

- Que pedido?

- A mão da Carla.

- Esqueci.

Me olha brava e reviro os olhos.

- Como se esquece de pedir a mão de sua futura esposa?

Ignoro sua pergunta, seu olhar e me levanto.

- Gostaria da atenção de todos.

Digo alto e todos me olham.

- Hoje é um dia especial para mim e gostaria de torná-lo ainda mais especial.

Enfio a mão em meu bolso e antes de puxar a caixinha, a porta da sala de abre. Todos se viram assustados para a porta, para ver o que esta acontecendo e meu coração para de bater por segundos ao vê-la entrar.

- Oi!

Diz timidamente e solta sua mala.

- Clara!

Minha mãe diz correndo até ela. Abraça minha irmã forte e vejo meu pai indo até elas. Não consigo pensar ou me mexer. Seus olhos encontram os meus e me sinto totalmente vulnerável. Anda até mim e sinto que meu coração bate no ritmo de seu caminhar. Para a minha frente. Minha mão segue para o seu rosto, para ver se ela realmente esta aqui.

- Oi!

CAPÍTULO 4

9 ANOS ATRAS

NARRAÇÃO CLARA

Acabei de fazer amor com meu irmão. Isso não podia ter acontecido. Sem dizer nada, encaramos o teto. Sinto sua mão na minha, por um momento a culpa some e uma ponta de esperança cresce em meu peito. Me viro e vejo Fernando sorrir. Quero gravar o rosto dele pra sempre assim dentro de mim. Ergo minha mão e toco seu rosto sentindo cada detalhe. Queria poder fazer o tempo parar e nunca mais sair daqui com ele. Queria poder não me sentir culpada por esse amor que me sufoca.

Me deito sobre seu peito e fecho meus olhos, ouvindo cada batida de seu coração.

- Fica aqui! Você viu que o que temos vai além do sangue.

Beija minha cabeça e engulo a vontade de chorar. Não sei o que fazer. Me sinto completamente perdida. Imagino o desgosto dos meus pais e a luta contra o mundo por esse amor. Deus! Só queria entender por que e como esse sentimento nasceu entre nós dois? Queria tanto não ser irmã dele e poder me entregar de corpo e alma. A respiração do Fernando é suave e quando ergo minha cabeça o vejo dormir. Ele parece não sentir culpa e isso me machuca ainda mais. Se ficarmos juntos serei o peso. Machucaria nós dois por causa desse sentimento. Saio de seu peito e me viro na cama sentindo as lágrimas descerem pelo meu rosto. Se eu for embora, talvez ele supere esse sentimento e possa encontrar alguém que o ame sem problema algum. Posso viver sozinha com isso tudo, mas não me perdoaria fazê-lo

sofrer. Me sinto tão perdida. Fecho meus olhos e deixo o choro silencioso vir com tudo. Então sinto seus braços em torno de mim e seu corpo colar ao meu. Assim que Fernando se encaixa em meu corpo, solta um suspiro de alívio.

- Vou te amar pra sempre.

Digo segurando sua mão em minha cintura.

- Sempre...

Não dormi nada. Termino de fechar minha mala. Pego meu casaco e vejo as roupas dele no chão.

Pego uma por uma e dobro, colocando sobre a cadeira. Vejo em minha mesa um caderno e as canetas. Não vou conseguir olhar nos olhos dele e dizer que não posso superar o fato de sermos irmãos. A dor vai ser insuportável. Escrevo um bilhete sem conseguir parar de chorar. Queria poder dizer tantas coisas a ele, mas preciso que esqueça esse sentimento. Coloco a carta sobre as roupas dele e ando sem fazer barulho até a cama. Fernando está dormindo tão tranquilo. Aliso seu cabelo e desço meu dedo para seus lábios. Ele suspira, mas não acorda. Me inclino e beijo seus lábios pela última vez.

- Aqui deixo meu coração.

Sussurro chorando e me levanto.

- Adeus, Fernando!

Ando até a porta e abro. Passo por ela e me viro antes de fechá-la. Sinto meu coração quebrar quando começo a fechar a porta dando um fim a nós. O caminho para o aeroporto é silencioso. Meus pais conversam animados sobre Londres e planejam quando vão me visitar. Encaro a janela e a chuva é intensa. Só quero chegar logo em Londres e poder soltar esse choro que ainda existe dentro de mim. Encaro a chuva e sinto uma lágrima escorrer.

- Chegamos!

Meu pai anuncia na entrada do aeroporto.

- Vamos te levar até o embarque.

- Não precisa.

Digo sorrindo para eles.

- Ainda não acredito que Fernando não está aqui para se despedir.

- Conversamos de noite.

- Fico feliz, meu bem!

Beijo minha mãe e saio do carro. Meu pai sai do carro e pega a minha mala

- Toma!

Me abraça forte.

- Sabe que pode voltar né, meu bem?

- Sei pai.

- Qualquer coisa ligue. Saia dessa chuva.

- Vou sair.

Ele entra no carro e parte, liberando passagem aos outros carros.
Respiro fundo sentindo a chuva em meu corpo.

- Por você Fernando...

5 ANOS DEPOIS

Hoje completamos 21 anos. Durante cinco anos não tive coragem de ligar pra ele.

- Anima Clara...

Graziela entra no meu quarto sorridente.

- Vamos beber e comemorar seu dia.

Esta agitada como sempre quando vai a algum bar.

- Graziela, só vou porque você insistiu muito.

- Faz cinco anos que sou sua amiga e nunca vi você comemorar um aniversário se quer. Não namora, não beija na boca. Vive com as caras nos livros.

- Eu gosto.

Ela revira os olhos. Antes de sair para em frente a uma foto minha e do Fernando, que minha mãe enviou de presente.

- Precisa me levar pra conhecer sua família. Principalmente esse seu irmão gostoso.

Um sentimento estranho cresce em meu peito e não gosto de pensar neles se conhecendo.

- Termina de se arrumar e vamos.

- Hoje é dia de festa!!!!

Grita fechando a porta. Me encaro no espelho. Devia ligar para ele, ver se esta bem. Vejo meu celular na escrivaninha. Dizer que sinto sua falta e que

cada parte do meu corpo ainda pertence a ele. Balanço minha cabeça afastando essa loucura. Você conseguiu ficar longe por 5 anos, não seja mole agora. Arrumo meu cabelo e passo um batom. Talvez uma bebida me ajude a esquecer um pouco meu passado hoje.

O barzinho esta lotado e a música é alta. Graziela nos leva para uma mesa com alguns amigos dela. Um deles me lembra Fernando e isso já me deixa desconfortável.

- O que vai beber?

- Cerveja.

Digo a ela que já segue para o balcão.

- Oi!

O garoto parecido com Fernando diz se aproximando.

- Oi!

- Sou Teddy!

- Clara!

Olho onde Graziela esta para saber porque demora. Acho a louca já beijando alguém no balcão. Deus, ela é rápida!

- Você nunca vem para o bar com a Graziela.

- Não gosto de bar.

Me levanto para sair e ele segura meu braço.

- Onde vai?

Puxo meu braço de seu aperto irritada.

- Não é da sua conta.

Me afasto e sigo para o bar.

- Graziela, vou embora.

Sussurro pra ela que me olha assustada.

- Por que?

- Não devia ter vindo.

- Nem vem, Clara.

Pega a minha mão e me leva de volta pra mesa.

- Prometo ficar com você.

Em segundos nossa mesa é preenchida por bebidas.

- Nossa noite.

Diz sorrindo me passando uma cerveja.

Faz mais de 3 horas que estamos bebendo sem parar. Isso é bom! Minha mente não esta mais ligada a ele.

- Vira Clara...

Graziela grita e viro mais uma dose de tequila. Minha cabeça roda.

- Preciso ir ao banheiro.

Grito tonta e ela ri.

- Vai lá!

Me levanto meio tombando e sigo para onde a placa indica banheiro feminino. Assim que chego vejo a fila enorme.

- Merda!!!

Paro na fila e suspiro, quando Fernando volta aos meus pensamentos. O que será que ele está fazendo agora? Provavelmente comemorando com alguma garota. Um gosto amargo surge em minha boca. A fila começa a andar e meu celular vibra. Assim que pego, vejo uma mensagem da minha mãe.

De: Mãe

Para: Clara

Ligue para o seu irmão. Esse silêncio precisa acabar.
XXXX-XXXX

Salvo o número que ela me passou. Percorro meu dedo sobre o botão de discar. Olho a fila enorme e respiro fundo. Aperto o botão e levo o celular ao meu ouvido. Meu coração está acelerado.

- Fernando...

Fecho meus olhos ao ouvir sua voz. Toda a coragem pra falar com ele some.

- É você?

Pergunta e não consigo segurar as lágrimas.

- Não vai falar nada?

Apenas suspiro sem conseguir abrir a boca pra dizer nada.

- Se vai me ligar pra me torturar é melhor não ligar, Clara.

Encaro o chão e tomo coragem.

- Se vai continuar em Londres me esquece.

Desliga o telefone sem me deixar falar nada.

- É sua vez garota.

Sou empurrada para o banheiro e entro. É isso... Ele esta bem sem mim e é melhor assim.

4 ANOS DEPOIS

Atravesso a rua correndo, evitando os carros. Estou atrasada para uma reunião com uma cliente. O frio não ajuda muito a correr. Acho o local onde ela marcou. É uma casa antiga, espaçosa, que ela pretende ajeitar para construir sua família. Nada que uma boa arquiteta como eu não consiga resolver. Olho em volta e nada da cliente ainda. Meu celular vibra. É a minha mãe.

De: Mãe

Para: Clara

Parabéns minha pequena flor pelo seu dia. Queria poder ligar, mas hoje esta corrido demais. Aniversário e noivado do seu irmão. Assim que a correria acabar te ligo.

Te amo!

Sinto minhas pernas fraquejarem. Noivado? O ar começa a fugir dos meus pulmões enquanto respondo a mensagem dela.

De: Clara
Para: Mãe

Noivo? Como assim? Quem é ela? Como ela é?

Deus, estou com ciúmes?! Tudo bem que estou longe há 9 anos, ele ter encontrado alguém como eu queria... Eu queria? Inferno!!!! Me encosto na parede da casa. A resposta da minha mãe vem rápido.

De: Mãe
Para: Clara

Sim... o nome dela é Carla. A garota parece boa, mas nitidamente seu irmão não a ama. Tenho medo dele estar fazendo isso por impulso, apenas por fazer. Vou mandar foto dela.

Assim que a foto abre levo um susto. O que você vai fazer da sua vida Fernando? Que merda ele está fazendo? Busco o nome da Graziela nos meus contatos e disco.

- Fala amorzinho...

- Desmarque a cliente de hoje e as do resto da semana.

- Por que?

- Estou indo pra São Paulo.

Desligo o telefone um pouco tonta por voltar. Não posso deixar ele fazer isso.

CAPÍTULO 5

DIAS ATUAIS

NARRAÇÃO FERNANDO

- Oi!

Sussurro observando seu rosto. Clara esta ainda mais linda e seus olhos mais azuis do que nunca. Minha mente esta dando um nó tentando entender o que ela faz aqui.

- O que você veio fazer aqui?

Pergunto ainda segurando seu rosto.

- Precisamos conversar.

- Agora?

- Sim...

Tomado pelo desespero de tocá-la e senti-la novamente, agarro sua mão e a puxo para o andar de cima da nossa casa, mais precisamente meu antigo quarto.

- Fernando...

Ignoro o chamado de Carla e continuo subindo a escada. Abro a porta e entro com Clara. Sem espera-la falar, avanço em sua boca e selo nossos lábios. Tudo dentro de mim se acalma. Por nove anos estive em uma tormenta e agora tudo se acalma como um milagre.

- Fernando, não!

Clara separa seus lábios dos meus.

- Para!

- Por que você veio?

Pergunto encarando seus olhos.

- Vim impedir que você cometa o maior erro da sua vida.

Seus olhos estão tristes.

- Você não pode se casar com essa mulher.

- Você só veio pra isso?

- Sim...

Solto seu rosto me sentindo um idiota por achar que ela veio por mim, por nós. Me afasto e sigo para a porta.

- Não fuja de mim, Fernando.

- Eu fugir?!?!?!?

Grito me virando pra ela.

- Quem correu para Londres pra fugir de mim foi você Clara.

- Eu precisava.

- Não... Você não precisava. Se não estava disposta a lutar por nós, bastava me dizer que eu entenderia.

- Você não entenderia, Fernando. Seria uma tortura vivermos de baixo do mesmo teto amando um ao outro.

- Você foi covarde.

Seus olhos ficam marejados.

- Fiz por você. Precisava me esquecer e achar alguém que pudesse fazê-lo feliz.

- Ótimo! Já achei. Pode ir se enfiar em Londres novamente.

- Ela não é a pessoa certa pra você.

- Como você tem certeza disso?

- Você esta tentando achar uma Clara.

- Não estou...

Cruza os braços e me olha irritada.

- Ela se chama Carla.

- E você Clara.

- Consegue ver a semelhança?

- Quer dizer que a porra do nome parecido já faz você concluir que estou tentando achar você na Carla?

- Ela é uma cópia de merda minha.

- Não é.

- Fernando ela tem cabelos castanhos e olhos azuis.

Respiro fundo e não vou dar o braço a torcer. Realmente me aproximei de Carla por causa da semelhança, mas ela não chega aos pés da Clara.

- Gosto de morenas.

Ela dá um passo em minha direção.

- É só uma casca parecida comigo.

- Ela é muito melhor que você.

Clara paralisa me olhando.

- Carla nunca me machucou. Se quer feriu meus sentimentos ou fodeu a minha vida.

Meu peito dói ao lembrar da dor que senti e ainda sinto.

- Esta do meu lado quando preciso. Carla não foge quando os problemas surgem.

- Você não a ama.

- Não...

Digo sentindo meus olhos arderem.

- Acho que nunca mais vou voltar a amar de novo.

Suspiro desviando dela e indo para a janela. Posso ouvir seus passos em minha direção.

- Não cometa o erro de casar sem amor.

- O que isso importa pra você?

Pergunto me virando pra ela.

- Se não vai ser você, então para de tentar cuidar da minha vida.

- Se não serei eu, que seja pelo menos alguém que te mereça e que você sinta algo pelo menos. Por tudo que nossa mãe me contou, você se quer nutre carinho por ela.

Então tudo se torna claro pra mim.

- Você esta com ciúmes...

Posso ver os olhos dela arregalarem assustados.

- Por isso esta aqui. Você esta com ciúmes.

- Não é ciúmes, Fernando.

- Sei...

Começo a rir, porque realmente gostei de saber disso. Ela ainda sente algo por mim e veio de Londres até aqui movida pelo ciúmes.

- Para de rir.

- Não... Estou amando ver o que seu amor por mim esta fazendo.

- Eu...

Tenta parecer indiferente.

- Eu não te amo.

Sua voz quase nem sai.

- Ama sim. Você passou 9 anos em Londres escondendo esse amor e quando percebeu que podia me perder, veio de volta pra mim.

- Você é um idiota.

Bate em meu ombro.

- Diz que ainda me ama.

- Não...

Ando até ela que da um passo pra trás.

- Diz que me ama e mando a Carla pro inferno.

- Não...

Ando ainda mais até ela, até seu corpo bater na parede.

- Só termino com ela se me der um bom motivo.

- Você não a ama.

Meu corpo cola no de Clara e ele está vivo depois de tanto tempo.

- Não quero esse motivo.

- Você não vai ser feliz com ela.

- Com quem eu seria feliz?

Lambe os lábios encarando os meus perto dos dela.

- Quem pode me fazer feliz, Clara?

- Sei o que está fazendo.

- O que estou fazendo?

- Não vai ouvir da minha boca, Fernando. Continuo com o mesmo pensamento.

Minha mão direita percorre a lateral de seu corpo e ela fecha os olhos suspirando.

- Sua opinião continua a mesma, assim como seu corpo?

Sigo para sua orelha.

- Sua cabeça diz que somos irmãos.

Sussurro e desço para seu pescoço, deixando um beijo nele. Geme de um jeito gostoso. Subo minha boca para seu ouvido novamente.

- Seu corpo diz que sou seu homem.

Sigo para sua boca e a beijo. Seus lábios como sempre acolhem os meus sem medo e culpa. Suas mãos sobem para o meu cabelo e ela me puxa ainda mais para seu corpo. Estamos os dois queimando de desejo. Com a minha mão direita puxo sua perna esquerda para cima e me encaixo mais nela. Empurro seu corpo na parede e me esfrego nela com vontade.

- Para!

Pede ofegante, mas não me empurra. Sua cabeça se inclina e meus lábios descem para seu pescoço.

- Fernando, para...

Agora suas mãos me empurram.

- Não!

Me afasto dela, soltando seu corpo.

- Isso não pode acontecer.

Vai começar a ladainha de merda de novo.

- Volta pra Londres, Clara!

- Não, até eu ter certeza que você não vai se casar com essa mulher.

- Então compre a porra do vestido de madrinha.

Digo sentindo a raiva em meu peito.

- Já que não me ama e não vai ser você a mulher que vai viver ao meu lado pro resto da vida.

Aponto para ela.

- Então vai ser qualquer coisa e no caso a Carla.

Me viro pra ir embora.

- Não vou deixar você se casar com ela.

- Volta pra Londres pra não ver. Minha vida estava melhor sem você aqui.

Grito abrindo a porta e saindo.

- Fernando, nós não terminamos.

- Terminamos sim.

Desço a escada correndo e sigo pra porta de saída.

- Amor!

Escuto a voz da Carla.

- Agora não!

Abro a porta da sala e sigo pra fora em direção ao meu carro. Entro nele e saio cantando pneu.

Hoje definitivamente foi um dia de merda.

CAPÍTULO 6

NARRAÇÃO CLARA

Seus lábios nos meus são implacáveis e me sinto completamente perdida. Um misto de proibido com desejo dentro de mim. Seu corpo esta ainda mais colado ao meu e posso sentir ele duro. Nossos corpos ainda estão conectados, mesmo depois de 9 anos. Isso é bom... Muito bom, mas não posso permitir que continue.

- Para!

Peço, mas parece que ele me ignora. Descolo meus lábios fugindo dele, mas sua boca acha o ponto sensível do meu pescoço.

- Fernando, para...

O empurro quando vejo que estou quase cedendo.

- Não...

Tento parecer firme e ele se afasta de mim.

- Isso não pode acontecer.

Seus olhos que antes eram puro desejo, agora estão sombrios.

- Volta pra Londres, Clara.

- Não, até eu ter certeza que você não vai se casar com essa mulher.

- Então compre a porra do vestido de madrinha.

Ele não me colocaria como madrinha dessa burrice.

- Já que não me ama e não vai ser você a mulher que vai viver ao meu lado pro resto da vida.

Seu dedo esta em minha cara.

- Então vai ser qualquer coisa e no caso a Carla.

Se vira pra ir embora e minha vontade é de bater nele pra ver se acorda.

- Não vou deixar você se casar com ela.

- Volta pra Londres pra não ver. Minha vida estava melhor sem você aqui.

Ele não disse isso?!?!?!? Será que estava bem e só vim fazer merda?

- Fernando, nós não terminamos.

- Terminamos sim.

Fernando desce a escada correndo e me arrependo de estar de salto.

- Amor!

A minha cópia de merda diz com cara de sofrida.

- Agora não!

Sai para a garagem e mesmo eu acelerando o passo, ainda não consigo alcançá-lo e vejo seu carro partindo em alta velocidade.

- O que eu perdi?

Pergunta meu pai parando ao meu lado.

- Nada...

- Ainda tento entender o que houve com vocês.

Minha mãe me abraça de lado.

- Vocês eram tão ligados, um defendendo o outro e agora...

- Se odeiam profundamente.

Meu pai completa. Suspiro e fecho meus olhos. É o contrario pai. Isso não é ódio, é amor.

- Estou preocupada com o Fernando.

A voz anasalada daquela coisa surge atrás de mim. Me viro tentando manter a calma.

- Vou para o apartamento dele ver se esta bem.

- Não...

Digo firme e todos me olham.

- Vamos conversar um pouco. Quero conhecer minha cunhada.

Tento parecer um pouco feliz e ela sorri.

- Seu irmão precisa de mim.

- Não precisa não. Se bem conheço ele, não vai para o apartamento dele.

- Como sabe?

- Sei tudo sobre o Fernando e agora deve estar indo para o lugar preferido dele.

Passo por ela evitando tocá-la.

- Se puder me acompanhar. A conversa não vai demorar.

- Nós te esperamos.

Escuto a mulher que parece ser a mãe da Carla falando.

- Já volto!

Entro em casa e sigo até o escritório do meu pai, se é que ainda é o escritório dele.

Abro a porta e tento não sorrir ao ver que tudo esta igual.

- Entra.

Dou passagem a coisa e ela entra. Fecho a porta e ela logo dispara.

- O que quer falar comigo?

Respiro fundo e aponto a cadeira. Ela se senta e me sento ao seu lado.

- Vou tentar ser direta.

- Seja rápida.

- Fernando não te ama.

- E?!?!?!?

A cara dela de que não se importa me deixa ainda mais irritada. Encaro seu rosto e me irrito ao ver que realmente somos parecidas.

- Você vai aceitar se casar com um homem que não te ama?

Um sorriso diabólico surge em seus lábios.

- Ele me faz feliz. Muito feliz!

Então tudo se torna claro. Esta com ele por causa do dinheiro.

- Acha mesmo que ele vai ficar muito tempo casado com você, quando perceber quão fútil é?

- O que acontece entre vocês?

- Não mude de assunto.

Digo quase gritando. Ela se levanta rindo.

- Sei que tem alguma coisa, mas o que eu imagino que seja é nojento demais.

Sinto meu corpo arrepiar.

- Irmãos com desejo?

Diz com cara de nojo.

- Isso é doentio demais, sabia?

- Não sei do que esta falando.

Minhas mãos estão frias.

- Acho estranho o fato dele chamar seu nome durante o sexo.

Oh merda!!!! Me levanto da cadeira.

- Deve ser saudade.

- Saudade da irmã enquanto transa?

- O sexo com você deve ser uma bosta, ele sai do corpo e viaja até Londres pensando em mim. Tudo pra não ficar no tédio que é seu sexo.

Carla agora me encara com fogo nos olhos.

- Ele sonha com você. Pede para não ir, porque te ama.

- Nós éramos muitos ligados, sofremos com a separação. Amor de irmão.

Agora ela está rindo.

- Você está tentando mesmo me esconder o fato de que você e Fernando são bem íntimos.

- Somos irmãos gêmeos e amor é uma coisa comum.

- E o fato de sermos parecidas, ele me foder chamando por você também é coisa de irmãos.

Sua voz agora é de ironia.

- Se você acha que temos algo e que ele está com você para me substituir, por que ainda sim vai se casar com ele? Onde está seu amor próprio?

Carla começa a rir alto.

- Depois que ele faz a merda e percebe o que fez, me enche de presentes. Essa é a melhor parte.

- Você é uma aproveitadora. Não vou deixar Fernando casar com você. Voltei pra São Paulo pra impedir esse casamento.

Vem andando em minha direção.

- Acho que vai desistir disso e voltar pra sua vidinha em Londres.

- Não vou desistir.

- Vai sim.

Se afasta de mim e segue para a porta.

- Vai desistir em nome de sua bela família.

- Esta ameaçando a minha família?

Segura a maçaneta e não abre a porta.

- Imagina o desgosto da sua mãe ao saber que seus filhos são dois amantes pecadores.

- Você não faria isso.

- Se continuar ferrando com a minha vida e impedir esse casamento, conto ao mundo sobre os irmãos Ribeiro.

A raiva cresce dentro de mim.

- Acho que não temos mais nada para conversar, cunhadinha.

Abre a porta e sai como se não tivesse tacado uma bomba sobre mim. Me sento na cadeira e levo meu rosto as minhas mãos. As coisas só pioram ainda mais. Devia ter ficado em Londres e deixado Fernando se casar com essa merda e perceber sozinho a vaca que ela é. Meu coração aperta. Só a menção dela fazendo sexo com ele me deu vontade de vomitar. Pensar nele com outra pessoa me faz desejar morrer. Me lembro dela dizer que ele chama por mim. Mesmo sendo com ela, seu corpo e sua mente me imaginam ali. Estamos fodidamente perdidos pelo resto de nossas vidas. Escuto a porta se abrir e se fechar do escritório.

- Agora me conta o que esta acontecendo?

Ergo a cabeça e vejo minha mãe aflita.

- Carla é uma vaca interesseira e meu irmão uma anta por querer casar com ela.

- Eu sabia.

Diz se sentando ao meu lado.

- Aquela cara de santa dela é falsa. Como Fernando não percebeu?

Ele não percebeu porque aquele rostinho o faz lembrar da pessoa que ele realmente ama.

- Tentou ligar pra ele? Ver se esta bem.

- Ele não atende.

Me levanto suspirando.

- Preciso de um carro.

- O seu esta na garagem.

Diz com um enorme sorriso.

- Acho que irei finalmente usar meu presente de aniversário.

- Sim...

Pego minha bolsa e sigo para o carro.

- Não enfrente seu irmão.

Minha mãe diz parada ao lado da minha porta.

- Ele mudou muito nesses 9 anos.

- Eu também mudei, mãe.

- Deu pra perceber.

Ligo o carro e respiro fundo.

- Não me espere pra dormir.

- Apenas cuide de seu irmão.

É o que mais quero mãe... É o que eu mais quero.

CAPÍTULO 7

NARRAÇÃO FERNANDO

Paro o carro e pela primeira vez no dia, todo meu corpo relaxa. Não sei porque vim pra essa merda de lugar, mas aqui estou eu. Encaro o pequeno lago a minha frente. Esse era o ponto de encontro da nossa turma na nossa adolescência. Passávamos grande parte do nosso tempo aqui. Alguns garotos com seus carros e suas garotas. As lembranças vão surgindo conforme observo o local. Foi aqui que disse a Clara pela primeira vez que a amava. Aqui que demos nosso primeiro beijo. Tento afastar as lembranças. Não faço ideia do porque vim pra esse lugar. Saio do carro e me encosto nele, olhando a lua iluminar o lago. Na verdade sei porque vim aqui. Porque desde que ela foi embora, corro pra cá para lembrar de nossos momentos. Para não deixar a saudade me enlouquecer. Subo no capô do carro e me deito. Observo o céu quase sem estrelas. Ela esta ainda mais

linda. Seu corpo esta com mais curvas. Sinto um arrepio em meu corpo ao lembrar do nosso encaixe no meu antigo quarto. A sensação de que ela foi feita para se encaixar, apenas em mim. Será que isso é coisa de gêmeos?!?!? Escuto um barulho de carro se aproximando e imagino que seja algum casal para namorar. Mantenho meus olhos no céu e só consigo pensar nela. Escuto passos em minha direção e quando viro a cabeça, Clara surge.

- Sabia que estaria aqui.

Diz com a voz doce e volto a encarar o céu.

- Você sempre amou esse lugar.

Fecho meus olhos respirando fundo. Amo esse lugar porque possui lembranças nossas. De momentos que ela esqueceu por segundos que somos irmãos. Posso senti-la perto do carro.

- Precisamos conversar. Como adultos dessa vez.

- Não aqui...

Digo suspirando e abrindo os olhos.

- Não fode o único lugar no mundo que me sinto bem.

Posso sentir meu carro balançar quando Clara sobe nele. Se deita ao meu lado, mas não me toca.

Estamos os dois olhando as estrelas.

- Senti sua falta.

Sua voz é baixa e quase posso sentir dor.

- Por que não veio me ver?

- Porque seria sempre uma tortura o meu retorno para Londres.

- Pensei tantas vezes em ir para Londres te ver.

- Por que não foi?

Viro a cabeça e ela esta me olhando.

- Porque seria sempre uma tortura ter que te deixar lá e voltar.

Estamos nos olhando intensamente agora.

- Várias vezes peguei meu celular para te ligar.

- E desistiu?

Clara confirma com a cabeça.

- Nunca consegui te ligar.

- Você ainda me odeia por eu ter ido?

- Não é ódio.

Evito olhar em seus olhos.

- No começo apenas me odiei por não ter feito mais para você ficar.

Ela ergue minha cabeça.

- Acho que nada do que tivesse feito mudaria minha opinião.

Suas mãos alisam meu rosto.

- Pode parecer lindo o que sentimos um pelo outro, mas é errado. Muito errado!

- Então você ainda sente algo.

- Fernando, para!

Pede tirando a mão do meu rosto.

- Não me tortura assim.

- Me amar é uma tortura pra você?

- Te amar e não poder ser sua é uma tortura pra mim.

Seus olhos agora estão brilhando pelas lágrimas que surgem.

- Você acha que fui e não sofri? Acha mesmo que todos esses anos vivi bem em Londres?

Suas lágrimas escorrem.

- Não teve um dia que eu não acordei nesses 9 anos e chorei pela dor da distância e pelo sentimento dentro de mim.

Seco suas lágrimas e pela primeira vez vejo que não foi só eu que sofri como um condenado.

- Precisamos achar uma solução para nós dois.

- Não se case com a Carla.

- Você vai ficar comigo?

- Você sabe que isso não é uma possibilidade.

- Pra mim é.

- Em que mundo você vive? Onde no mundo vão aceitar dois irmãos juntos de forma carnal?

- Vamos criar o nosso mundo. Onde o amor entre irmãos é livre.

Ela abre um pequeno sorriso.

- Nesse mundo só existirá nós dois.

- Posso viver assim.

- Não podemos fazer isso com nossos pais.

Me afasto dela e volto a encarar o céu. Não estou na pegada de reiniciar essa mesma discussão. Não aqui nesse lugar e nem nunca, acho. Estou cansado de sempre chegarmos ao mesmo ponto.

Nossos pais!!!! Ela se arrasta até mim e deita em meu peito. Seu braço vem para a minha cintura e me aperta contra ela.

- Você andou malhando.

Diz rindo e olho pra baixo, vendo-a se esfregar em meu corpo como se estivesse achando um encaixe melhor.

- Tinha que usar o tesão reprimido pra alguma coisa.

Ela agora esta gargalhando.

- Estranho um homem com tesão ao lado de outros homens, gastando isso malhando.

- Tinha mulheres também. Muitas mulheres.

Seu corpo fica tenso e provoca-la é sempre bom. Acho que achei finalmente uma função para Carla na minha vida. Usa-la pra provocar Clara. Sinto um pingo em meu rosto e do nada a chuva começa com tudo.

- Merda!

Nós dois falamos ao mesmo tempo correndo para o meu carro. Entramos rindo, vendo nossos corpos molhados.

- Tinha me esquecido do tempo louco de São Paulo.

A chuva aumenta e o carro começa a ficar embaçado.

- Isso me lembra os tempos de colégio.

Digo olhando para ela.

- Nosso primeiro beijo.

- Foi em uma noite de muita chuva, nesse mesmo lugar, que nos beijamos pela primeira vez.

- Sim...

Me viro pra ela que esta ofegante.

- Ninguém podia nos ver e ninguém imaginaria que os irmãos estariam se beijando no carro.

Meu corpo automaticamente se aproxima do dela.

- Estávamos em uma bolha.

- Nossa bolha.

Diz se aproximando de mim também. Levo minha mão a sua nuca e Clara fecha os olhos.

- Novamente nela.

Sussurro a puxando para a minha boca. Beijo forte sem dar tempo de pensar se é certo ou errado.

Clara vem para o meu colo entregue ao desejo. Senta em mim e me beija

com a mesma força e fome. Eu a quero tanto!!! Começo a tirar sua blusa. Sua boca esta em meu pescoço me dando chupões leves e sinto sua língua. Ele já esta mais do que duro roçando o meio das pernas dela que geme. Jogo a blusa no banco quando termino de tirar. Meus movimentos ficam limitados com o volante.

- Pra trás.

Sussurro em seu ouvido e começamos a nos arrastar para o banco de trás. Sua mão puxa minha camisa desesperadamente e assim que ela consegue tirar, joga pra frente. Quando volto a beija-la, sinto sua mão em minha calça para abri-la. Desço minha boca pelo seu pescoço, meio do sutiã e Clara geme meu nome. Ainda tem o doce som, como foi em nossa primeira vez. Subo para sua boca e deixo um beijo suave em seus lábios me esfregando nela.

- Minha Clara...

Sussurro encarando seus olhos.

- Finalmente é você aqui comigo.

Seu corpo paralisa e seus olhos se arregalam.

- Para!

Diz me empurrando desesperada.

- Por que?

Não diz nada e pula para o banco da frente. Pega sua blusa e abre a porta do carro.

- Clara, volta aqui!

Grito mas ela já esta correndo na chuva para o seu carro. Pulo para o banco da frente e quando saio do carro só consigo ver o carro dela saindo como

louco na estrada molhada.

- Clara!

CAPÍTULO 7

NARRAÇÃO CLARA

- Minha Clara...

Fernando sussurra com os olhos apaixonados nos meus.

- Finalmente é você aqui comigo.

As palavras da Carla ecoam dentro de mim.

" Acho estranho o fato dele chamar seu nome durante o sexo."

Ele ainda esta com ela e eu aqui quase me rendendo a essa loucura.

- Para!

O empurro, sentindo meu estômago revirar.

- Por que?

Salto do banco de trás para a frente, sentindo um desespero, pego minha blusa e saio do carro.

- Clara, volta aqui!

A chuva é intensa em meu corpo, e as dores causadas pelos pingos fortes aliviam a agonia da minha alma. Abro a porta do carro e entro jogando a blusa no banco ao lado. Fecho a porta e já ligo o carro. Acelero e saio derrapando um pouco.

- Clara!

Fernando me gritando em desespero. Era o que faltava para explodir o choro de dentro de mim. As lágrimas acompanham a chuva intensa e meus olhos ficam desfocados. A merda do limpador não está ajudando muito com a chuva. Vejo uma luz intensa em minha direção e uma buzina alta me fazendo perceber que estou no meio da pista. Em segundos vejo o caminhão desviar de mim evitando um acidente, mas perco o controle do carro que começa a derrapar e em seguida rodar. Tento manter o controle na direção e meu coração acelera quando vejo uma árvore. Piso no freio e puxo o freio de mão, fazendo o carro deslizar, mas consigo parar próximo da árvore evitando a colisão. Minhas mãos estão tremendo segurando firme o volante. Por um segundo a possibilidade de morrer e fugir de tudo isso passa pela minha cabeça. Seria uma forma de nenhum dos dois mais sofrer com isso tudo. Coloco minha testa no volante, afastando o pensamento desagradável e imbecil. Então para o meu desespero o carro todo apaga e fico na escuridão.

- Dia maravilhoso! Obrigado Deus...

Resmungo irritada.

- Já não basta me fazer amar meu próprio irmão, agora isso?!

Me encosto no banco e encaro a chuva. O rosto dele vem em minha mente. A forma como me olhou quando cheguei foi como se o tempo não tivesse passado.

O mesmo desejo e amor só que com um pouco de saudade.

" Diz que me ama e mando a Carla pro inferno."

Ele quer ouvir que ainda o amo, mas não posso fazer isso. Confirmar isso lhe daria esperanças de algo que não podemos ter. Limpo minhas lágrimas. Precisa deixar a Carla por ele e não por nós. Precisa entender que ela não vai diminuir sua dor ou tampar um buraco em seu peito. Se ela pelo menos o amasse, seria capaz de ignorar a dor em meu peito e não impedir esse casamento. Meu celular começa a tocar em minha bolsa. Assim que o pego, vejo o nome do Fernando piscar. Seu nome brilha na tela várias e várias vezes. Estou no meu limite e não posso mais lidar com ele hoje.

Liga mais quatro vezes, antes de deixar uma mensagem.

De: Fernando

Para: Clara

Me diz onde esta. Por favor!

Respiro fundo e deslizo meu dedo sobre sua mensagem. Estou no inferno, Fernando. No fundo do poço buscando uma saída pra nós. Tenho vontade de responder, mas apenas ignoro a mensagem. Então mais uma mensagem surge.

De: Fernando

Para: Clara

Clara, estou preocupado! Me diz apenas se esta bem.

De: Clara

Para: Fernando

Acha mesmo que estou bem? Apenas me deixe um minuto sozinha.

Mando a mensagem e joga o celular no banco, ouvindo mais uma mensagem chegar. Deito meu banco e espero a chuva passar para poder pedir ajuda. Meu celular volta a tocar e irritada o pego.

- Fernando, me deixa em paz...

Grito já furiosa.

- Tem alguém bem irritadinha hoje.

Respiro fundo e por um minuto me sinto mais calma ouvindo a voz dele.

- Teddy é tão bom ouvir sua voz!

- Que bom! Imagino que seu irmão deva estar te causando grandes problemas.

- Você não faz ideia.

Ele começa a rir e como sempre sua risada me faz rir também.

- Graziela me disse que saiu correndo de Londres para a casa dos seus pais. O que aconteceu?

- Nada.

- Clara, no dia do seu aniversário do nada você corre pra São Paulo sem me avisar e ainda cancela a sua agenda da semana. Isso pra mim não parece nada.

Permaneço calada vendo a chuva diminuir.

- Estou na sua vida há 05 anos e você nunca me contou o motivo que a trouxe a Londres.

- Gosto de frio.

- Meu anjo, sei que tem alguma coisa! Você esconde algo importante que a faz chorar todos os dias.

- Não começa, Teddy.

Agora ele quem se cala.

- Só vim matar a saudade da família.

- Conheço seu tom de voz. Sei quando esta chorando ou acabou de chorar. Será que depois de 5 anos secando suas lágrimas sem saber o motivo, eu não mereça finalmente saber?

- Queria que estivesse aqui.

- Se tivesse ai me contaria?

- Sim...

Digo rindo.

- Chego de manhã cedo.

- Você odeia avião.

- Anjo, por esse segredo enfrento o medo de voar.

Amo tanto o Teddy! Ele e Graziela sempre foram meu refugio em momentos assim.

- Preciso desligar.

- Tudo bem!

- E antes que ache que esqueci. Parabéns... Te amo, anjo!

- Obrigada, Teddy!

- Quando chegar em São Paulo amanhã, te dou meu presente.

- Vou acreditar nisso.

- Boa noite!

- Boa noite, Teddy!

Desligo o telefone e vejo que já são 2hs da manhã e tenho 12 mensagens do Fernando. Ignoro tudo e busco na internet algum atendimento mecânico 24hs.

Respiro fundo quando finalmente sou deixada pelo guincho em minha casa. Meu carro ficou na mecânica e o cara do guincho gentilmente se ofereceu para me levar pra casa. Assim que abro a porta da sala, verifico que está silencioso. Meus pais devem estar dormindo. Subo a escada para ir pro meu quarto. Preciso desesperadamente da minha cama. Assim que abro a porta do meu antigo quarto, me assusto vendo Fernando sentado na minha cama. Ergue os olhos e se levanta nervoso.

- Clara!

Respiro fundo e sigo para a mesinha deixar minhas coisas.

- Estava preocupado com você.

- Estou bem! Tive problemas com meu carro.

- Por que não me avisou?

- Por que não sou um problema seu, Fernando.

Ando até minha cama e me sento. Me inclino para tirar os meus sapatos, sinto ele se aproximar. Não me atrevo a erguer minha cabeça. Sua mão segura meu queixo e ele sobe meu rosto para encara-lo.

- Você sempre será meu problema. O problema que vou viver o resto da minha vida protegendo e...

Para a frase e respira fundo.

- Você parece cansada.

Solta meu rosto e se afasta indo pra porta.

- Fernando!

O chamo e ele se vira.

- Realmente não quero que se case com ela.

- E eu realmente quero que você seja minha, Clara. Mas nem tudo é como queremos.

CAPÍTULO 8

NARRAÇÃO FERNANDO

Não sei mais pra onde ir ou o que fazer. Clara simplesmente não me atende, não responde as mensagens e essa merda de chuva com ela dirigindo me assusta pra caramba. Percorri toda a estrada duas vezes e não vi nada do carro dela. Minha ultima tentativa é a casa dos meus pais.

Paro o carro em frente e não vejo movimento nenhum dentro de casa. Desço do carro e sigo para dentro de casa. Vasculho as chaves da casa em minha carteira e acho. Minha mãe sempre fez questão de nos dar cópias. Entro em casa sem fazer barulho e subo direto para o quarto dela. Abro a porta e vejo tudo vazio e escuro. Onde você esta Clara?!?!? Entro no quarto e vejo sua mala. Me sento na cama e pego meu celular.

De: Fernando

Para: Clara

[.....]

Meus dedos travam e não consigo digitar nada. O pequeno espaço vazio da mensagem reflete como estou agora. Extremamente vazio sem saber o que fazer ou pensar. Todas as vezes que levei Clara ao limite de seu sentimento ela fugiu de mim. Me declaro ela se sente culpada e corre. Preciso arranjar uma forma dela ser minha sem lhe causar dor. Se eu simplesmente terminar com a Carla, ela vai voltar pra Londres, então isso não é opção. Manter essa namorada ao meu lado é como manter Clara. Passo a mão em meu rosto pela irritação de ter que manter esse relacionamento. Ter Clara aqui só me

fez ver o erro que quase cometi com um noivado de merda. Estive tentando matar esse sentimento, mas agora percebo que ele nunca vai morrer. O único jeito é fazer Clara entender que não adianta fugir. Ela é minha e eu sou dela. Sei que vou machuca-la as vezes ao estar com Carla, mas precisa se livrar da culpa e talvez o medo de me perder seja o jeito. Nada mais de declarações de amor. Sem eu te amo. Por nós... Me sento na cama e a porta do quarto se abre. Ergo a cabeça e sinto alívio.

- Clara!

Não diz nada e começa a soltar suas coisas em uma mesinha.

- Estava preocupado com você.

- Estou bem! Tive problemas com meu carro.

Me levanto e ando pra perto dela.

- Por que não me avisou?

- Por que não sou problema seu, Fernando.

Se senta na cama e parece exausta de todas as formas possíveis. Espero terminar de se livrar de seus sapatos e me aproximo, erguendo seu rosto pra me olhar.

- Você sempre será meu problema. O problema que vou viver o resto da minha vida protegendo e...

Paro antes de dizer amando. É melhor sair de perto dela.

- Você parece cansada.

A solto e resolvo ir embora.

- Fernando!

Me viro assim que escuto seu chamado.

- Eu realmente não quero que se case com ela.

- E eu realmente quero que você seja minha, Clara. Mas nem tudo é como queremos.

Ando até seu corpo e beijo sua cabeça.

- Descanse...

Saio do quarto e fecho a porta. Minhas pernas travam sem um pingo de vontade de se mover.

Não quero ir embora. Tenho medo de amanhã acordar e ouvir da minha mãe que minha irmã voltou pra Londres. Posso ficar em meu quarto antigo.

Assim só por hoje, posso vigia-la. Vou para o meu quarto.

Me sento na cama após colocar uma das minhas calças antigas. Olho o lado vazio da cama e imagino ela ali. E se ela se for sem avisar?!?!? Partir como fez da outra vez. Parecia muito abalada, cansada e talvez possa desistir de me convencer a deixar Carla. Me levanto da cama rumo ao quarto da Clara. Abro a porta e lá esta ela, dormindo. Respiro aliviado e ando até sua cama. Me sento ao seu lado e observo-a dormir. A vontade de toca-la é enorme. Levo minha mão até a dela.

Solta um suspiro com o meu toque, mas não acorda.

- Infelizmente vou precisar fazer você sofrer pra ficar comigo.

Sussurro segurando sua mão.

- Levar seus sentimentos por mim ao limite para que eles sejam maiores que a culpa.

Respiro fundo e me deito ao seu lado, sem me aproximar de seu corpo.

- Espero que me entenda depois.

Abro meus olhos e vejo a claridade pela janela. Clara ainda esquece de fechar suas cortinas. Olho em meu peito e a vejo agarrada a mim dormindo. Apenas aliso seu cabelo e me permito ter um minuto de ilusão com essa cena se repetindo várias vezes. Começa a respirar mais pesado e seu corpo vai se esticando, ainda colado ao meu. Sua mão alisa meu peito e ela geme meu nome de olhos fechados. Tento não sorrir, mas é impossível.

- Fernando!

Diz assustada se levantando e sentando na cama. Me olha sem entender nada e apenas dou um pequeno sorriso.

- O que faz aqui?

- Como assim? Você me chamou a noite toda.

- Eu !?!?!?

Leva a mão a boca se lembrando de alguma coisa. Então percebo que ela sonhou comigo.

- Era sonho?

Pergunto me levantando e me sentando em frente a ela.

- Não...

- Você é uma péssima mentirosa. Sempre foi.

Me rastejo pra perto do seu corpo e beijo o canto de sua boca.

- Bom dia!

Seu corpo já amolece a minha frente e isso já me deixa empolgado para tortura-la. Desço para seu pescoço e beijo dando uma pequena sugada. Clara geme e seu corpo levemente vai se jogando pra trás. Ainda esta excitada com o sonho que teve. Posso sentir em cada parte de seu corpo arrepiado.

Começo a tirar sua camiseta. Jogo a camiseta pra fora da cama e vou empurrando seu corpo com o meu até ela se deitar. Puxo sua pequena bermuda e sua calcinha, deixando-a nua. Subo sobre seu corpo e a beijo.

- Fernando, não...

Tenta dizer alguma coisa, mas enfio minha língua em sua boca a calando. Assim que a deixo sem ar, solto seus lábios e desço pelo seu corpo sem toca-la, mostrando onde quero ir. Seu corpo estremece quando meus lábios roçam de leve a pele da sua barriga. Queria dizer a ela o quanto fica linda assim excitada, mas tenho medo dela fugir como sempre. Seus olhos brilhantes apenas me observam. Coloco minha boca sobre seu sexo e Clara geme alto. Começo a beija-la nessa parte, dando lambidas e afundando a língua algumas vezes. Suas pernas vão se contorcendo e ela agarra o lençol, conforme aumento a intensidade.

- Clara!

Minha mãe começa a bater na porta.

- Merda!

Clara sussurra, mas não paro.

- Oi!

Grita de volta com a voz rouca.

- Você viu Fernando?

Olho pra Clara e sorrio com a boca ainda nela.

- O Fernando?!?!?!

- Sim Clara, seu irmão Fernando. Carla esta aqui o procurando e vimos o carro dele lá fora.

Solto seu sexo e Clara resmunga alguma coisa sobre Carla. Tenho que admitir que Carla surgir agora é foda, mas vendo minha garota assim frustrada e com ciúmes é muito bom.

- Ele esta sim! Veio me perturbar como sempre. Já estou expulsando ele daqui.

Suas pernas vão me empurrando da cama e caio no chão.

- Merda!!!

Resmungo sentindo dor. Salta da cama e coloca a camiseta e a bermuda. Corre para a porta e abre.

- Ali esta ele.

- Filho o que faz no chão?

Minha mãe me olha assustada.

- Minha irmã querida me fez dormir no chão do quarto dela, pois estava assustada com a chuva.

Clara ergue uma sobrancelha e minha mãe sorri para mim.

- Acho que vocês estão começando a se entender novamente.

- Estamos sim, mãe.

Digo me levantando.

- Pode avisar a Carla que já desço?

- Claro! Vão almoçar com a gente?

Clara me encara brava.

- Claro que sim! Almoço em família.

- Que maravilha!

Se vira feliz da vida e segue para o andar de baixo. Ando até porta para sair e paro ao lado de Clara. Me inclino em seu ouvido.

- Depois terminamos.

Me da um tapa no braço e me empurra pra fora. Não consigo parar de sorrir.

Estou na sala, sentado ao lado de Carla ouvindo minha mãe e Clara conversarem empolgadas sobre Londres. Minha namorada já tentou me beijar duas vezes e neguei.

Não quero perder o sabor de Clara de meus lábios. A campainha toca e minha mãe vai atender.

- Quando volta pra Londres?

Carla pergunta com um sorriso estranho.

- Quando terminar de exterminar uma barata nojenta daqui de casa.

Cuspo a bebida rindo e levo um beliscão da louca que levou uma bem no meio.

- Clara, é pra você.

Assim que nos viramos pra porta vejo um homem.

- Ai meu Deus!!!! Teddy.

Clara grita e sai correndo até o homem. Pula em seu colo e ele a abraça cheio de braços e apertos.

Que porra é essa? Quem é esse cara? Tira essas mãos dela? Vou socar esse cara em 5 segundos. Assim que ele me olha percebo que somos parecidos. Não acredito que ela arranhou uma versão de merda minha.

CAPÍTULO 9

NARRAÇÃO CLARA

Minha mãe me faz mil perguntas sobre Londres e como é o meu apartamento. Tento manter a atenção em nossa conversa, mas meus olhos sempre desviam para o casal no sofá a frente. Estou um pouco irritada, incomodada e enciumada com as tentativas da Carla de beija-lo. Para o meu alívio ele está fugindo e ainda me olha pra ver se estou de olho. Minha vontade é de gritar pra ela que essa boca acabou de sair do meio das minhas pernas e ainda tem meu gosto, para parar de tentar beija-lo. As lembranças dele enfiado onde não devia, surgem e preciso usar muita força pra focar na minha mãe. A campainha toca e minha mãe vai atender.

- Quando volta pra Londres?

Carla pergunta com um sorriso cretino no rosto. Ela acha mesmo que vou me amedrontar e parar de tentar fazer Fernando largá-la?!?!?!?

- Quando terminar de exterminar uma barata nojenta daqui de casa.

Fernando cospe a bebida enquanto ri e a vejo belisca-lo e sussurrar alguma coisa.

- Clara, é pra você.

Me viro pra porta e não acredito no que vejo.

- Ai meu Deus!!! Teddy.

Saio do sofá feliz pra caramba por vê-lo aqui e corro para ele. Pulo em seu colo e Teddy me abraça apertado.

- Oi, anjo!

- Não acredito que veio mesmo.

- Disse que sempre que precisasse, estaria ao seu lado.

Beija meu rosto e me coloca no chão.

- Não vai nos apresentar o seu amigo.

A voz grossa e irritada de Fernando surge ao nosso lado. Teddy mantém um braço em meu corpo e estica a outra mão.

- Teddy!

Fernando pega sua mão e aperta firme.

- Fernando!

Oh merda!!!! A cara do meu querido irmão é impagável agora. Ele esta com ciúmes do Teddy? Minha mãe abraça o Teddy, e meu pai aperta sua mão.

- Prazer em conhecê-lo.

- O prazer é todo meu, Sr. Ribeiro. Pensei em passar no hotel primeiro antes de vir, mas a saudade de você era maior.

Teddy diz me olhando com seu enorme sorriso.

- Que bom que veio aqui primeiro. Imagina que vou deixar você ficar em um hotel. Vai ficar aqui em casa, pertinho de mim.

- Vai o que?

Fernando pergunta quase gritando.

- Temos um quarto extra e adorariamos recebê-lo.

Minha mãe diz, irritando ainda mais o Fernando.

- Vem aqui que ainda não te abracei pelo seu aniversário. Saiu de Londres antes de me ver.

Teddy me abraça forte e sinto uma vontade louca de chorar. Que inferno!!!! Me afasto segurando o choro.

- Mãe, vou levar Teddy para o quarto de hospedes.

- Assim que o almoço estiver pronto chamo vocês.

- Obrigada!

Posso sentir os olhos do Fernando queimar meu corpo enquanto ando abraçada com Teddy para o andar de cima.

- Esse é o seu irmão?

Teddy sussurra na escada. Entramos no corredor dos quartos.

- Sim...

Paro em frente a porta do quarto de hospedes e abro. Teddy entra e fecho a porta.

- Anjo, que homem é esse?!?!?!?

Finalmente Teddy solta seu lado gay e não tem como não rir.

- Quando apertou minha mão daquele jeito, quase cai de joelhos e pedi pra esse homem ser meu.

- Teddy, se comporta.

- Lindo, com um aperto forte e olhos de fodedor.

- Ai meu Deus!!!!

Digo rindo alto.

- Diz pra mim que ele é gay.

- Não é. Aquela coisa grudada nele é sua quase noiva.

- Amorzinho, já vi homem casado e gay. Ter uma mulher ao lado não é motivo pra ser macho.

- Vai por mim... ele não é gay.

Afirmo me sentando na cama e suspirando ao lembrar de tudo que já passamos e nossa primeira vez. Ele é homem e um homem perfeito.

- Tão lindo uma irmã defendendo um irmão.

Se senta ao meu lado e segura minha mão.

- Enganei minha família por anos. Todos afirmavam que eu era macho ativo e na verdade era um belo macho passivo.

- Quem vê você na rua nem imagina seu nível de safadeza homossexual.

Ele me abraça forte.

- Tenho chance com seu irmão então.

- Não tem não.

- Amor, só se sabe provando a fruta, então você não pode me dar tanta certeza.

Meu corpo fica tenso e sinto meu rosto queimar.

- Clara!

Merda...merda...merda...merda... Me levanto da cama e tento relaxar o corpo.

- Como foi a viagem?

- Clara, não começa.

Se levanta e vem em minha direção.

- Sinto cheiro de algo aqui.

- Impressão sua.

Segura meu rosto e foca em meus olhos. Incrível como se parece fisicamente com Fernando. Cabelos castanhos escuros, olhos mel e a pele branca. Lábios perfeitos e nariz pontudo.

- Vi a forma como ele te olhou, a forma como queria me matar lá embaixo. Pensei ser coisa de irmão, mas agora vejo que tem algo mais.

Respiro fundo e Teddy arregala os olhos.

- Anjo, você está pegando seu irmão?

Me afasto dele ao sentir em sua voz um tom reprovador. É isso que quero evitar na minha vida e de Fernando.

- Espera! Você ter ido pra Londres com 16 anos...

Fecho meus olhos sabendo que ele é esperto suficiente pra desvendar a merda toda.

- Clara!

Me viro e o vejo sentado na cama.

- Pelo amor de Deus!!!! Me conta tudo que minha mente já está entrando em parafuso.

- Você quer mesmo saber de tudo?

- Tudinho! Já viu bicha fugir de um babado? Imagina um babado desse.

Sorri e bate na cama.

- Vem! Prometo não julgar. Sei como é difícil encarar olhares de julgamento.

Me sento na cama ao seu lado e conto tudo detalhadamente. Quando percebi que o amava. Nosso primeiro beijo e declaração. Nossa primeira vez e minha fuga para Londres. Finalizo falando da Carla e a merda que ele esta fazendo para me esquecer.

- Misericórdia!

Ele esta chocado, de boca aberta.

- Tem certeza mesmo que são irmãos?

- Sim...

- Esse sentimento assim por um irmão não é normal.

- Somos gêmeos.

- Ai caramba! Impossível então questionar a ligação sanguínea.

- Sim...

- Não sei o que pensar ou o que dizer pra ajudar.

Me deito em suas pernas.

- Não sei o que é pior. Estar longe dele com todo esse amor ou estar aqui caindo na tentação com muita culpa.

- Ele esta te torturando?

- Sim. Você não faz ideia.

- Tortura boa?

- Boa demais.

Ele começa a rir.

- E se fizer as coisas de olhos fechados e fingir não ver?!

- Não...

Digo rindo.

- Lindo, gostoso e com pegada?

- Muita pegada. Não sei até quando vou aguentar.

- Se entregar não é uma opção?

- Não...

Me levanto de seu colo.

- Então volta pra Londres.

- Teddy, não posso deixar Fernando se casar com essa mulher. Ele esta tentando transformar essa coisa em mim. Ele se quer a ama. Aceitaria essa união se existisse sentimento ali.

- Você já falou pra ele isso?

- Sim... Tenho a sensação que ele ainda esta com ela pra me irritar.

- Isso pode ser possível.

- É tão difícil me manter longe dele.

Então os olhos de Teddy brilham.

- Posso ajudar.

- Como?

- Se você tiver um homem lindo ao seu lado, ele talvez não se aproxime.

Encaro Teddy rindo.

- Um homem lindo ao meu lado?

- Sim... que fosse seu falso namorado.

- E esse homem seria?

Ele faz uma pose sexy e gargalho alto.

- O gostoso gay a sua frente.

- Isso nunca daria certo.

- Vai dar sim. Já fizemos isso no tempo de faculdade.

- Fizemos uma ou duas noites pra afastar os caras chatos da balada.

- Sim.

- Agora seria uma semana com você engolindo seu lado gay.

- Minha única dificuldade seria não suspirar vendo seu irmão.

- Você não vale nada.

- Nadinha.

- Você vai ficar uma semana aqui comigo?

- Anjo, faria qualquer coisa por você.

Me abraça forte.

- Mas se tivermos que nos beijar, não coloca a língua.

Estamos gargalhando e batidas surgem na porta, nos calando. Me afasto de Teddy e respiro fundo.

Vou até a porta e abro. Fernando me olha e sem dizer nada entra no quarto.

- O almoço esta pronto.

Teddy cola seu corpo no meu e me abraça.

- Vamos!

Sussurra sexy em meu ouvido me levando pra fora do quarto. Fernando nos observa com um sorriso atentado. Aquela sensação de que isso vai dar merda surge dentro de mim. Andando com Teddy no corredor, ele se inclina pra mim.

- A voz dele quase me fez gemer de tesão.

- Controla sua bicha interior.

- Ela esta no chão agora com esse homão gostoso.

- Recolhe ela e a tranca em algum lugar.

CAPÍTULO 10

Deus!!!! Isso não vai dar certo. Se Teddy soltar a bicha interior dele, vai ficar estranho.

- Anjo!

Ele sussurra enquanto descemos a escada e posso sentir Fernando atrás de nós.

- Fala!

- Vou pegar na sua bunda.

Já diz metendo a mão na minha bunda e sinto meus olhos saltando.

- Por que isso?

- É o que os machos fazem.

- Que machos, Teddy?

- Sei lá... Vi isso em um filme.

- Era pornô?

- Era.

Tento não rir, mas é impossível.

- Qual a graça?

Fernando pergunta quando saímos da escada e nos encara.

- Coisa de casal.

Teddy diz com sua voz grossa e me puxa para continuar.

- Se pegar na minha bunda assim de novo, igual seus filmes pornô, vou te dar um soco.

- Deu certo pelo menos. Ele esta com os olhos ardendo em chamas. Deu um “vuco vuco” aqui na calça quando vi.

Entramos na sala de jantar e meus pais estão sorrindo pra gente.

- Vamos nos sentar.

Sigo para a minha cadeira e quando Teddy toca a cadeira ao meu lado, Fernando tira a mão dele.

- Esse é meu lugar. Aquele é o seu.

Sua voz é de irritação e ciúmes. Teddy o encara e depois segue para a cadeira a minha frente.

Quando se senta, me encara e revira os olhos como se estivesse com tesão na voz do meu irmão e olho em volta pra ver se alguém viu.

Ele nunca vai controlar essa bicha interior. Começamos a nos servir.

- Teddy, nos conte o que faz em Londres.

Meu pai pergunta e sinto algo em minha perna. É a mão do Fernando. Olho pra ele assustada.

- Sou designer de interiores, trabalho com a Clara.

- Achei que isso fosse coisa de mulher.

Fernando diz debochado, subindo a mão entre as minhas pernas. Ele vai me tocar aqui na frente dos nossos pais? Abro a boca levemente quando sinto

seu dedo roçar minha calcinha.

- Muitos homens ultrapassados pensam isso, Fernando.

Teddy rebate e apenas fecho os olhos.

- Meu curso de fato foi sempre cercado de mulheres e pude aproveitar bem isso.

Abro os olhos e encaro Teddy, segurando o riso. Ele nunca, se quer, pegou uma mulher na vida.

Chega!!!! Nada de cair na lábia do irmão. Principalmente na frente dos pais. Fecho minhas pernas e sinto os olhos do Fernando sobre mim.

- Como conheceu nossa Clara?

- No aniversário de 21 anos dela. Estava comemorando e ficou um pouco bêbada.

Cala a boca Teddy... Fernando vai saber que foi no dia que liguei pra ele, há 5 anos atrás.

- Ajudei a donzela com um rapaz chato e tudo começou.

Sinto Fernando se aproximar do meu ouvido.

- Isso foi antes ou depois de me ligar?

- Não importa.

- Pra mim importa.

Ele esta bravo.

- Viraram amigos?

- Mais do que isso!

Teddy responde a pergunta do meu pai, sorrindo para mim.

- Ainda não contou sobre nós ao seus pais, Clara?

Todos me olham e sinto meu rosto queimar.

- Não tive tempo.

- Não sabia que tinha um namorado, meu bem!

O sorriso da minha mãe é enorme e me sinto péssima por mentir.

- Se ela aceitasse meu pedido de casamento logo, já seríamos noivos.

Olho pra Teddy brava.

- Já falamos sobre isso. Ainda não estou preparada.

- Isso é alguma piada?

Fernando pergunta encarando Teddy.

- Piada? Assim como você está decidido a se casar, eu também estou.

Pela primeira vez percebo que Carla não está aqui.

- Onde está sua quase noiva?

Pergunto ironicamente a Fernando.

- Foi ver o vestido de casamento com sua mãe. Pretendemos casar rápido.

Sinto um aperto em meu peito, mas escondo a dor.

- Então deveria fazer o pedido logo.

- Pretendo.

Encaro minha comida e sinto um nojo ao imaginar ele fazendo o pedido a ela.

- Quem sabe não fazemos uma festa só, para dois noivados.

Deus!!! Como eu faço pra calar a boca do Teddy?

- Seria um sonho.

Os olhos da minha mãe estão mais brilhantes do que nunca.

- Teddy, você sabe minha opinião sobre isso.

- E você sabe a minha, anjo.

- Ele te chama de anjo?

Agora minha mãe esta suspirando. Estou ferrada pra caramba. Paro de comer e me levanto da mesa.

- Vou fazer a sobremesa.

- Mas Clara, você ainda esta comendo.

- Perdi a fome mãe. Me deu vontade de banana caramelizada. Continuem a conversa.

Saio a passos rápidos para a cozinha antes de pirar. Teddy esta piorando as coisas. Entro na cozinha e me apoio no balcão respirando fundo. Sinto uma mão puxando o meu vestido pelo meu ombro e lábios em meu pescoço.

- Não começa, Fernando.

Digo ofegante.

- Ainda não comecei nada.

Me vira rápido e antes que consiga dizer alguma coisa, sua boca avança na minha. Seu beijo é possessivo e ao mesmo tempo controlador. Ele comanda nossos lábios e apenas amoleço em seus braços. Suas mãos descem pela lateral do meu corpo e grudam em minha bunda, me erguendo sobre o balcão. Seu corpo se encaixa entre as minhas pernas, sem deixar de me beijar.

- Me diz que tudo isso é mentira.

Fala beijando meu pescoço todo e minha mente se perde em qual resposta devo dar.

- Ele não é homem pra você.

Beija o meio dos meus seios sobre o vestido e volta pra minha boca. Sua língua percorre toda a minha boca. Fernando solta meus lábios e segura meu rosto. Levo minhas mãos para o rosto dele e seus lábios chupam meu dedão.

- Me diz que ele nunca tocou em você.

Pede com os olhos tristes e sinto meu coração doer com seu medo de outra pessoa ter me tocado. Nem imagina que o único homem que tocou meu corpo foi ele. Sou e sempre serei só dele. Sem responder nada o beijo. Talvez para afastar seus medos e seu ciúmes ou ainda acalmar o desejo que cresce dentro de mim. Enquanto me beija, vai me deitando sobre o balcão. Quando minhas costas chegam na pedra fria, desce a boca pelo meu corpo. Beija entre meus seios e vai pra minha barriga. Seus dedos voltam para os bicos dos meus seios e começa a apertá-los. Não controlo mais meu corpo e o permito fazer tudo que quiser. Sua boca vai chegando em meu sexo e me seguro na lateral do balcão esperando ele me tocar. Solta meus seios e sinto sua mão puxar minha calcinha de lado. Quero e preciso que ele me chupe até gozar em sua boca. Quando sinto o ar

quente em meu sexo a voz de Teddy surge.

- Anjo, precisa de ajuda?

- Merda!

Fernando geme e eu mesmo mole, salto do balcão. Minhas pernas estão bambas e tento não cair.

Teddy surge na cozinha e nos observa. Fernando morde os lábios segurando o riso.

- Esta tudo bem?

- Sim...

Apenas observo os dois.

- Sua mãe quer passar o resto da tarde na piscina.

Teddy não consegue parar de me olhar e acho que é porque estou com cara de tesão acumulado

- Acho legal.

Sussurro meio rouca.

- Acho que vou me arrumar.

Fernando diz passando por mim e depois por Teddy. Quando ele some da cozinha, Teddy arregala a boca e os olhos.

- O lobo quase comeu a chapeuzinho.

Começo a rir relaxando o corpo.

- Meu corpo esta arrepiado só de sentir esse tesão no ar.

- É sempre assim quando ficamos sozinhos.

Teddy se aproxima e se apoia no meu ombro.

- Se eu que não senti a pegada sinto as pernas bambas, imagina você que sente as coisas.

- É uma tortura.

- Menina, dá pra ele.

- Você ficou louco?

- As vezes isso tudo passa depois que der pra ele.

- Ele é meu irmão. Já esqueceu?

- Você já deu uma vez. Dá de novo pra ver se isso acaba.

- A sensação que tenho é que nunca vai acabar.

- Então anjo, acho melhor abraçar o diabo e cair no inferno.

Começo a rir da cara dele.

- Teddy, era pra me ajudar e só esta piorando.

- Podia investir nele e rouba-lo de você. Faria esse sacrifício com todo o prazer.

- Vou comprar um cofre pra guardar essa sua bicha interior até você voltar pra Londres.

- Anjo, a minha bicha interior é tão safada que fugiria desse cofre.

CAPÍTULO 11

NARRAÇÃO FERNANDO

Termino de colocar minha bermuda e minha camiseta. Ainda não acredito que esse imbecil estranho seja alguma coisa da Clara. Ele parece estranho e um pouco afeminado demais. Me sento na cama tentando ingerir essa história toda. Clara não teria escondido esse namoro de mim assim. Ela veio me separar de Carla e esta com alguém em Londres?!?! Isso não tem lógica alguma.

Levo minha cabeça as minhas mãos e sinto que ela vai explodir.

- Não posso deixa-los aqui sozinhos.

Sussurro pra mim mesmo, buscando uma solução.
De longe não vou poder manter os olhos neles.

- Teddy, para...

Escuto a voz da Clara no corredor. Me levanto e sigo até a porta, a passos rápidos. Abro um pouco a porta do meu quarto e vejo os dois abraçados e rindo. Eles são íntimos, isso não posso negar, mas tem algo estranho aqui. Fecho a porta e respiro fundo. Vamos!!!! Mostre a ela que o único homem certo é você.

Qualquer pensamento dele a tocando faz meu peito apertar e minha raiva crescer. Sei que é egoísmo da minha parte pensar que talvez ela nunca tenha tido outro homem além de mim, já que eu mesmo me entreguei a outras mulheres. Mas nunca deixei nenhuma delas me tocar. Só de pensar que não eram as mãos da Clara, me causava nojo. Sempre foi apenas sexo, sem qualquer contato. Respiro fundo e decido não pensar no passado. Tenho uma meta que é fazer Clara ficar comigo e esquecer a culpa. Não vai ser essa coisa afeminada que vai me fazer desistir. Ela vai ser minha e não vou deixar que a toque mais. Somente eu a toco. Agora que esta aqui, ela é só

minha.
Meu território, minha mulher.

Assim que chego na piscina vejo o tal Teddy em uma cadeira ao lado da minha irmã, que esta na tenda. Meus pais estão animados no bar da piscina. Faz tempo que não os vejo assim felizes. Acho que ter a família reunida novamente os alegra. Meu celular toca no bolso. Assim que o pego vejo que é mensagem de Carla.

De: Carla
Para: Fernando

Ainda não acredito que me expulsou da casa dos seus pais.
Precisamos conversar.

Reviro os olhos e dou graças a Deus por estar de óculos e ninguém ver. Carla já esta me irritando. É uma merda não poder chutar a bunda dela logo. Ainda vou precisar dessa coisa pra cutucar Clara. Me aproximo da piscina e posso vê-la erguer os olhos para me ver. Esta em um minúsculo biquíni vermelho que já me deixa duro. Tenho certeza que minha bermuda esta marcando minha ereção. Seus olhos descem e ela abre a boca, suspira de leve me confirmando que esta marcando.
Hora do show!!!! Começo a tirar meu óculos e em seguida minha camiseta. Jogo tudo em uma cadeira. Meus olhos não desviam do dela e os dela percorrem meu corpo todo. Seguro a lateral da minha bermuda e puxo o elástico, deixando a mostra minha entrada.

- Misericórdia!!!!

Escuto antes de ouvir um barulho de queda. Quando olho para o lado, Teddy esta caído no chão, junto com a cadeira. Ele se levanta meio cambaleando e arruma a cadeira.

- Estou bem! Foi apenas um bicho grande. Um bicho enorme e duro na minha cara.

Arruma a roupa e olha pra Clara que esta roxa segurando o riso.

- Vou dar uma volta! Esta meio quente aqui. É tão diferente de Londres.

Se vira e sai desesperado, me deixando sem entender que merda aconteceu aqui. Não vi bicho nenhum. Olho pra Clara que observa o cara ir. Ando até a tenda e me sento ao seu lado. Não fala nada quando me sento. Pego meu óculos e um livro do meu pai para ler. Ela troca de posição e fica de joelhos, me dando uma bela visão de suas costas e sua bunda. Pega o protetor e começa a passar. Apenas observo sua mão deslizando entre seus seios, braços e barriga e minha ereção volta.

- Precisa passar nas costas.

Sussurro e ela me olha.

- Deita!

- Vai passar como meu irmão ou como um tarado que quer brincar com a minha sanidade?

Começo a rir e tomo o protetor de sua mão.

- Deita logo.

Se deita e me aproximo de seu corpo. Desfaço o nó de seu biquíni com calma. Passo com calma o protetor em suas costas, segurando o desejo de beijar toda a sua pele branca perfeita.

- Preciso te confessar uma coisa.

Digo descendo minha mão para a sua bunda. Acaricio um pouco e vou para o meio dela, perto de seu biquíni socado na bunda. Me inclino em seu ouvido.

- Seu irmão e o tarado andam sempre juntos.

Passo minha mão no meio de sua bunda e ela suspira.

- Fernando, nossos pais!

Sua voz é baixa e sexy.

- Eles já estão quase bêbados.

- Por favor, não faça isso!

Seu tom de voz mudou para um mais sério. Tiro minha mão e sigo para a parte de cima de seu biquíni fechando. Ela se senta e me olha. Desvia o olhar e olha nossos pais.

- Eles parecem muito felizes.

- Estão.

Digo olhando pra eles também.

- Faz tempo que não os vejo sorrindo assim e bebendo. Logo nossa mãe tomba.

Comento rindo e agora estamos nos olhando.

- Sinto falta dos velhos tempos.

Sussurra com um pequeno sorriso.

- Amanhã terá o encontro da nossa turma no antigo colégio.

Me olha encantada.

- Não recebeu o e-mail da turma?

Nega com a cabeça.

- Fui para longe e deixei tudo pra trás. Esqueceu?

- Como vou esquecer do pior dia da minha vida?!?!?!?

Desvia os olhos e encara sua mão.

- Quer ir?

- Não acho que vai ser uma boa ideia.

- Como irmãos.

Começa a rir sem me olhar.

- Acho que acabou de dizer que o meu irmão e o tarado andam sempre juntos.

- Posso segurar o tarado por um dia.

Seus olhos se erguem me encarando.

- Não acho que posso confiar em você.

- Nem eu confio em mim quando estou do seu lado.

Estamos sorrindo como dois idiotas. Suspira e inclina a cabeça para o lado.

- Tudo bem!

- Então vamos?

Confirma com a cabeça e me sinto feliz pra caralho por sair com ela. Mesmo que seja pra um encontro com velhos amigos.

- Vamos comemorar.

Me levanto e rapidamente a pego no colo.

- O que esta fazendo?

- Vamos nadar.

- Fernando, não!

Sua risada é tão perfeita.

- Sou o mais velho e digo que vamos.

- Por favor!

Pede me abraçando forte. Queria poder beija-a agora.

- Pronta?!?!?

- Não...

Grita enquanto nos jogo na água, me solta quando batemos no fundo da piscina e sai nadando.

Subimos pra superfície da água e ela esta rindo.

- Idiota!

Vai nadando até a borda da piscina.

- A água esta gelada.

- Seu amigo deveria entrar nela pra acalmar o calor que esta sentindo em São Paulo.

Sua risada se torna gargalhada.

- O calor dele nem essa água fria acalmaria. É fogo mesmo.

Sinto o ciúmes crescer dentro de mim. Ele estava excitado com ela de biquíni? Foi por isso que saiu daquele jeito? Porra!!!! Ele vai tentar foder a Clara essa noite. Não posso sair da casa dos meus pais. Inferno!!!! Me sinto extremamente irritado. A deixei excitada esse tempo todo e agora ele vai ter o prazer dela todinho. Puta que pariu! Nem ferrando. Nado até ela na borda da piscina e prendo seu corpo no azulejo.

- O que esta fazendo?

Pergunta nervosa e vejo meus pais de longe, sentados sem poder nos ver.

- Trazendo o tarado pra te fazer gozar.

- O que?

Coloco minha mão por dentro de seu biquíni na parte da frente, encontrando seu sexo quente.

- Seu prazer será sempre meu.

CAPÍTULO 12

NARRAÇÃO CLARA

Nado até a borda da piscina, ainda rindo da coisa idiota que Fernando fez. Parece que não cresceu.

Ele sempre me jogou na piscina assim, quando éramos mais novos. Quando chego na borda e me viro para vê-lo, sou surpreendida por seu corpo me empurrando para o azulejo frio.

- O que esta fazendo?

Olho pra ele nervosa e seus olhos desviam para os nossos pais. Espero que eles não estejam vendo essa prensada na parede.

- Trazendo o tarado pra te fazer gozar.

- O que?

Ele não vai fazer isso. Não aqui na piscina na frente dos nossos pais. Enquanto me viro pra ver nossos pais, sinto sua mão entrar bem na parte de baixo da minha calcinha.

- Seu prazer será sempre meu.

Minhas mãos apertam seus braços e nem consigo ver mais nada, pois meus olhos se fecham de prazer.

- Fernando, não faça isso.

- Fazer o que?

Pergunta sussurrando perto da minha boca. Abro meus olhos e seus dedos brincam com meu sexo.

- Não na frente dos nossos pais.

- Eles não estão aqui na piscina.

- Mas estão perto.

- Eles estão bêbados.

- Mesmo assim...

Me encolho ao sentir seu dedo perto da minha entrada, mas mantenho meus olhos nos dele.

- Quer que pare?!?!?

Quero que ele pare? Que merda! Não quero que ele pare.

- Responde, Clara!

Sinto sua outra mão perto do meu seio e seus olhos brilham.

- Me manda parar, que eu paro.

Puxa a parte de cima do meu biquíni para o lado, expondo meu seio esquerdo.

- Pede!

Minha respiração vai acelerando e sinto beliscar meu mamilo.

- Seu corpo não quer que pare. Posso sentir pelo bico de seu seio extremamente duro em meus dedos.

- Eles são assim.

Digo mordendo o lábio e ele sorri. Sua boca vem para o meu ouvido.

- Conheço seu corpo. Cada parte dele esta gravado em meu corpo e nas minhas lembranças.

Sua língua roda minha orelha.

- Seu bico do seio não é assim e conheço uma forma de deixá-lo ainda mais duro.

Desce beijando meu pescoço e vem para o meio do meu seio. Olho em volta pra ver se meus pais estão olhando e quando volto para Fernando, esta afundando na piscina. Ergo meus braços e me apoio na beira da piscina. Sinto sua boca em meu seio já exposto e suas chupadas misturado ao seu dedo rodando em meu sexo é tortura demais.

- Clara e Fernando...

Escuto meu pai nos chamando e imediatamente empurro Fernando pra longe de mim, arrumando meu biquíni. Ele se levanta de dentro da água e limpa o rosto. Me encara sem entender nada.

- Filhos!

Escuto a voz do meu pai atrás de mim. Fernando ergue os olhos pra ele e entende porque o afastei.

- Fala!

Diz e me viro pra ver meu pai.

- Sua mãe bebeu demais.

Esta rindo e posso ver que ele também.

- Vou levá-la para o quarto.

- Precisa de ajuda?

Pergunto e ele nega com a cabeça.

- Acho que ainda dou conta. Onde está seu namorado?

Olho em volta, me lembro que Teddy saiu e ainda não voltou. Devia estar bem excitado com o meu irmão pervertido.

- Acho que foi descansar da viagem.

- Certo! Qualquer coisa nos chame.

- Pode deixar.

Ele vai para o bar e apoia minha mãe ao seu corpo. Observo os dois sorrindo felizes e andando tortos para fora da área da piscina. Minha mãe faz um carinho sexy em meu pai e acho meio estranho ver isso, imagina se fossem eles vendo o que faço com Fernando. Quando eles somem pela porta da varanda, sinto novamente meu corpo ser prensado no azulejo, mas dessa vez é por trás. Sinto a ereção de Fernando em minha bunda e suas mãos em minha cintura.

- Agora não precisa ter medo.

Sussurra em meu ouvido.

- Pode gozar sem medo.

Empurro seu corpo e tento fugir dele. Fernando agarra meu braço e me puxa pra dentro da água, me roubando um beijo. Seus lábios são exigentes, buscando devorar os meus. O empurro de novo e subo em busca de ar. Ele vem junto e quando consigo respirar, sou levada novamente para o fundo da piscina. De novo ele me beija, me deixando perdida e mole em seus braços. Dessa vez quando subimos pra superfície, me puxa pela cintura e pulo em seu colo. Me agarro a ele e dessa vez, sou eu quem o beija. Sinto sua ereção em mim e me esfrego nela, ouvindo seu gemido em minha boca.

- Clara!

Amo quando ele sussurra meu nome assim. É como se isso desligasse o botãozinho do medo dentro de mim. Desço minha mão entre nossos corpos e enfio em sua bermuda. Sinto seu membro em minha mão e o seguro firme. Fernando anda pela piscina e me encosta na parede. Começo a mover minha mão para cima e para baixo e ele aumenta os gemidos na minha boca, enquanto me beija. Sua boca desce pro meu pescoço e em segundos, de forma violenta, me levanta mais da água e puxa meu biquíni na parte de cima pro lado. Avança em meu seio pegando apenas o bico do meu. Começa a chupar e os sinto ficarem mais duros em sua boca. Suga com força e aperto seu membro com força, sentindo meu corpo tremer. Solta meu seio e sobe pra minha boca.

- Conheço seu corpo.

Me beija agora com calma.

- Cada parte dele pertence a mim, ao meu toque, aos meus beijos e seu prazer é meu.

Seus olhos me queimam de desejo. Me solta e se afasta, deixando um vazio horrível. Com um uma mão ele agarra meu braço e me vira. Me apoio na beira da piscina sentindo seu corpo colar ao meu.

Sua boca esta em meu ombro e sinto suas mãos em meu corpo todo. Com o pé direito ele abre as minhas pernas e desce sua mão pela minha barriga

indo pra dentro da calcinha do meu biquíni. Seus dedos começam a tortura maravilhosa em meu sexo e fecho meus olhos. Sua outra mão esta em meu seio, apertando e puxando com vontade. Tombo a cabeça para o lado e ele segue beijando meu ombro e pescoço. Seu dedo afunda dentro de mim e solto um grito baixo de prazer, que faz sua ereção colada a minha bunda pulsar.

Seu dedo vai se movendo e perco totalmente o foco do mundo, sendo apenas dele. Sinto o orgasmo vindo e começo a fechar as pernas. Ele não permite e se coloca entre elas. Acelera os movimentos do dedo e o aperto em meu seio.

- Chama meu nome.

Pede em meu ouvido.

- Quero que goze chamando por mim.

Tudo começa a se contrair.

- Quem esta te dando prazer?

- Você.

- Diz meu nome.

- Fernando...

Sussurro.

- Mais alto.

Pede ofegante. Meu orgasmo vai crescendo e sinto que vou explodir.

- Me chama.

- Vocês ainda estão na piscina?

Escuto Teddy se aproximando.

- Merda, Teddy!

Digo e já explodo em um orgasmo intenso, que faz meu corpo se debater no de Fernando. Quando começo a me acalmar, sinto ele se afastar e meu amigo surge na beira da piscina.

- Esta tudo bem?

Pergunta me olhando e tenho certeza que estou com cara que gozou divinamente.

- Sim...

Digo ofegante e ele tenta me decifrar. Não tente Teddy, porque nem eu sei o que eu estou fazendo.

- Esta tudo bem mesmo?

Agora ele pergunta olhando para Fernando atrás de mim.

- Estava ótimo até você aparecer.

Sinto Fernando chegar na borda da piscina e sair de forma violenta. Sem nem olhar pra mim, anda puto pra dentro de casa, molhando tudo.

- O que deu nele?

Começo a rir entendendo o que aconteceu.

- Ele me fez gozar agora pouco.

- O que?

Teddy cai de joelhos a minha frente de boca aberta.

- E eu gozei falando seu nome.

Começo a rir ainda mais.

- Porque você chamou por mim na hora de gozar com essa coisa deliciosa?

- Estava pronta pra dizer o nome dele, mas ouvi sua voz e ai...

Digo erguendo o ombro e logo em seguida saio da piscina.

- Ele deve estar puto com isso.

- Se conheço ele, puto é pouco.

Pego uma toalha e começo a me secar.

- Mas agora vai embora e se acalma. Amanhã ele volta pra me torturar de novo.

- Ele podia me torturar também. Se ele quiser grito o nome dele o tempo todo.

Teddy esta suspirando ao meu lado.

- Fernando... Fernando... Fernando...

Bato nele o mandando parar.

- Vai virar meu mantra do prazer.

CAPÍTULO 13

NARRAÇÃO FERNANDO

- Vocês ainda estão na piscina?

A voz daquela coisa surge e só escuto Clara sussurrar alguma coisa com o nome dele junto, enquanto goza. Não acredito que ela esta gozando, colada em mim, chamando aquele merda. A mantenho presa até seu corpo acalmar, mas minha vontade é de soltá-la e fazê-la engolir água dessa piscina por chamar o nome dele e não o meu. Quando para de gozar, arrumo seu biquíni e a solto, sentindo muita raiva.

- Esta tudo bem?

Teddy pergunta nos olhando e Clara responde que sim com a voz ainda afetada pelo orgasmo que "EU" dei e não essa coisa estranha na nossa frente.

- Esta tudo bem mesmo?

Agora ele pergunta olhando para mim.

- Estava ótimo até você aparecer.

Nado até a borda da piscina e saio. Posso sentir os dois me olhando e os ignoro indo pra dentro de casa. Entro em casa e já subo a escada para o meu antigo quarto. Abro a porta e entro fechando com a raiva a porta.

- Porra!

Digo extremamente puto, chutando uma cadeira a minha frente. O som dela chamando por ele não sai da minha cabeça. Preciso de um banho. Sigo para o banheiro e já entro na ducha em busca de uma água fria pra acalmar a raiva. Fico embaixo da água sabe Deus por quanto tempo. Me lavo, tendo agora as lembranças de Clara gemendo e se entregando aos meus toques. Me lembro que ela também me tocou e isso já é uma grande evolução. Esta começando a se entregar e deixar seu corpo buscar o meu. Acho que a mente dela não esta mais tão cheia de culpa e isso é bom.

Termino de me lavar e desligo o chuveiro. Me enrolo na toalha e sigo pro meu antigo armário. Minha mãe mantém algumas roupas pra gente em casa. Sempre deixou claro que nosso lugar sempre estará aqui. Escuto meu celular vibrar sobre a cama. Ando até ela e pego o celular vendo o nome de Carla brilhar na tela. Respiro fundo e atendo.

- Fala!

Me sento na cama já esperando sua voz irritante.

- Já esta na sua casa?

- Não...

- Não vai mais embora? Vai voltar a morar com sua mãe pra ficar perto da sua irmã?

Seu tom de voz é irônico.

- Não te interessa onde vou morar, Carla.

- Fernando, vou ser sua futura esposa e ...

Desligo o telefone, pois não estou muito interessado em uma discussão agora. Olho o relógio na mesinha ao lado e já são 20hs. O que eles estão fazendo agora? Será que estão no mesmo quarto?

Parece que minha cabeça vai explodir. Respiro fundo e me jogo na cama. Encaro o teto, pensando no que faço pra impedir esses dois de ficarem juntos. Escuto batidas na porta. Deve ser minha mãe ou meu pai. Me levanto e sigo abrir a porta. Assim que abro, vejo enormes olhos azuis me encarando. Clara entra em meu quarto sem falar nada e apenas observo, segurando o riso por seu atrevimento.

- Vai ficar por aqui?

- Como assim Aqui?

Pergunto fechando a porta e me encostando nela.

- Dormir aqui na casa dos nossos pais.

Se senta na cama e me olha. Então sorri e abaixa a cabeça.

- Você ficou bravo.

Sussurra ainda sorrindo.

- Com o que?

Finjo não entender o que ela esta insinuando.

- Não chamei o nome dele por prazer.

Sua voz é doce e quando ergue os olhos, estão extremamente claros.

- Apenas me assustei com Teddy chegando na hora em que...

Para de falar e lambe os lábios, fazendo meu corpo queimar de desejo.

- Em que te dava prazer.

Fica vermelha e desvia os olhos.

- Era em mim que estava pensando?

Pergunto sentindo alívio e andando até ela. Clara não pensou no Teddy. Se levanta da cama sem me olhar e sem responder.

- Vou te deixar sozinho.

Tenta passar por mim e seguro seu braço, puxando seu corpo pro meu.

- Responde...

Sussurro em seu ouvido, sentindo o doce cheiro de seu cabelo.

- Não vamos começar.

- Só me responde.

Ergue os olhos e me encara.

- Sim...

Respiro fundo e tento não sorrir, mas é impossível.

- Agora me deixa ir.

Pede puxando o braço da minha mão e indo até a porta.

- Clara!

Para de andar e respira fundo, se virando pra me olhar.

- Dorme comigo.

Seus olhos se arregalam.

- Só dormir. Eu prometo!

- Fernando, você nunca cumpre suas promessas.

Ando até ela que esta paralisada perto da porta.

- Prometo que só vamos dormir. Mas...

Começo a tirar minha camiseta com calma e Clara observa meu peito. Seus olhos me devoram e amo a forma como ela me deseja sem perceber que esta me desejando.

- Quero sentir seu corpo. Quero que durma comigo sem nada.

- Quer que eu acredite que vamos deitar nus na sua cama e você não vai fazer nada?!?!?

- Sim...

Digo pegando a barra de sua camiseta.

- Ainda não disse que fico.

Começo a puxar sua camiseta e ela ergue os braços. Tiro ela toda e a deixo cair no chão. Clara mantém os braços erguidos e desço minhas mãos pelos seus braços, pela lateral do seu corpo, mantendo meus olhos nela

- Sei que você quer ficar, não precisa responder.

Digo abaixando meu corpo e seguindo pra sua calça. Beijo a lateral de seu corpo enquanto puxo a calça e ela geme. Retiro junto a calcinha, deixando-a completamente nua. Paro em frente ao seu corpo e sem tirar os olhos dos dela, começo a tirar minha calça. Não desce para olhar o que faço, apenas

mantém os olhos nos meus. Quando retiro tudo e fico nu, ando até ela que anda para trás.

- Tenho a sensação que isso não vai prestar.

Quando suas pernas batem na cama, Clara para. Paro também, quase colando nossos corpos.

- Vou me comportar.

Sussurro e quando tento beijá-la, se desequilibra e me puxa com ela, fazendo nós dois cairmos na cama. Estou sobre seu corpo, entre suas pernas e com um movimento poderia penetrá-la fácil.

- Nem pense nisso, Fernando...

Sussurra fechando os olhos para não perder o foco.

- Nada de sexo.

Abre os olhos e me encara.

- Já disse que vou me comportar, Clara. Só quero dormir sentindo seu corpo.

A puxo para cima da cama, ajeitando nossos corpos e me deito ao seu lado.

- Vira...

Clara me olha preocupada.

- Vira de costas pra mim.

Se vira e suspiro vendo o contorno de seu belo corpo. Controla Fernando! Você prometeu a ela que iriam apenas dormir. Me aproximo me encaixando em seu corpo, abraçando-a e a apertando em meu peito. Clara também suspira quando nossos corpos estão completamente encaixados. Enfio meu

rosto em seu cabelo e o cheiro. Meu nariz se perde em meio aos seus fios castanhos.

- Ainda esta bravo?

- Não...

Sussurro sorrindo e seu corpo relaxa.

- Não gosto quando fica bravo comigo.

Sua voz é quase de dor.

- Foram 9 anos tentando conviver com a dor de ter te feito sofrer e não querer me ver e nem falar comigo.

Beijo seu pescoço.

- Já passou.

- Nunca vai passar.

Diz baixinho e ficamos em silêncio.

Meu corpo esta muito quente e meu braço pesado. Abro meus olhos e vejo o sol tentando entrar pela cortina. Viro minha cabeça e vejo Clara dormindo em meu peito. Ela não foi embora como da outra vez. Esta aqui, em meus braços como deveria ser sempre. Sendo minha, apenas minha.

CAPÍTULO 14

NARRAÇÃO CLARA

Me estico toda na cama e assim que o vento bate em meu corpo, me lembro que estou pelada e na cama do Fernando.

- Merda!!!

Puxo a cobertura e me sento desesperada, procurando por ele. Não esta na cama e nem em volta. Salto da cama e corro até minha camiseta no chão. Assim que me abaixo pra pegá-la, escuto a porta se abrir.

- Uma bela visão logo cedo.

Inferno!!!! Tinha que estar com a bunda nua virada pra porta? Volto a ficar reta e coloco a camiseta. Vejo Fernando com uma bandeja. Ele coloca na cama e se senta me olhando. Esta apenas de calça e seu cabelo todo bagunçado de um jeito sexy. Coloco minha calcinha.

- Vem tomar café.

- Acho melhor tomar café com nossos pais.

- Eles ainda estão dormindo, assim como seu amigo.

- Que horas são?

Fernando olha para o seu relógio no braço.

- São 7hs.

- Em um dia de domingo acordar tão cedo assim?

Ele sorri.

- Nós dormimos cedo ontem.

Me aproximo dele e me sento ao seu lado. Fernando coloca a bandeja entre nós.

- Ainda gosta de torrada cheia de manteiga?

Confirmo com um enorme sorriso. Ele ainda lembra disso.

- Café preto?

- Parece que não se esqueceu.

Digo pegando uma torrada. Antes que consiga morder, ele vem e morde minha torrada.

- Você ainda rouba torradas?

- Só a sua. Sempre foi mais gostosa.

- Começa a passar mais manteiga na sua.

- Sempre quero comer a torrada e a dona da torrada. Isso nunca vai mudar.

Engulo a torrada quase engasgando. O filho da mãe está rindo da minha cara. Devo estar vermelha agora.

- Esta de pé o encontro hoje?

- Encontro?

- Da escola.

- Por mim tudo bem.

Toma o café em sua xícara. Observo seu rosto, seu peito e suprimo um gemido.

- Admirando a paisagem?

- Fui pega...

Digo erguendo os ombros e ele sorri.

- Quer que tire a calça?

- Deixa pra próxima.

Assim que termina o café se levanta.

- Vou para um banho.

Me olha e vejo seus olhos brilharem.

- Quer vir?

- Não.

Me levanto da cama correndo.

- Vou me comportar.

Pego minha calça e vejo ele vindo atrás.

- Cai fora, Fernando.

Corro para a porta e ele me agarra antes que consiga sair. Me roda e começo a rir.

- Não...

Grito e posso ouvir sua risada também. Me coloca no chão e beija meu pescoço.

- Vai antes que te leve comigo.

Me solta e abro a porta.

- Clara!

Olho pra ele.

- Vou passar na minha casa agora e umas 18hs venho te buscar.

- Certo!

Pisco pra ele e saio do quarto sorrindo. Assim que fecho a porta me encosto nela, sentindo um sorriso idiota no rosto.

- Bonito!

Salto assustada agarrada a minha calça.

- Merda, Teddy!

Digo colocando a mão em meu peito e sentindo meu coração acelerado.

- Fui no seu quarto de noite e você não estava e o legal é que de manhã também não estava.

Cruza os braços rindo.

- Cala a boca e vamos pro meu quarto.

Pego ele pelo braço e o puxo pro meu quarto. Nem bem entramos e ele já começa as perguntas.

- Deu pra ele? Foi bom? Qual a posição? Quantos orgasmos? Dessa vez chamou o nome certo?

- Cala a boca.

Jogo minha calça nele e caio na cama suspirando. Sinto a cama se afundar ao meu lado e assim que viro a cabeça, vejo Teddy com um enorme sorriso.

- Me conta logo, anjo.

- Foi diferente. Ele não tentou nada, nós realmente dormimos.

Teddy faz um bico decepcionado.

- Dormimos nus.

- Oh Meu Deus!!!! Abraçados?

- Sim...

- Jesus amado! Aquela coisa dura ali roçando na sua pele e você não fez nada?

- Nadinha...

- Nem deu uma escorregada e caiu sentada naquilo e tentou sair por 9 vezes, subindo e descendo contraindo ela?

- Teddy, você não vale nada.

Bato em seu braço.

- Você deveria receber o troféu de mulher do ano por sua força em resistir a esse homem.

Paro de rir.

- Ele sempre será meu irmão. Isso é maior que qualquer desejo.

- Duvido que seja maior que o pau desse homem. Menina se na bermuda duro já me assustei, acho que na minha cara, lindo e solto eu infarto.

- Cala a boca sua bicha safada.

Depois de rirmos mais um pouco, de tomar café novamente com Teddy e meus pais, decido passar a tarde dormindo. Estou cansada ainda de toda essa correria Londres/São Paulo. Acordo umas 17h e corro para o meu banho. Minha barriga esta roncando porque não almocei ainda. Assim que termino o banho me enrolo no roupão e saio do banheiro. Escuto batidas na porta.

- Entra...

Teddy surge com uma bandeja. Vejo suco, um lanche e frutas.

- Precisa comer antes de ser comida.

- Não vou ser comida por ninguém, Teddy.

Reviro os olhos e ele coloca a bandeja na cama.

- Quer vir junto?

Ele nega com a cabeça.

- Vou jogar baralho com sua mãe e tenho esperanças.

Vem andando até mim.

- Esperanças?

- Sim...

Me segura pelo ombro e começa a esfregar o corpo dele no meu.

- Pega... pega tudo que vai precisar.

- O que esta fazendo?

- Te passando minha bicha interior.

- Pra que vou querer sua bicha interior?

- Seu não posso estar presente na hora que ele te comer, pelo menos ela vai estar e vai te ajudar na hora de decidir se dá ou não. Ela vai votar no dar e dar gostoso.

Empurro ele rindo.

- Para de besteira.

- Clara, olha pra mim!

Segura meu ombro, agora me olhando sério.

- Vejo esse tesão todo de vocês. É impossível não ver.

Passa a mão em meu rosto.

- Já fizeram isso uma vez, você já pecou e o que tem pecar de novo?

- Não posso.

- Quem sabe fazendo de novo as coisas não se acalmam. Isso é muito tesão reprimido. Esquece hoje quem são e sejam quem vocês quiserem. Você quer e ele também.

- Amanhã ainda seremos irmãos e ainda vou ama-lo.

- Sim... e a cada dia vai ser difícil e você mesma me disse que esse amor nunca mudará.

- Sim...

- Então não fuja. Pensa em um jeito de não sentir culpa e se entrega.

- Você vai para o inferno por me dar esse conselho.

- Querida já vou pro inferno por ser gay e agora por ser gay e querer o irmão da minha melhor amiga.

O abraço forte sorrindo.

- Apenas pense no que lhe disse.

Beija minha cabeça.

- Era pra você ser meu namorado e me ajudar a fugir dele.

- Não sabia que seu irmão era esse homão do caralho. Perdemos amor! O jeito é pecar e eu pelo menos me divertir com isso.

Teddy sai do meu quarto rindo e o amo tanto por estar aqui agora. Assim que fecha a porta, ando até meu guarda roupa. Pego minha roupa íntima e meu vestido. Coloco sobre a cama tudo e pego meu salto alto. Enquanto tomo meu suco e como meu lanche me visto.

Me olho no espelho e tento entender porque escolho algo tão sexy. Então Fernando me vem a mente. Foi pra ele... Coloco a perna na cama e arrumo minha meia na coxa. A porta se abre e quando viro a cabeça é ele. Entra com um enorme sorriso safado e se encosta na parede, fechando a porta.

- Vai ficar me olhando assim?

- Assim como?

- Como quem quer me devorar.

Estreita os olhos e sussurra.

- Estou olhando assim?

- Sim...

Sussurro ofegante, vendo-o se aproximar. Para a minha frente e sorri.

- Devorar não...

Tira um cabelo do meu rosto e coloca em minha orelha.

- Mas te amar, sim.

As palavras do Teddy ficam ecoando em minha cabeça e me viro, evitando os olhos de Fernando, para não fazer uma merda. Uma linda e maravilhosa merda. Sinto o corpo dele colar atrás de mim e ele me observa no espelho.

- Seu corpo mudou nesses 9 anos.

- O seu também.

- Parece que por fora estamos diferentes.

Suas mãos estão em minha cintura.

- Mas por dentro ainda temos os mesmos sentimentos.

O encaro no espelho sem dizer nada. Beija meu ombro e sobe pelo meu pescoço. Sua boca para em meu ouvido.

- Mentira...

Sussurra e morde minha orelha.

- Acho que te amo ainda mais.

Meu corpo todo treme. Também acho que o amo mais do que antes de ir pra Londres e isso me assusta. Beija a minha cabeça.

- Te espero na sala com nossos pais e aquela coisa que chama de Teddy.

Mordo os lábio para não rir.

- Não demora. Hoje a noite é toda nossa.

Termino de colocar meu vestido e me olho no espelho. Tudo preto ficou sombrio, mas não estou em clima para cores. Observo minhas pernas e ainda não sei se foi uma boa ideia ter tirado as meias.

- Clara, seu irmão esta te esperando a muito tempo, meu bem.

Minha mãe diz na porta.

- Já estou descendo.

Grito e pego minha bolsa e meu celular. Corro até a porta e abro. Minha mãe me olha e sorri.

- Esta linda. Mais linda do que nunca.

Beijo seu rosto.

- Não me espere. Pode ser que chegue tarde.

- Tudo bem! Sei que estará em boas mãos com seu irmão.

Me viro pra ir para a escada segurando risada. Ela não faz ideia do que aquelas mãos querem fazer comigo e como isso nos leva direito ao inferno. Desço a escada correndo e quando chego ao fim dela, vejo meu pai, meu irmão e Teddy em pé me olhando.

- Fernando, fique de olho nela.

Meu pai diz com um enorme sorriso babão.

- É o tesouro da família Ribeiro.

- Pai, pelo amor de Deus, não tenho mais 15 anos.

Sigo até meu pai e o beijo no rosto.

- Será sempre a minha menina.

Sussurra e me derreto toda. Faz tempo que não temos esse contato pai e filha. Faz exatamente 09 anos. Então sou puxada pelo braço pelo louco do meu amigo. Me aperta em abraço de urso.

- Esta linda, sexy e muito apaixonante.

Sussurra em meu ouvido.

- Mas seu irmão esta gostoso pra caralho e fico tendo pensamentos impuros com isso.

- Parece que nada adiantou tentar passar me passar sua bicha interior.

- Anjo, te passei a minha bicha interior. O que esta aqui é a bicha reserva que também esta caída no chão com esse homem delicioso.

Começo a rir.

- Quantas bichas cabem em você?

- Eu dilato bem, então deve caber umas 20, se for das magrinhas.

- Vamos, Clara!

Fernando esta ao nosso lado e me afasto do Teddy.

- Vai ficar bem sozinho?

- Sim... vou jogar cartas com seus pais, já disse.

Coloca a mão na minha bunda e aperta.

- Mas vou te esperar pra gente matar a saudade.

Pisca como se fosse macho puro.

- A porta do quarto estará aberta.

- Acho melhor dormir. Não temos hora pra voltar.

Fernando diz com a voz grossa brava e se vira pra sair. Teddy revira os olhos e morde o lábio.

- Essa voz dele ecoa na minha virilha.

- Você provoca só pra ouvir essa voz?

- Sim... é como se ele estive me dando uma surra com essa voz raivosa deliciosa.

Pega minha mão e coloca em seu peito.

- Olha o coração disparado. Tô apaixonado!

- Ele te odeia.

- Adoro pegada com raiva.

- Clara!

Me viro rindo e sigo até Fernando.

- Clara!

Olho pra Teddy.

- Pensa em tudo que te disse no quarto hoje de tarde.

Fernando pega a minha mão e aperta, me puxando pra fora de casa. Assim que fecha a porta me puxa para o seu peito.

- Ele esteve em seu quarto?

- Sim...

Digo ofegante com seu rosto quase colado ao meu.

- Que merda ele foi fazer no seu quarto?

- Quer realmente saber? Ele é meu namorado e...

Me cala com sua boca.

- Inferno, Clara!!!!

Geme contra os meus lábios.

- Não quero que ele a toque.

Sussurra ofegante.

- Ele não me tocou. Só falei pra te provocar.

Abre um sorriso aliviado.

- Para de me provocar.
- Para de me agarrar sempre.
- Não posso.

Me beija de novo e de novo e desce para o meu pescoço.

- Você estava com pressa.
- Não estou mais.

Começo a rir.

- Quero realmente ir a festa.

Suspira em meu pescoço.

- Então vamos.

Entramos no carro e ele segue para a estrada com um sorriso lindo no rosto e acho que estou sorrindo assim também. Sua mão vem pra minha perna e ele enlaça os dedos nos meus.

- Por que tirou a meia?

Olho pra ele que encara minhas pernas.

- Achei que não combinava com o vestido.

Ergue os olhos pra mim.

- Elas não saem da minha cabeça. Ainda esta com aquela roupa de baixo?

- Sim...

Ele morde o lábio de forma safada.

- E as meias estão na bolsa, caso o tempo fique frio.

Um enorme sorriso surge em seus lábios.

- Então se eu pedir você vai colocá-las?

- Não. Disse se estiver frio.

Sua mão ainda na minha sobe entre minhas pernas.

- Depois da festa podemos...

- Voltar pra casa dos nossos pais. Só!

Enfatizo o só e ele ri.

- A noite é uma criança.

- Para de pensar besteira.

Entramos na avenida do local da festa. Fernando para o carro em frente ao hotel.

- Vamos!

O manobrista abre a porta pra mim e desço.

- Obrigada!

Sigo até Fernando e ele me abraça.

- Não precisa me abraçar. Parecemos um casal apaixonado.

Vem pro meu ouvido.

- Estou apaixonado!

Beija minha cabeça e andamos até o elevador. Algumas pessoas se unem a nós na espera. Assim que a porta do elevador se abrem, seguimos para o fundo do elevador. As portas se fecham e algo entra por baixo da minha saia. Olho para o Fernando que sorri. Não acredito que ele vai me tocar aqui. Seu dedo começa a roçar a calcinha sobre meu sexo.

Mesmo tentando fechar a perna, seu dedo ainda brinca no local proibido. Não acredito nisso. Agarro seu terno quando ele puxa a calcinha de lado e toca bem no lugar certo. Quando resolvo relaxar o corpo e curtir, o elevador anuncia o nosso andar. Foca Clara!!!! Saímos do elevador rindo e acho que a noite só promete. O local esta lotado e vejo algumas amigas antigas.

- Vou falar com algumas amigas.

Beijo o rosto de Fernando e me afasto.

- Clara!

Liz me abraça toda eufórica.

- Que saudades.

- Também estava.

Cumprimento as outras meninas e logo vem o assunto.

- Me diz que seu irmão esta solteiro.

Olho pra Liz que suspira vendo Fernando com seus antigos amigos.

- Vai ficar noivo.

Digo tentando afastá-la dele.

- Noivo não é morto.

Todas estão rindo, menos eu. Se encostar nele eu te mato, loira tingida. Ai meu Deus!!!!

De onde isso saiu? Pareceu até Teddy falando. Oh meu Deus!!!! Isso foi a bicha interior dele.

Elas vão falando do Fernando de como esta mais bonito, gostoso, o que fariam com ele e minha mente automaticamente responde por culpa dessa bicha interior terrível que o maldito Teddy me passou. Será que isso é possível.

- Clara, você precisa dar um jeito de me levar até seu irmão.

- Vou no banheiro.

Digo fugindo desse ninho de barangas plastificadas vazias. Arregalo os olhos não acreditando que pensei nisso. Ando até o banheiro, mas antes de chegar alguém puxa meu braço.

- Erick!

Digo abraçando forte meu amigo. Ele foi um grande amigo e meu primeiro paquera. Um péssimo segundo beijo, mas um ótimo amigo.

- Londres te fez bem.

Passa a mão em meu rosto.

- Obrigada!. Como esta?

- Bem...

Começamos a conversar sobre nossas faculdades e tudo destes 9 anos que se passaram. O tempo vai passando e me perco na hora. Sinto vontade de ir ao banheiro.

- Erick, preciso mesmo ir ao banheiro. Anota meu celular e conversamos mais em um encontro para um café.

- Claro!

Passo o número pra ele e nos abraçamos.

- Te ligo!

Quando se vira pra ir, corro para o banheiro. Entro em uma das cabines e faço minha necessidade. Culpa do suco que Teddy me levou de tarde. Saio e sigo para a pia lavar minhas mãos. Quando ergo meus olhos me assusto.

- Fernando!

Me observa com os olhos escuros.

- Relembrando a paquera da adolescência?

Sua voz é pesada.

- Erick é um amigo.

Digo terminando de lavar minha mão. Quando me viro pra pegar o papel ele vem rápido até mim e me segura firme. Me ergue sobre a pia e me beija, se colocando entre as minhas pernas. Sinto sua mão em minha coxa enquanto sua boca me devora. Suas mãos estão em meu corpo todo agora. Enfia uma mão em meu cabelo e puxa forte, fazendo nossos lábios desgrudarem.

- Vem comigo pro meu apartamento.

Pede ofegante me olhando.

- Não é uma boa ideia.

Se enfia ainda mais em minhas pernas e me beija. Larga a mão de ser trouxa e vai.

A bicha interior do Teddy, filha da mãe, dentro da minha cabeça grita.

- Por favor! Eu preciso de você.

Quase suplica entre os beijos.

- Preciso te amar. Fica comigo hoje? Fica comigo pra sempre...

CAPÍTULO 15

NARRAÇÃO FERNANDO

Quanto tempo mais Clara vai dar atenção ao Erick?!?!? Olho o relógio e faz mais de uma hora que estão conversando. Me lembro do tempo de paquera deles e meu sangue ferver.

- Fernando como vai a empresa?

Olho para Tomaz sem a menor vontade de falar sobre negócios.

- Hoje não é dia de falar de trabalho.

Tento falar sorrindo para não soar grosseiro. Quando volto meus olhos para onde Clara esta, ela não esta mais lá.

- Merda!

Digo saindo de perto do grupo onde estou. Ela não pode ter sumido com Erick. Meus passos são acelerados até onde eles estavam e então o encontro falando com uma amiga antiga de Clara e relaxo. Não me lembro se o nome dela é Lilica ou Fifica. É alguma coisa assim. Ando até eles.

- Boa noite!

Eles me olham e o sorriso da Lilica/Fifica é irritante.

- Fernando, como vai?

Tenta ser sexy e ignoro. E agora?!?!? Que nome uso com ela?

- Estou bem, Lilica!

- Meu nome é Liz.

- Claro...

Me viro e olho para o Erick.

- Onde esta Clara?

- Banheiro...

Sem deixá-lo terminar e ignorando a garota que novamente esqueci a porra do nome, sigo para o banheiro. Entro e já vejo Clara seguir para a pia lavar as mãos. Paro atrás dela e assim que ergue a cabeça me vê no espelho.

- Fernando!

Me olha confusa e então fica sem jeito. Por que ela esta sem jeito? Fez algo errado? Aposto que tem o tal Erick no meio.

- Relembrando a paquera da adolescência?

- Erick é um amigo.

Sua voz é suave como se Erick não fosse nada e isso me alivia. Me deixa extremamente possessivo quando esta perto de um homem. Erick, Teddy, vou enlouquecer. Tudo porque ela pode ser deles e nunca será minha. Inferno!!! Não percebo que estou a segurando firme agora. Meu corpo gruda no dela sem eu nem perceber. Seus olhos azuis buscam os meus e sinto a necessidade de beijá-la. Subo seu corpo a colocando na pia e a beijo. Aquela sensação de paz e euforia surge em mim como se Clara fosse minha droga. Não me rejeita e me enfio entre suas pernas. Coloco minhas mãos em suas coxas e sinto falta da meia, que vai me atormentar pro resto da vida. Passo minhas mãos por todo seu corpo e subo para seu cabelo, seus

longos fios morenos que se enroscam em meus dedos e puxo, separando nossos lábios.

- Vem comigo pro meu apartamento.

Sua boca esta levemente aberta em busca de ar e seus olhos brilhantes.

- Não é uma boa ideia.

Me encaixo ainda mais entre suas pernas.

- Por favor! Eu preciso de você.

Suplico beijando seus lábios.

- Preciso te amar. Fica comigo hoje? Fica comigo pra sempre...

Posso ver em seus olhos a dúvida. Vamos, Clara!!!! Diz que sim. Ela fecha os olhos e suspira.

- Você tem ideia do que faz comigo? De como mexe com cada parte do meu corpo?

Abre os olhos e me encara.

- Não.

Pega a minha mão e coloca em seu peito e sinto seu coração muito acelerado.

- É isso que você faz comigo. Deixa meu coração totalmente ligado, desligando completamente meu cérebro.

Olha pra mim com carinho e segura meu rosto em suas mãos.

- Me leva pra onde você quiser. Faz o que quiser comigo.

Acho que nunca senti isso antes. Uma vontade de agarrá-la e não soltar nunca mais. De beija-la sem fim. Preciso sair logo daqui, antes que mude de ideia. Me afasto e a desço da pia. Seguro sua mão e saímos do banheiro, muito rápido.

- Calma, Fernando!

Diz atrás de mim e tento me acalmar. As pessoas nos olham, estranhando nós dois saindo do banheiro feminino. Que se foda o que eles acham. Clara quer ser minha e quero ser dela. O resto é resto. Que se dane o que estão imaginando.

- Fernando já vai?!?!

- Sim Lilica.

Respondo passando pela amiga da Clara.

- É Liz...

Assim que chegamos no elevador, vejo Clara rindo.

- O que foi?

- A cara da Liz desapontada por estar indo embora. Você a chamou de Lilica?

- Sim...

Sua gargalhada surge e me pego rindo também.

- Ela é apaixonadinha por você.

A porta do elevador se abre e ela entra agora emburrada. Clara com ciúmes é quente.

- Não gosto dela.

Foco em, que olha as outras duas pessoas no elevador com a gente.

- Amo outra mulher. Uma ciumenta e incrivelmente linda.

Ela fica corada e morde o lábio. A porta do elevador se abre.

- Vamos...

Digo pegando sua mão novamente e me sinto um adolescente em sua primeira vez.

Abro a porta do meu apartamento e Clara entra observando tudo. Viemos o caminho todo calados e estou com medo dela ter desistido.

- Quer beber alguma coisa?

- Vinho...

Pede sorrindo e sigo pra cozinha. Coloco duas taças pra nós dois e me encontro com ela na sala.

- Seu gosto musical mudou.

Diz observando meus DVD's.

- Parou de ouvir aquelas músicas estranhas.

- Depois que foi pra Londres, abandonei o Rap.

Digo rindo e ela sorri.

- Quer ouvir música?

- Quero...

Entrego uma taça a ela que segue pra enorme janela da sala. Escolho uma musica suave. Assim que os primeiros acordes ecoam, volto pra perto de seu corpo. Beijo seu ombro, enquanto ela observa São Paulo.

- Bela paisagem.

Sussurra ofegante enquanto continuo beijando seu ombro.

- Prefiro olhar você.

Viro seu corpo para o meu e a beijo. Um beijo calmo e cheio de carinho.

- Dança comigo?

Ela pede e abro um sorriso, ainda com os lábios colados ao dela. Sem dizer nada pego a taça de sua mão e a coloco na mesinha junto com a minha. Envolve os braços em meu pescoço e cola nossos corpos. Aos poucos começamos a nos mover com a música. Clara agora me beija. Quando solta meus lábios me olha.

- Eu te amo!

Sussurra muito baixo, parecendo com medo das palavras.

- Nunca deixei de te amar e acho que vou morrer te amando.

- Clara...

Tomado pelo desejo de amá-la e realizado por finalmente ela dizer o que tanto esperei, a pego no colo. Avanço em seus lábios beijando com paixão, enquanto ando com ela em meus braços para o meu quarto. Entro em meu quarto e quando vou coloca-la na cama, me para.

- O que foi?

Esta vermelha.

- Me coloca em pé no chão.

- Clara, não desista agora. A noite esta perfeita e...

Me cala com seu dedo.

- Apenas me coloque no chão.

Atendendo o seu pedido eu a desço. De forma tímida ela começa a tirar o vestido, ficando com aquela roupa íntima perfeita. Começo a abrir minha camisa.

- Não...

Me para, empurra meu corpo para a cama e me sento.

- Você já me deu muito prazer, Fernando. Chegou minha vez de retribuir.

Se afasta e sorri.

- Espera aqui.

Clara sai do quarto e não consigo entender nada. Em alguns minutos volta usando as meias. Estou duro demais agora. Vem andando até onde estou. Poderia ter um orgasmo só olhando pra ela agora. Para na minha frente.

- Era isso que queria?

- Sim...

Sussurro tocando sua meia.

- Pena que ela vai ficar pouco tempo em seu corpo.

Com uma mão solto as tiras da meia.

- Mas o prazer de tira-las vai ser enorme.

Começo a descer uma meia, beijando a coxa dela. Tiro seu salto e a meia. Faço o mesmo com a outra meia.

- Quer tirar mais alguma coisa?

Clara diz me olhando com um sorriso safado.

- Sim...

Coloco os dedos na lateral de sua calcinha e vou puxando. Quando termino de tirar, me empurra para a cama. Vem sobre mim e começa a beijar meu pescoço e meu peito. Não consigo controlar meus gemidos. É como se isso fosse um sonho. Senta sobre as minhas pernas e tira seu sutiã, ficando completamente nua.

- Agora vou cuidar de você, como vem cuidando de mim.

Suas mãos abrem meu cinto e minha calça. Vai se arrastando e puxando a calça. Meu membro salta duro e ela sorri. Deixa minha calça no joelho e vem já segurando meu membro com força.

Apenas observo ela gulosa pra me colocar na boca. Começa a mover a mão nele e vem com a boca. Seus lábios macios o envolvem e solto um gemido alto. Clara começa a me chupar e meu corpo todo se arrepia. É a minha Clara... Minha Clara... Sua língua roda nele enquanto me chupa. Seguro sua cabeça dando ritmo as suas investidas com a boca. Sinto que posso gozar rápido e não quero gozar na boca dela assim. Quero amá-la do jeito certo. Puxo sua cabeça e a beijo quando chego em seus lábios.

- Você e eu. Combinação perfeita.

A viro na cama, ficando sobre seu corpo.

- Quero te amar!

Me levanto e olhando pra ela começo a tirar a camisa que já estava um pouco aberta. Clara esta me olhando com carinho e doçura. Minha Clara...Tiro minha camisa.

- Fernando!

É a voz irritante da Carla.

- Sei que esta aqui, vi o carro na garagem.

Respiro fundo e puxo minha calça a fechando de novo.

- Já volto!

Saio correndo do quarto, antes que Carla encontre Clara pelada em minha cama. Assim que chego na sala a encontro olhando as duas taças na mesa.

- Esta acompanhado?

Pergunta me olhando. Digo que sim e acabo logo com essa merda de relacionamento já que Clara disse que me ama ou digo não pra preservar Clara dessa louca?

- Responde Fernando...

Pega a taça e joga na parede. Essa louca vai tentar machucar a minha Clara.

- Sozinho...

Ela observa atrás de mim e sorri.

- Querida...

Me viro e vejo Clara vestida e agarrada aos seus sapatos me olhando com lágrimas nos olhos.

- Clara!

Se vira sem falar nada e segue para a porta.

- Espera...

Corro até ela e tento segurar seu braço.

- Não...

Me impede de segurá-la e entra no elevador. Aperta o térreo.

- Você entendeu errado.

- Volta pra sua noiva e seja feliz.

CAPÍTULO 16

NARRAÇÃO TEDDY

- Vamos Sr. Ribeiro, demora demais pra jogar.

- Teddy você é acelerado demais, esse jogo tem que ser pensado.

Olho para a Sra. Ribeiro e reviro os olhos. Ela começa a rir.

- Ele é sempre assim tão devagar?

- Sim...

Sua risada aumenta.

- E fez gêmeos?

Ela agora esta chorando de rir.

- A coisa foi tão demorada que deu tempo de dois espermatozoides procurarem o óvulo pra fecundar.

Agora os dois estão rindo.

- Teddy, você é estranhamente engraçado.

- Isso é um elogio Sr. Ribeiro?

- Acho que sim.

Assim que ele descarta grito feliz da vida.

- Bati...

Mostro meu jogo e começo a dança da vitória.

- Aprenda que as vezes pensar demais nunca é a melhor saída.

- Não se gabe meu filho, pois ainda estou na frente.

- Vou pegar mais vinho.

A mãe da Clara diz se levantando.

- Mais alguém vai querer?

- Acho que vou fazer uma bebida pra mim.

Me levanto para ir com ela até a cozinha.

- Nada de esconder cartas.

- Nunca faço isso.

- Ele faz sim...

Sra. Ribeiro sussurra rindo e acho que já bebeu demais. Assim que entramos na cozinha, pega a garrafa de vinho e enche a taça dela.

- Esta preocupada?

Me olha e dá um pequeno sorriso.

- Um pouco.

- Com o que?

Abro a geladeira.

- Clara e Fernando...

Paraliso com a garrafa de Licor na mão. Será que ela desconfia de alguma coisa?

- Qual sua preocupação com eles?

Finjo não entender, mas no fundo até eu estou preocupado. Essa história de amor não tem como ter um final feliz, com o destino traiçoeiro que tiveram de ser irmãos. Ela puxa uma cadeira e se senta. Da um grande gole em seu vinho.

- O parto deles foi bem difícil. Foi uma noite complicada e parecia que tudo daria errado.

Me sento a sua frente.

- Quase perdemos Clara naquela noite, mas graças a Deus, a doutora Fátima conseguiu salvá-la.

Seguro sua mão quando vejo seus olhos marejados.

- Desde então sempre fui protetora com ela e acho que Fernando se espelhou nisso.

Certo, agora estou sem entender nada.

- Como assim?

- Ele nunca desgrudou da irmã. Nunca...

Toma mais um gole de seu vinho.

- Desde bebê ele tinha uma ligação de carinho e cuidado com ela. Cresceram unidos demais.

Abro o licor e dou um belo gole nele. Ela não faz ideia de tudo que acontece.

- Na adolescência cheguei a ficar preocupado com a conexão deles. Era um amor as vezes estranho. Muitos me perguntavam se não era estranho demais, mas eu negava.

Ela me olha e sorri.

- Eles apenas se amam demais e isso é lindo. Um amor de irmãos invejável.

- Muito invejável.

Digo dando outro longo gole no licor.

- Queria muito ter um irmão como Fernando.

Suspiro imaginando as coisas que faria com ele. Paro de suspirar quando vejo a Sra. Ribeiro me olhando. Foco bicha, que ela vai desconfiar.

- Eles são lindos juntos.

- Era...

Fala com um olhar triste.

- Até o dia que Clara foi para Londres. Tudo mudou nesse dia.

- Como foi pra ele quando Clara foi embora?

- Foram dias difíceis. Achei que perderia meu filho. Ele ficou naquele quarto por dias sem comer e sem beber e quando resolveu sair, se tornou alguém que eu desconhecia.

- Ele nunca pensou em ir ver a irmã?

Nega com a cabeça.

- Foi como se Clara tivesse morrido e ele vivesse em um luto eterno.

- Entendo.

Tadinho do delícia. Eles precisam ficar juntos. Podia existir uma maquina que fizesse uma troca de gêmeos. Pegava um outro casal qualquer de gêmeos e mudava com eles.

- Sabe o que é engraçado?!?!

Nego com a cabeça.

- Quando Clara voltou, vi o brilho nos olhos do meu filho voltar, mas esse brilho desaparece as vezes.

Deve ser as vezes que Clara o rejeita pelo laço sanguíneo.

- Hoje eles saíram daqui iluminados, como se o tempo tivesse voltado e Clara não tivesse ido pra Londres. Meu medo é que daqui alguns dias ela volta pra Londres e não sei como vou lidar com a dor do Fernando.

- Talvez seja diferente dessa vez.

- Tenho medo de ser pior.

Sr. Ribeiro entra na cozinha com meu celular tocando.

- Seu celular.

Me levanto e pego de sua mão, enquanto ele vai até sua mulher. Vejo o nome de Clara e fico travado. O celular para de tocar. Deve ter acontecido alguma coisa grave.

- Vou para o meu quarto e já volto.

Digo correndo para as escadas e subindo acelerado. O celular volta a tocar.

- Clara!

Atendo sentindo uma coisa estranha, um pressentimento.

- Eu preciso de você.

Paraliso no corredor quando escuto seu choro misturado as palavras.

- O que aconteceu?

Não consegue parar de chorar.

- Onde você esta?

- Em um hotel.

- Me manda uma mensagem com o endereço que estou indo.

Meu coração esta apertado.

- Clara, não fica assim.

Ela soluça no telefone.

- Estou saindo daqui já.

Desligo o telefone e corro pra pegar uma blusa e minha carteira. Assim que pego tudo, desço a escada correndo.

- Teddy...

Paro ouvindo a voz do Sr. Ribeiro.

- Esta tudo bem?

Merda!!!! O que eu digo?

- Um amigo que veio comigo teve um acidente e me ligaram avisando.

- Quer que te leve?

- Não precisa Sr. Ribeiro. O senhor bebeu, vou de táxi.

- Espera...

Vai até uma mesinha e pega um jogo de chaves.

- Carro da Clara. Pega ele, mas não arranha.

- Obrigado!

Me joga a chave sorrindo.

- Qualquer coisa que precisar chama.

Apenas abro um sorriso e saio para a garagem.

Pelo caminho até o carro recebeu a mensagem da Clara com o endereço e o número do quarto. O que será que aconteceu?!?!?!?

Estaciono o carro e desço entregando a chave ao manobrista. Sigo para dentro do hotel, em direção ao elevador. Entro e já aperto o andar do quarto de Clara. Essa coisa demora uma eternidade pra subir. Chego ao andar e já saio caçando o quarto. Assim que acho bato na porta.

- Clara!

Em poucos segundos a porta se abre e ela surge agarrada a um roupão com o rosto todo molhado de lágrimas.

- Anjo!

Pula em meus braços e começa a chorar ainda mais.

- O que aconteceu?

Agarrado a ela, entro no quarto e fecho a porta. Andamos até a cama e nos sentamos.

- Conta pra mim.

Tenta parar de chorar, mas não consegue. Se deita nas minhas pernas e apenas aliso seu cabelo. Clara vai se acalmando aos poucos.

- Foi o Fernando?!?!?

Ela suspira e seu corpo se encolhe.

- Estava disposta a tentar.

Sua voz é fraca.

- Hoje pela primeira vez estava disposta a ignorar a culpa e ficar com ele.

Respira fundo e limpa os olhos, enquanto passa a mão em seu braço.

- Disse que o amava.

Volta a chorar e enfia o rosto em suas mãos.

- Calma! O que ele fez?

Limpa o rosto com a manga do roupão.

- Nós dois estávamos entregues na casa dele, dispostos a nos amar. Estava lá nua pra ele, quando Carla apareceu.

- Vadia!

Clara me olha triste.

- Não era ela a vadia ali.

Seus olhos estão cheios de culpa.

- Ela é a futura noiva e eu a irmã nua na cama que provavelmente eles usam pra transar.

Chora tanto que me aperta o coração.

- Eu era a vadia no meio do casal.

- Eles não são um casal, Clara.

Se levanta brava com o que disse.

- E se eram e eu vim ferrar com isso? Ela tem a merda da chave do apartamento dele. Tem livre acesso a vida do Fernando e isso pra mim é muita coisa.

Sua voz agora é de dor.

- Quem sabe a vida dele não era uma maravilha e apareci achando que era um erro esse casamento e não é.

- Anjo, ele te ama e não a Carla.

- É um amor proibido.

Grita cheia de dor.

- Sabe o que foi pior?

- Não.

Ela se abraça.

- Estava ali disposta a enfrentar o mundo por nós e Carla perguntou a ele se estava sozinho. Enquanto eu saía do quarto me sentindo a outra pude ouvir.

- O que ele disse?

- Que estava sozinho. Ele que sempre me disse que não se importava com os outros, não me assumiu e nem mandou aquela coisa embora. Ele me escondeu e vai ser sempre assim.

Respira fundo e me olha.

- Será sempre um amor escondido e sofrido. Eu não mereço isso. Ele não merece isso.

- O que vai fazer?

- Estou voltando pra Londres amanhã.

CAPÍTULO 17

NARRAÇÃO FERNANDO

A porta do elevador se fecha e o desespero cresce dentro do meu peito. Eu só queria evitar que Carla a machucasse.

- Porra!!!

Corro para o meu quarto em busca dos meus sapatos e de uma camiseta.

- Fernando!

Escuto Carla me seguindo.

- Vai embora!

- Não. Nós temos que conversar.

- Agora não.

Entro no quarto e começo a colocar o sapato.

- Agora sim. Eu serei a sua futura mulher e não vou admitir...

- Cala a porra dessa boca.

Grito com ela que me olha assustada.

- Chega!!!

Digo já cansado disso tudo. A mulher que amo acabou de sair daqui chorando e só consigo pensar na dor dela.

- Depois conversamos.

Tento achar uma camiseta.

- Vai atrás dela?

- Sim...

Ela cruza os braços na porta.

- Você não vai.

Respiro fundo.

- Carla, sai da minha frente.

- Como pode amar sua própria irmã? Isso é nojento.

- Isso não é problema seu.

- É sim. Serei sua futura esposa.

- Vai ser merda nenhuma. Quer conversar, ótimo!

Paro na frente dela.

- Acabou. Fim. Sai da minha frente agora e some da minha vida.

Pego-a pelo braço e a retiro da minha frente.

- Você não pode terminar comigo assim.

Grita vindo atrás de mim.

- Posso e devo. Você me irrita e não suporto mais ouvir sua voz.

Aperto o botão do elevador.

- Se terminar comigo, conto para os seus pais o seu caso com sua irmã.

As portas do elevador se abrem e entro. Seguro a porta e olho pra ela.

- Estaria me fazendo um grande favor. Me pouparia muito, já que decidi lutar pelo amor que sinto por Clara.

Seus olhos se arregalam.

- Que se foda pessoas como você que nos julgam. Já perdi ela uma vez, não vou deixar isso acontecer de novo.

Solto a porta e antes que ela se feche, digo adeus a Carla.

Entro no carro e já começo a ligar para Clara. Chama várias vezes e nada. Pego o celular e começo a digitar uma mensagem.

De: Fernando

Para: Clara

Você precisa me ouvir. Você entendeu...

Paro de digitar quando escuto uma buzina em minha direção. É um caminhão e estou na faixa errada.

- Merda!

Grito puxando o carro de volta pra minha pista e o caminhão quase pega o meu carro. Meu celular cai no chão, antes que eu consiga mandar a mensagem. Isso só piora. Tento pegar com o pé, mas ele esta preso em um ferro. Olho a estrada e não vejo nenhum carro vindo.

Me abaixo pra pegar o celular e quando consigo, outra buzina surge. Me ergo e novamente estou na faixa errada, mas dessa vez não tem como desviar. Tem um carro na minha frente e outro do meu lado. Piso no freio com tudo esperando que o cara a minha frente faça o mesmo. Escuto o barulho dos pneus freando e fecho meus olhos. Tudo se silencia e quando

abro meus olhos, vejo que nada aconteceu.

- Seu filho da puta. Quer morrer?!?!?

O homem a minha frente começa a gritar, mas não tenho tempo pra isso. Preciso muito ir atrás da minha mulher. Ligo o carro e sigo para a minha faixa, fugindo do homem com muita raiva.

Paro o carro em frente a casa dos meus pais. Está tudo escuro e vejo no relógio que são quase meia noite. Parece que meus pais estão dormindo. Será que Clara está aqui? Saio do carro correndo e entro em casa sem fazer barulho. O silêncio só aumenta meu desespero. Subo a escada rápido, mas evitando fazer barulho. Não quero explicar aos meus pais o porque do meu desespero atrás dela. Sigo para seu quarto e paro em frente a porta. Está silencioso. Abro a porta e está tudo escuro e vazio. O quarto do Teddy. Ando até o quarto de hóspedes e bato na porta. Ninguém responde. Abro a porta e nada. Merda!!! Fico ainda mais desesperado. Eles estão juntos, mas onde? Então a ideia dela ter voltado pra Londres surge e sinto o ar faltar dos meus pulmões.

- Não...

Volto correndo para o quarto dela e entro. Sigo para seu armário e assim que abro, sinto um alívio filho da mãe em meu peito. As roupas dela ainda estão aqui. Encosto minhas costas na parede, sentindo a adrenalina em meu corpo acabar.

- Onde você está Clara?

Sussurro com o peito sufocado. Me agarro a uma camiseta dela, sentindo seu cheiro. Não sei pra onde correr e nem o que fazer. A sensação de impotência é irritante. Sigo para fora do quarto dela e ando pela casa até a cozinha. Me sento no balcão e vejo as bebidas do meu pai. Eles devem ter passado a noite bebendo. Abro a garrafa de whisky e encho um copo. Viro ele com tudo, sentindo o líquido descer pela minha garganta queimando.

Encho mais um copo e antes de beber, pego meu celular. A mensagem ainda esta ali para enviar. Apago o texto e começo um novo.

De: Fernando

Para: Clara

Não desista de nós, não desista de mim. Vou contar aos nossos pais sobre a gente. Estou em casa esperando eles acordarem. Estou disposto a lutar por você com tudo que tenho. Te amo!

Respiro fundo e envio a mensagem. Encaro a bebida e viro mais uma vez o copo todo, ainda agarrado a camiseta dela com seu doce cheiro. As horas vão passando e não sei mais o que fazer. Encaro a garrafa agora vazia e decido parar com a bebida. Tento andar, mas minhas pernas estão um pouco mole. Meio tonto, tento sair da cozinha. Escuto o barulho da porta.

- Clara...

Sussurro criando forças nas pernas e indo para a sala. Assim que chego dou de cara com Teddy.

- Onde esta a Clara?

Ele me olha todo e suspira.

- Você esta péssimo.

- Vai se foder!

Digo irritado.

- Quero saber onde esta Clara.

- Você esta bêbado.

- Porra! Só quero saber onde esta a minha irmã.

- Você a machucou.

Me joga no sofá e cubro meu rosto.

- Eu sei...eu sei. Isso está acabando comigo, mas não foi minha intenção.

Digo sentindo as lágrimas saindo. Olho pra Teddy que está me encarando.

- Só queria protegê-la da Carla. Não queria que ela ouvisse coisas horríveis sobre o que estávamos fazendo.

Então percebo que disse demais.

- Esquece...

- Não precisa esconder isso de mim.

Fala andando até onde estou e se senta na mesinha a minha frente.

- Sei de tudo. Clara me contou.

- Tudo?!?!?!?

Ele apenas confirma com a cabeça.

- Que vocês se amam.

- Ela ainda me ama?

- Provavelmente sim, Fernando. O amor não acaba assim de um dia para o outro.

- E você não está bravo por ela me amar e não a você?!?!? Carla está enfurecida.

Sorri e se inclina.

- O que você tem de lindo, tem de burro.

Sussurra e seu sorriso se amplia.

- Como assim?

- Se eu pudesse escolher um irmão, não escolheria a Clara.

Bate os cílios e levo alguns segundos pra entender.

- Você é gay?

Confirma com a cabeça, rindo da minha cara.

- Gayzona, gayzaça...

Ainda estou em choque.

- Você é gay...

Minha voz quase não sai.

- Sim...

Teddy diz se levantando.

- Todo esse teatro foi pra tentar fazer você se afastar de Clara, já que você tem o dom com esse corpinho delicioso de fazer a gente pirar.

- A gente?!?!?

- Sim... Clara e eu! Seu corpo é uma escultura.

Me levanto do sofá, meio cambaleando.

- Para de me olhar assim.

- Desculpa, é que tive lembranças suas só de bermuda.

Me lembro dele caindo da cadeira e agora a ficha caiu. Estava me olhando quando caiu. Porra!!!! Como não percebi antes?! Teddy se vira para subir.

- Me diz onde esta a Clara.

- Não... ela não quer te ver.

- Ela precisa me ouvir.

Para no primeiro degrau da escada.

- Esta machucada demais, Fernando.

Diz se virando e me olhando.

- Sabia que estava disposta a enfrentar o mundo por você? Estava disposta a tudo por você.

Sua voz é de raiva.

- E você perdeu a única chance que tinha com medo de uma vagabunda dar show?

- Eu te imploro! Me diz onde ela esta.

Sinto a porra das lágrimas saindo de novo.

- Eu a amo, Teddy! Não posso viver sem ela.

Esta me olhando, na verdade me analisando.

- Não adianta mais. Nesse exato momento esta no aeroporto. O voo dela sai em 40 minutos. Vim buscar suas coisas e sigo para o voo da tarde.

Meu peito parece que vai explodir.

- Ela esta voltando pra Londres?

CAPÍTULO 18

NARRAÇÃO CLARA

Observo a chuva intensa que cai. Meu coração esta completamente apertado e minha mente é toda dele. Só consigo repassar várias e várias vezes Fernando com Carla em minha cabeça. Meu celular não para de tocar com mensagens e ligações dele. Não tenho coragem de atendê-lo e muito menos ler suas mensagens.

- Chegamos!

O taxista anuncia parando em frente ao aeroporto. É isso!!! Acabou tudo. Minha vida é em Londres, bem longe daqui e do Fernando. Pago a corrida e saio do carro com a minha bolsa. Meu celular toca e dessa vez é Teddy.

- Oi!

- Estou chegando na sua casa.

- Seja discreto. Não quero que meus pais saibam que fui embora até eu estar em Londres.

- Tem certeza disso, Clara? É isso mesmo que você quer?

Sigo para o balcão para comprar minha passagem.

- Tem que ser assim.

- Não precisa ser assim e sabe disso.

- Eu não devia ter voltado.

- Vai viver o resto da sua vida com esse sentimento?

Seco meu rosto das lágrimas.

- Conversa com ele.

- Não...

- Sei que ele fez merda, mas vocês se amam.

- Teddy, chega! Se não puder pegar minhas coisas deixa. Depois peço pra minha mãe me mandar.

- Tem ideia da dor que seus pais vão sentir com você indo embora sem se despedir?

- Arranjo uma desculpa.

- Você vai fugir de novo do Fernando e vai fazê-lo sofrer como da outra vez.

Paro no balcão.

- Ele vai superar. Superou da outra vez com a Carla, não vai ser difícil agora.

- Clara...

- Chega, Teddy!

Grito e a menina do balcão me olha.

- Preciso desligar.

Desligo o telefone e encaro a mulher no balcão.

- Me desculpa!

- Imagina senhora. Qual o destino?

- Londres.

Ela olha o monitor.

- Temos um voo que sai em 1h.

- Perfeito.

Entrego meu cartão de crédito e seleciono a poltrona.

- Tenha um bom voo!

- Obrigada!

Assim que me viro pra ir a sala de embarque, mando mensagem para Teddy.

De: Clara

Para: Teddy

Embarco em 1h, te espero em Londres.

Obrigada por pegar minhas coisas.

Ando para a sala de embarque e me sento em uma das cadeiras. Observo as pessoas a minha volta.

Uma mulher se despedindo de um homem, ela esta chorando e ele a consola. Suspiro e olho uma família se despedindo de um casal. Eles parecem felizes, talvez indo para sua lua de mel ou uma viagem desejada. Respiro fundo e fecho meus olhos. Nunca terei isso. Minha vida sempre será tentar não ama-lo. Abro meus olhos e limpo minhas lágrimas.

- Esta tudo bem?

Um senhor pergunta me olhando.

- Sim...

Ele observa meu rosto.

- Não parece.

- Vou ficar.

Suspiro tentando aliviar a dor em meu peito. Meu celular começa a tocar e o nome de Fernando pisca na tela. Observo o celular esperando ele desistir ou cair na caixa postal. O telefone para de tocar. Percebo que estava segurando minha respiração ao soltá-la aliviada. O celular vibra e é uma mensagem dele. Me controlo para não ler. Sei que se eu ler, vou pensar em ficar e não posso. Não posso fazer isso comigo. Não posso fazer isso com meus pais. Aquela coragem toda que tive ontem nos braços dele sumiu, dando espaço novamente a culpa e a dor que senti. Apenas espero... Espero a hora de partir e sumir no céu com essa dor.

- Voo 5547, com destino a Londres. Embarque portão 3.

Meu coração acelera e minhas pernas parecem que estão grudadas no chão. O choro quer explodir, mas não posso deixar. Como da outra vez vai doer, mas uma hora aprendo a viver com essa dor.

Me levanto da cadeira e uma pontada surge em meu peito. Coloco minha mão onde dói e sinto novamente a dor. Tento me segurar na parede para não cair. A dor vai aumentando como se fosse uma angustia.

- Você esta bem?

O senhor pergunta me segurando firme.

- Não...

Minha voz quase não sai.

- É melhor se sentar novamente.

Então a pontada aumenta me fazendo soltar um grito de dor.

- Vou pedir ajuda.

Sai desesperado de perto de mim e me seguro na cadeira. Começo a me sentir sufocada.

- Clara...

É a voz do Fernando. Me levando desesperada da cadeira, olho em volta, mas não o encontro.

- Clara...

É um sussurro fraco como se ele estivesse aqui ao meu lado, mas não o encontro.

- Fernando...

Chamo por ele, rodando em volta com desespero e não vejo nada. Então ao senhor volta.

- Calma!

Ele percebe o meu desespero.

- Ele esta me chamando. Posso ouvi-lo.

Sussurro chorando.

- Quem?!?!?!?

- Fernando...

As pessoas vão desaparecendo.

- Vamos a enfermaria.

- Não...

- Querida as pessoas já estão embarcando. Vamos para a enfermaria para ver se esta em condições de embarcar também. O voo sai em 10 minutos.

Olho para o portão de embarque. Olho para trás.

- Vem comigo!

Apoia meu braço em seu ombro e vai me puxando.

- Não vai...

Paro de andar e olho em volta. É a voz do Fernando de novo.

- Ele esta aqui...

- Não tem mais ninguém aqui.

As pessoas já embarcaram e estou sozinha com ele.

- Posso ouvi-lo.

- Pode ser você querendo ficar.

- Não... tenho certeza que é ele.

- Continue andando, você precisa de ajuda.

Quando dou um passo a dor explode em meu peito e minhas pernas falham. Caio de joelhos me sentindo sufocada.

- Clara...

Agora sua voz é de medo.

- Fernando...

O senhor começa a gritar por ajuda quando me vê amolecer em seus braços. Como se tudo a minha volta fosse um filme, vejo algumas pessoas correndo ao meu redor.

- O que aconteceu?

- O peito dela, estava com dor. Pode ser infarto.

Meus olhos querem se fechar, mas não quero desmaiar. Alguma coisa aconteceu. A sensação de que Fernando precisa de mim domina meu corpo.

- Meu celular.

Digo sussurrando, tentando voltar ao normal. O senhor pega a minha bolsa e tira o celular. Assim que o pego ele começa a tocar. O nome de Teddy surge na tela.

- O que aconteceu?

- Não embarca.

- O que aconteceu, Teddy?

Pergunto gritando. Posso ouvir barulho de sirene e gente gritando em meio a chuva.

- Tentei impedir Clara, eu juro.

Ele esta chorando e começo a chorar também.

- O que ele fez?

- Cheguei e ele estava bêbado.

Faz uma pausa e posso ouvir alguém falando com ele.

- Teddy...

Grito desesperada, sentindo a adrenalina despertar meu corpo.

- Disse a ele que estava voltando para Londres. Ele simplesmente pegou o carro e saiu como louco atrás de você. Não pude impedir.

Levo minha mão a boca tentando controlar os soluços do choro.

- Ele estava muito bêbado e a chuva...

Para de falar chorando mais.

- Peguei o carro para tentar impedir uma merda, mas ele perdeu controle do carro na minha frente e capotou.

Me levanto do chão desesperada.

- Estão tentando tirá-lo das ferragens.

- Como ele esta?

- Desacordado.

- Me diz por favor que ele esta vivo.

- Esta, mas a chuva esta muito forte e Fernando esta perdendo muito sangue.

Me sento na cadeira.

- Estão lutando para salvá-lo Clara, mas...

- Teddy...

- Eu não sei como vão fazer isso.

- Ele não pode morrer.

- Anjo...

A voz do Teddy é sem esperança.

- Não... ele não pode morrer.

Me levanto da cadeira e saio correndo da sala de embarque, mesmo ouvindo as pessoas que estavam me ajudando me chamando preocupados.

- Não desliga. Me mantém informada.

Digo abrindo as portas desesperada para sair do aeroporto.

- Estão cortando as ferragens.

- Onde foi o acidente?

- Dez minutos do aeroporto, via principal.

Sinto o vento frio bater em meu corpo quando chego do lado de fora. Olho em volta e não vejo nenhum taxi.

- Merda...

A chuva esta intensa em meu corpo, mas não me importo.

- Teddy!

- Aqui!

- O que esta acontecendo?

- Estão removendo a porta, para começarem os primeiros atendimentos.

Meu coração aperta.

"Fica comigo Fernando... Não me deixa..."

Um táxi surge e logo ergo a mão o chamando. Ele encosta e entro correndo.

- Pra onde?

- Siga pela via principal, assim que avistar um acidente pare.

Me olha assustado.

- Não temos muito tempo. Por favor!

Sai rapidamente entendendo meu desespero.

- Teddy, já estou indo.

- Estão tirando ele do carro.

- Esta muito machucado?

Teddy fica em silêncio e fecho meus olhos chorando.

- Não precisa responder.

- Seja rápida! Estão atendendo ele na pista, mas não me deixam chegar perto. Não sou da família.

- Verifica para onde vão levá-lo.

- Vou ver aqui.

Após poucos minutos posso ouvir o barulho das sirenes na pista oposta a que estamos.

- Estou chegando Teddy!

Vejo o movimento e logo pego minha carteira.

- Pode parar.

Tiro algumas notas, muitas acho, mais do que seria a corrida.

- Toma...

Dou ao motorista e salto do carro.

- Moça os carros.

O taxista grita e paro vendo os carros passando.

- Para...

Começo a gritar em meio a chuva, balançando os braços para os carros pararem e eu poder passar.

Assim que os carros param, corro para a pista onde eles estão. O trânsito esta todo parado.

- Clara!

Teddy esta no acostamento e pulo a mureta central.

- A senhorita não pode ficar aqui.

Uma policial tenta me afastar.

- Ele é meu irmão.

Grito a empurrando e corro até onde esta o corpo do Fernando no chão.

- Fernando!

- Se afasta.

Um dos paramédicos me para.

- Prontos para seguir pro hospital.

Erguem o corpo dele na maca.

- Vou junto.

- Quem você é?

- Irmã.

- Vamos...

Olho para Teddy.

- Avisa meus pais.

Grito acompanhando a maca e ele apenas confirma com a cabeça que me ouviu. A maca entra na ambulância e logo em seguida subo também. Sou empurrada para o canto do banco e mais dois paramédicos entram, fechando a porta. Eles começam a mexer no Fernando e estou paralisada. Seu rosto está machucado e cheio de sangue. Está muito ferido e isso me dói tanto.

- Imobilizem o braço.

Um deles diz e vejo no braço dele um enorme ferimento. Colocam a máscara de oxigênio e o ligam aos aparelhos.

- Manta...

Terminam de enrolá-lo com uma manta térmica. Apenas observo, pedindo a Deus que ele fique bem. Quando terminam, o motorista anuncia 5 minutos para chegar ao hospital.

- Posso tocá-lo?

Minha voz é tão fraca.

- Pode! Terminamos o que dava pra fazer. Senta aqui!

Troco de lugar com um dos paramédicos e me sento ao frente do corpo do Fernando. Ergo minha mão e toco seu cabelo molhado. Tento não chorar, mas é impossível.

- Me desculpa!

Sussurro para ele, me sentindo culpada pela sua dor e sofrimento.

- Sinto muito.

Me inclino e coloco minha testa em seu ombro.

- Eu te amo! Te amo tanto. Só não sei o que fazer com esse amor.

Escuto a ambulância parando e a porta se abrindo.

- Homem, 25 anos, fratura no braço e possível hemorragia interna.

Anuncia o paramédico descendo da ambulância, puxando a maca para fora. Outros enfermeiros surgem e junto com eles o médico.

- Erick!

Ele me olha assustado.

- Clara!

Então olha pra maca.

- Oh merda!!!! Fernando.

Ajuda com a maca, empurrando para o hospital. Pulo da ambulância, para acompanhá-los.

- O que aconteceu?

- Ele perdeu o controle do carro e capotou.

Seguimos por um corredor e ele vai ordenando algumas coisas aos enfermeiros.

- Fique aqui.

Me para, enquanto a maca segue.

- Mas preciso ficar com ele.

- Fernando precisa de cuidados.

Olho para Erick perdida.

- Não deixa ele morrer.

Limpa meu rosto das lágrimas.

- Prometo que vou fazer de tudo pra que fique bem.

- Obrigada!

- Mas fique aqui.

Beija minha testa e se afasta, correndo para onde a maca foi. Me sento em uma das cadeiras no corredor e me encolho nela. Ele tem que ficar bem... Ele tem que ficar bem... Sussurro várias vezes para não enlouquecer. Escuto barulho de salto e assim que viro a cabeça, vejo minha mãe. Ela está chorando desesperada, perguntando sobre o meu irmão. Então ela me vê no banco e chora ainda mais.

- Filha!

O meu choro e o dela ecoam pelo corredor e nos abraçamos.

- Ele não pode morrer.

Sussurro com o rosto em seu pescoço.

- Ele não vai. Seu irmão é forte.

Beija minha cabeça.

- Você esta toda molhada.

Se afasta me olhando.

- Não pode ficar assim.

Se levanta e segue até uma enfermeira.

- O que aconteceu?

Meu pai pergunta me olhando. Vejo Teddy atrás me olhando também.

- Ele perdeu controle do carro e capotou.

- Você estava com ele?

- Não... Estava sozinho.

Se senta ao meu lado.

- Mas você não saiu com ele? O que aconteceu?

- Toma, meu bem!

Minha mãe diz se aproximando com uma manta.

- Precisa se secar.

Me enrola com carinho e suspira.

- Ele te deixou sozinha?

Meu pai insiste.

- Não! Eu o deixei com a Carla.

- Carla?

- Sim! Íamos dormir no apartamento dele.

Paro de falar e respiro fundo.

- Mas Carla chegou e não queria atrapalha-los.

Encaro o chão para não mostrar que escondo as coisas.

- E como ele foi parar em um carro capotado? Estou completamente perdido.

- Hélio, deixe Clara em paz. Estamos todos perdidos. Só quem vai poder responder isso é Fernando.

Dou graças a Deus por minha mãe intervir.

- Vou atrás de informações.

Meu pai se levanta, seguindo para a recepção do hospital. Teddy se senta onde ele estava. Sua mão toca a minha e ele a aperta.

- Vai ficar tudo bem.

Sussurra e me encosto em seu ombro. Minha mãe começa a andar pelo corredor.

- Ele estava tão machucado.

Digo com a voz embargada.

- O que me dói foi vê-lo inconsciente. Não ver seus olhos nos meus. Simplesmente estava lá sem vida quase.

- Ele não esteve assim o tempo todo.

Me afasto e o encaro.

- Como assim?

Teddy se vira pra mim.

- Estava atrás dele e vi tudo. Liguei pra emergência e sai do carro para ajudá-lo.

Respira fundo e para.

- Continua, Teddy!

- Anjo, você não precisa ouvir isso.

- Preciso sim. Por favor!

Peço chorando.

- Estava acordado, gemendo de dor. Quando fui tentar tocá-lo preso nas ferragens, ele gritou de dor. Tentei me levantar, mas ele não deixou.

Seus olhos estão cheios de lágrimas.

- Me implorou para não deixar você voltar pra Londres. Disse que era pra te dizer que ele terminou com a Carla. Que só queria te proteger.

Levanto da cadeira me sentindo uma idiota.

- Clara!

Olho pra ele da cadeira.

- Não se sinta culpada.

- É tarde demais.

Olha em volta e vê que meus pais estão distantes. Se levanta e vem em minha direção.

- Ele disse uma ultima coisa antes de apagar.

- O que ele disse?

Teddy para a minha frente e toca meu rosto.

- Disse que sempre vai te amar.

CAPÍTULO 19

Enfio meu rosto no peito do Teddy e volto a chorar feito uma criança perdida.

- Anjo, ele te ama e por esse amor vai ficar bem.

- Pude ouvir seu desespero.

Digo erguendo a cabeça e encaro seus olhos.

- Como se estivesse naquele carro com ele. Seu medo de me perder e chamando por mim.

- Ele não estava pensando. A bebida e o medo de te perder novamente o cegaram completamente.

Volto a abraçá-lo.

- Queria que isso fosse um pesadelo. Quero acordar e descobrir que estou em Londres e nunca vim pra São Paulo.

- Isso te doeria menos?

- Pelo menos saberia que ele esta bem.

- Ele nunca esteve bem.

Me afasto de Teddy sem entender.

- Conversei com sua mãe.

- O que ela te disse?

- Que Fernando nunca superou sua partida. Que só voltou a sorrir quando você retornou. Clara, vocês precisam dar um jeito nisso.

- Como?!?!?

Ergo meus braços.

- Me diz como e eu faço. Já pensei em mil coisas e nenhuma resolve o grande problema.

Abaixo meus braços, exausta.

- Ele sempre será meu irmão. Isso sempre será errado.

Quando Teddy abre a boca para falar, vejo Erick surgir.

- Como ele esta?

Pergunto indo até ele e vejo meus pais se aproximarem. Suspira e nos observa.

- Esta em cirurgia. Como os paramédicos haviam detectado ele chegou com hemorragia interna e entrou em cirurgia para descobrir o ponto da hemorragia.

- Meu Deus!!!!

Minha mãe sufoca seu choro com a mão na boca, enquanto me seguro em Teddy.

- Mas vim aqui por outro motivo. O nosso banco de sangue esta vazio e até solicitarmos ao banco externo mais sangue, vai demorar muito.

Erick me olha.

- Fernando perdeu muito sangue e vamos precisar com urgência. Estamos usando o que temos para a cirurgia dele, mas não vai ser suficiente.

- Podemos doar?

- Sim. Isso que vim pedir, Clara. Que todos façam doação, independente do tipo sanguíneo. Ajuda nosso banco e ao mesmo tempo o Fernando.

- Nós vamos.

Meu pai diz olhando para a minha mãe.

- Nós todos vamos doar.

- Vou encaminhá-los para a enfermaria para preencherem algumas informações e já realizarem a doação.

- Obrigada, Erick!

- Estamos lutando contra o tempo, então vamos ser rápidos.

Meus pais são os primeiros a ir para a enfermaria.

- Quem era aquele médico? Ele parecia intimo seu.

Teddy pergunta alisando meu ombro. Estou abraçada a ele no corredor.

- Um amigo da época do colégio. Por ironia do destino, estava comigo no encontro que fomos.

- Ele é gato.

Me solto dele e o encaro.

- O que foi?

- Você esta de olho no Erick?

- Só disse que ele é gato. Gostoso, tem um corpinho bom. Nada comparado ao do seu irmão, mas é bom.

- Teddy...

- Não me olha assim, Clara. Estou triste e abalado com o que aconteceu ao seu irmão, mas ainda possuo dois olhos bem ligeiros.

Pela primeira vez estou sorrindo, depois dessa merda toda.

- Obrigada por estar aqui.

Ele beija minha cabeça.

- Sempre estarei aqui, anjo.

Me acomodo em seu peito.

- Eu sei.

- Agora me conte sobre esse Erick delícia.
- Ele não é gay.
- Também provou esse boy?
- Foi apenas um beijo, quando éramos jovens.
- Então ainda não descarte a bicha dentro dele.
- Não me lembro de na época do colégio ele assumir ser gay.
- Muitos gays se afloram na faculdade, querida. Ainda estou no jogo.
- Fiquei longe por 9 anos, não vou poder te dar essa resposta então.
- Meu radar para gays gostosos esta apitando.
- Teddy, ele apitou para o Fernando.
- Na verdade não apitou. Queria que ele ecoasse igual campainha de corpo de bombeiro, mas nada aconteceu com seu irmão. A não ser tesão mesmo.

Antes que eu pudesse responder, meus pais voltam.

- Clara e Teddy é a vez de vocês.
- Ele ainda esta em cirurgia?
- Sim!

Minha mãe me abraça e sorri.

- Mas tenho fé! Assim como um dia tive quando você nasceu quase sem vida. Você foi um milagre e Fernando também será.

- Não chora mãe.

Beijo sua testa.

- Descansa um pouco.

Se senta ao lado do meu pai e a culpa por tudo me sufoca.

- Vamos!

Teddy diz pegando minha mão.

Entramos na enfermaria e minha cabeça parece que vai explodir.

- Clara Ribeiro!

- Sou eu.

- Theodoro Novaes!

- Meu Deus, meu avô esta aqui?

A enfermeira começa a rir.

- Não me chame de Theodoro. Isso me assusta.

- Como devo chamá-lo?

- Teddy o magnífico.

Estamos as duas rindo.

- Não posso colocar isso na etiqueta que identifica seu sangue.

- Então coloca o nome do vovô ai.

- Mas se quiser posso te chamar de Teddy.

- Seria muito bom.

Nos sentamos e começamos a responder o questionário. Assim que termino de responder, entrego a enfermeira que coloca sobre o balcão. Pega meu braço e já inicia o procedimento. Fecho meus olhos controlando a dor.

- Pronto! Agora relaxa.

Relaxo o corpo e vejo ela ir para o Teddy. Pega seu questionário e coloca no balcão. Quando pega seu braço ele começa a gemer.

- O que foi?

- Me cago de medo de agulha.

- Não vai doer tanto assim.

- Eu sei que vai.

Fecha os olhos e quando a enfermeira encosta a agulha na pele dele, começa a gritar.

- Teddy!

- Desculpa! Minha bicha interior esta em pânico.

A enfermeira esta segurando o riso.

- Vai... pode ir.

Ela coloca a agulha de novo.

- Tira... tira... que tá doendo.

- Eu ainda nem coloquei.

Agora ela esta rindo e muito.

- Jurava que estava dentro de mim já.

A porta da enfermaria se abre e Erick entra.

- Nada ainda?

Pergunto e ele nega com a cabeça.

- Posso furar agora?

A enfermeira pergunta a Teddy que me olha desesperado. Sim, sua bicha interior vai ter que se controlar na frente do Erick. Penso e sei que ele entende pelo meu enorme sorriso.

- Pode...

Sussurra quase sem voz, mantendo os olhos em mim. Seus olhos se arregalam e sei que é a agulha entrando em seu braço. Revira os olhos de dor e vontade de gritar, mas se controla pelo Erick, para não dar show. Assim que ela termina, ele relaxa na poltrona.

- Esta tudo bem?

Erick pergunta se aproximando do Teddy.

- Esta começando a ficar.

Ele não perdoa uma.

- Que bom.

Se afasta do Teddy e volta para o meu lado.

- E você?

- Vou ficar bem quando meu irmão estiver bem.

Sorri e segura minha mão. Olha a bolsa onde meu sangue esta sendo colocado. Inclina a cabeça.

- Você é O positivo?

- Sim...

Seus olhos estão nos meus agora de um jeito interrogativo.

- Seu irmão é A positivo.

- Sim... tem algum problema para doar?

- Não! Você é doadora universal.

- Que bom!

- Mas seus pais são A positivo, como seu irmão.

- Isso eu não sabia.

Ele continua me olhando de um jeito estranho.

- O que foi?

- Você não poderia ser O positivo.

- Como assim?

- Você tem que ser A positivo.

- Isso significa?!?!?!?

Pergunto sem entender nada.

- Significa que você não é uma Ribeiro.

- O que?!?!??

Parece que o mundo parou de rodar.

- Você e Fernando não são irmãos.

CAPÍTULO 20

Erick continua me olhando e cada palavra dita por ele ecoa em minha cabeça e meu coração.

- Clara...

Se aproxima e segura minha mão.

- Fala comigo?!?!?

- Balança ela homem. Da uma tapa na cara dela.

Escuto a voz de Teddy ao fundo, mas minha vista vai se apagando. Tudo começa a ficar borrado e escuto apenas a voz do Erick chamando alguém.

- Merda, Clara!!!!

É a última coisa que escuto antes de apagar.

Sinto algo me irritando em meu braço. Abro meus olhos e suspiro.

- Filha!

Olho para o lado e vejo minha mãe.

- O que aconteceu?

- Estava na sala doando e disseram que você desmaiou.

Me sento com um pouco de dificuldade, minha cabeça esta latejando. Quando termino de me ajeitar e fecho os olhos, as ultimas lembranças voltam com tudo.

"VOCÊ E FERNANDO NÃO SÃO IRMÃOS..."

- Erick! Preciso falar com o Erick.

Tento tirar a agulha do meu braço, que me liga ao soro e os fios que me ligam ao monitor.

- Calma!

- Não... preciso falar com ele.

A porta se abre e vejo Teddy.

- Erick!

Digo a ele nervosa e sem dizer nada, se vira em busca dele.

- Clara, o que esta acontecendo?

Olho pra minha mãe que esta nervosa. Ela ainda não sabe. Erick não contou a ela sobre os tipos sanguíneos.

- Só preciso saber do Fernando.

- Ele ainda esta em cirurgia.

Respiro fundo e fecho meus olhos. Ele tem que sair dessa merda. Se eu não for realmente irmã dele, nós... Deus! Não consigo imaginar como seria se isso fosse verdade. Novamente a porta se abre e dessa vez Teddy vem empurrando o Erick.

- Nada do Fernando?

- Ainda não, estou no ambulatório. Seu pai esta de prontidão no corredor do centro cirúrgico pra ter notícias.

Olho pra minha mãe.

- Mãe pode ver se tem notícias?

Ela sorri e passa a mão em meu rosto.

- Você esta bem?

- Sim... foi só uma queda pressão ou a emoção disso tudo.

Beija minha cabeça.

- Já volto, filha!

A palavra filha em seus lábios direcionado a mim, soa estranho e isso me assusta. São 25 anos ouvindo ela me chamar assim e do nada soa estranho. Assim que sai do quarto, Teddy puxa Erick pelo braço até mim.

- Tem certeza?!?!?!?

Ele me olha e suspira.

- Erick o que me disse é extremamente sério, pode mudar drasticamente duas vidas.

- Tabela sanguínea é a coisa mais idiota do mundo, Clara. Pelos dados sanguíneos de vocês, já te dou 99% de certeza que você não é uma Ribeiro.

- Oh meu Deus!!!!

As lembranças da minha infância, da minha vida, de tudo que passei com Fernando se misturam em minha cabeça.

- Não sei o que aconteceu, como aconteceu, mas em algum momento da sua vida você foi colocada na vida dos Ribeiro.

Sinto um aperto em minha mão e vejo Teddy.

- Você faz ideia do que isso significa né?!?!?!?

- Calma, Teddy! Preciso entender isso primeiro. Erick quero algum exame, alguma coisa que prove que não sou irmã do Fernando.

- Exame de DNA, fica pronto em sete dias.

- Muito tempo! Preciso disso rápido.

- Posso tentar adiantar, mas não garanto.

Minhas mãos estão tremendo.

- Seus sentimentos são puros.

Ergo meus olhos e vejo um enorme sorriso no rosto de Teddy.

- Sempre foram.

- Eu posso amá-lo!

- Pode...

- Eu sabia...

Me viro para Erick que esta com os olhos arregalados, assim como sua boca.

- Sabia que tinha alguma coisa entre vocês. A forma como ele te olhava e como cuidava de você.

- Erick, isso não pode sair daqui até termos o resultado do DNA. Nem meus pais podem saber disso.

Ele se aproxima de mim.

- Clara, e se de alguma forma eles tiverem algo relacionado a isso!? Eles devem saber que não é filha deles.

- Não... tenho fotos com eles desde a saída da maternidade até os dias de hoje. Minha mãe repete sempre que pode a história do meu nascimento.

Não posso acreditar que eles sabiam que não sou uma Ribeiro e nunca disseram nada.

- Então só pode ser troca.

Olho pra Teddy.

- Como assim?

- Meu ex namorado...

Para de falar e olha para Erick que esta constrangido.

- Sim meu bem, eu sou gay.

Volta a me olhar.

- O Phill, aquele moreno lindo bem dotado.

- Teddy essa parte é desnecessária.

- Não tem como lembrar dele sem pensar em certos atributos, Clara.

Então os olhos do Teddy vão para o meio da perna do Erick, que leva a mão cobrindo seu pacote.

- Voltando! Ele foi trocado na maternidade. Uma enfermeira confundiu os bebês e fez a troca sem querer.

- Isso seria possível! Ainda mais se tiveram muitos partos no dia do seu nascimento.

Eu não sei o que pensar.

- Clara, comprovando pelo exame que não é irmã do Fernando tudo se resolve.

- Nem tudo, Teddy!

Sinto um aperto em meu coração.

- Não sei quem eu sou. Acabei de perder a minha identidade.

- Quem você é não muda nada, Clara.

- Sabe aquela sensação de vazio?!?!? Como se uma parte de você tivesse acabado de sumir?

Olho pra ele sentindo meus olhos arderem.

- Acabei de perder a minha base. Amo minha mãe e meu pai, acho que esse amor nunca vai mudar ou acabar, mas...

Limpo minhas lágrimas.

- Algo dentro de mim sumiu e preciso encontrar.

- Você precisa saber da sua história.

- Sim... existe um casal com o mesmo sangue que o meu em algum lugar. Posso ter irmãos. Os Ribeiro podem ter uma filha de verdade e Fernando uma irmã.

- Entendo você.

- Acabei de ganhar a liberdade de amar o homem da minha vida. Mas ele não sabe quem é a mulher da vida dele. Quem sou eu Teddy?

Ele me abraça forte.

- Mil perguntas surgem na minha mente. Como eles são, com quem eu pareço e onde estão?!?!?

Erick se aproxima e também me abraça.

- Não sei o que fazer.

- Vamos começar pelo exame de DNA.

Sussurra Erick beijando minha cabeça.

- Depois nós vamos te ajudar encontrar a sua verdade.

- Queria tanto poder abraçar o Fernando agora e dizer a ele o que acabamos de descobrir. Beijá-lo sem culpa e me entregar a ele sem medo.

- Ele vai ficar bem, Clara. Fernando é forte.

- Preciso que me prometam uma coisa.

Limpo meu rosto, Erick e Teddy me olham. Seguro a mão deles e respiro fundo.

- Isso tudo não pode sair daqui por enquanto.

Olho para o Erick.

- Consegue fazer esse exame sem que meus pais saibam?

- Sim...

Olho para o Teddy.

- Só vamos contar ao Fernando quando tivermos 100% de certeza que ele esta bem.

- Por que esta olhando pra mim? O médico gostosinho ai pode abrir o bico também.

Ergo uma sobrancelha pra ele.

- Teddy!

- Já sei! Sou uma bicha fofqueira.

Abro um enorme sorriso.

- Me promete?

- Prometo, anjo!

CAPÍTULO 21

Assim que Erick sai do quarto para pegar as coisas para coleta do meu sangue, Teddy se senta na cama.

- Acho que você não volta mais pra Londres.

Diz com um enorme sorriso.

- Eu nem sei o que fazer quando sair dessa cama Teddy.

- Queria tanto poder fazer algo por você.

- E pode.

Seguro sua mão.

- Quero que pesquise o hospital onde eu nasci. Quero saber se ele ainda existe.

- Vai começar por aí?

- Sim. Meus pais saíram de Holambra quando tínhamos 02 anos. Eles queriam aumentar os negócios.

- E conseguiram.

Encaro Teddy.

- A empresa do seu pai é uma das melhores de São Paulo.

- Sim, mas me lembro bem do quanto ele trabalhou por isso. Chegava tarde quase todas as noites, até alcançar o conforto que temos. Pensa em uma empresa que crescia em uma pequena cidade se mudar para uma enorme

cidade em busca de reconhecimento.

- Vocês eram bem de vida?

- Minha mãe diz que para os padrões de Holambra éramos uma classe quase alta, mas que aqui isso mudou.

- Então provavelmente Holambra conhece a família Ribeiro.

- Sim! Parece que tenho um tio por lá ainda, que não fala com meu pai por causa de brigas da empresa.

A porta se abre e Erick entra.

- Vou fazer a sua coleta e assim que seu irmão sair da cirurgia e estiver no quarto, faço a dele.

- Irmão!

Sussurro baixinho, vendo como agora soa estranho essa palavra.

- É estranho dizer que não vejo mais Fernando como meu irmão?!?!? Posso dizer papai e mamãe, mas irmão não.

- Anjo, ele nunca foi um irmão pra você. Na sua cabeça e no seu coração ele foi o amor da sua vida.

- Por que você chama ela de anjo?

Erick pergunta e fura meu braço, me fazendo gemer.

- Tá com ciúmes?

- Não! Clara e eu somos amigos.

- Não falei ciúmes dela, seu bobinho.

Erick fica sem graça e vermelho.

- Olha Clara, que fofo. Ele fica ainda mais sexy vermelhinho assim. Vou te chamar de tomatinho.

- Me chame de Erick, por favor!

- Vai ser meu doutor tomatinho.

Estou rindo da briga dos dois.

- Sabe o que fica bem com tomatinho? Palmito. Um belo palmitão como eu.

- Clara, manda seu amigo parar.

- Teddy, acalma sua bicha interior.

Agora estamos os três rindo.

- Erick, você conhece muitos hospitais?

- Só os que fiz minhas residências e os mais famosos da região.

- De Holambra conhece algum?

- Conheço o Hospital Central de Holambra.

- Esta brincando?

- Não. Tenho uma amiga que trabalha lá. Fez faculdade comigo.

- Foi nesse hospital que eu nasci.

- Quer que entre em contato com ela?

- Seria bom!

- Vou ver o que posso fazer. Agora preciso voltar para o meu plantão.

Beija minha cabeça.

- Se estiver se sentindo melhor, pode ir ficar com seus pais. Esta de alta, mocinha.

- Obrigada!

Se vira pra ir embora.

- Tchau, tomatinho!

Posso ver Erick ficar tenso e sair rindo.

- Para de torturá-lo.

- Ele gosta! Se fosse todo machão já teria me dado uma no meio. Logo ele vai me chamar de palmitão.

- Isso seria engraçado.

Antes de descer da cama olho, para o Teddy.

- Também quero saber. Por que me chama de anjo?

- Você nunca me perguntou isso.

- Achei que fosse um jeito carinhoso de chamar as pessoas, mas então você só chama a mim assim.

- Lembra o dia que te conheci no bar?

- Sim.

- Você achou que eu queria te comer e me ignorou.

- Sim...

Estamos os dois rindo.

- Você estava em um vestido branco. Linda e plena. Na hora achei que você era um anjo. Por isso fui falar com você. Estava encantado com a cor dos seus olhos. Nunca vi nada tão azul.

- Se fosse homem...

- Tinha me apaixonado, mas como sou gay eu morri de inveja.

Quando me sinto bem, resolvo ir ver como esta Fernando. Antes de abrir a porta respiro fundo.

- Sabe o que vai me matar?

- O que?

- Esperar 7 dias.

- Nem me fale, isso é uma eternidade. Como vai aguentar ficar ao lado do Fernando sem fazer nada esses 7 dias?

- Não faço ideia.

- O Hospital de Holambra fica longe daqui?

- Acho que umas duas horas e pouco.

- E se fossemos pra lá tentar achar alguma coisa nesse meio caminho.

- Não sei se vamos achar alguma coisa. Vamos ver o que Erick consegue com a amiga.

Sigo para a frente da porta do centro cirúrgico. Assim que chego no corredor paro de andar, não acreditando no que estou vendo. Carla ao lado da minha mãe com uma péssima cara de choro.

Meu sangue ferve. Ando rápido até ela com Teddy atrás de mim pedindo ajuda a todos os santos que conhece.

- O que você faz aqui?

Me olha com aquela cara de cretina.

- Vim ficar com meu noivo.

Vejo no dedo dela um anel.

- Ele não é seu noivo.

- Ficamos noivos essa madrugada. Ele sofreu o acidente ao sair de casa.

Filha de uma mãe...

- Ele não estava na sua casa.

- Claro que estava, cunhada. Saímos da casa dele depois de namorarmos bastante e ele me levou pra casa. No caminho pegou essa chuva e...

Fingi um choro ridículo. Chega!!!! Agarro seu braço e a puxo de perto da minha mãe.

- Me solta!

Vai gritando enquanto a arrasto pra fora do hospital.

- Clara!

Meus pais me chamam assustados.

- Já volto! Só vou colocar esse lixo pra fora.

Termino de arrastá-la pra fora do hospital e a empurro na calçada, com todos nos olhando. Por sorte, Teddy não deixou meus pais nos seguirem.

- O que acha que esta fazendo?

Ela grita arrumando seu corpo e cabelo.

- Sai de perto do Fernando.

- Não...

- Só vou avisar uma vez.

Diz vindo em minha direção.

- Vou voltar pra lá e se me impedir, vou gritar para o mundo que...

Ela nem termina de falar quando acerto um belo tapa em seu rosto. Seus olhos me queimam, enquanto ela segura a bochecha com a marca da minha mão.

- Você é louca?!?!

Grita vindo de novo e dou outro tapa, dessa vez do outro lado do rosto.

- Se continuar, juro que vou partir para uma agressão pior.

Grito com ela que me olha assustada.

- Vai embora! Se afasta do Fernando ou juro que vai entrar mesmo nesse hospital e na cadeira de rodas de tanto apanhar.

- Ele é seu irmão...

Começo a rir, pois tenho vontade de dizer na cara dela que não. Que posso amá-lo como eu bem entender.

- Jura!?!?!? Acha que depois desse acidente estou me importando?

Ando até ela.

- Acha mesmo que depois de quase perder o homem que amo, vou me importar com isso?

Enfio o dedo praticamente no seu nariz.

- Acha que me assusta sua ameaça de dizer a todos que nos amamos como homem e mulher?

- Acho...

- Então me faça esse favor. Anuncie ao mundo e me poupe do trabalho. Enquanto estiver gritando isso, vou estar lá com ele, sendo amada e o amando. Agora vai antes que eu continue a surra que comecei.

Me viro pra entrar no hospital.

- Só mais um aviso.

Me viro antes de entrar.

- Se aparecer aqui de novo, juro que arrasto a sua cara nesse asfalto.

Quando entro no hospital e as portas se fecham, vejo minhas mãos tremendo. É a primeira vez que bato em alguém. É a primeira vez que ameaço alguém.

- Anjo...

Ergo minha cabeça e vejo Teddy me olhando.

- Anjo não porque depois do que eu vi vou te chamar de demôininha.

- Isso nunca aconteceu antes.

Digo ainda assustada com o que fiz.

- Isso no mundo gay chama chique pelo macho.

- Acabei de fazer um escândalo em um hospital.

Ele vem e me abraça.

- Calma! Com o tempo você se acostuma. Com um macho gostoso daquele essa demôninha vai aparecer mais vezes.

Teddy me leva até os meus pais.

- Clara, o que foi aquilo?

- Ela estava mentindo, pai.

Digo me sentando.

- Teddy foi o primeiro a chegar no acidente e Fernando disse a ele que tinha terminado com a Carla.

- Estava mentindo descaradamente?

- Sim, mãe! Fernando percebeu a merda que estava fazendo.

- Graças a Deus, nos livramos dela.

Minha mãe me abraça.

- Nunca te vi daquele jeito.

- Eu também não.

- Seu irmão vai encontrar alguém melhor. Que o ame e o mereça.

Olho para Teddy. Não vou aguentar 7 dias por uma resposta. Preciso descobrir logo o que aconteceu. Preciso descobrir sobre a minha verdadeira família. Vou surtar esperando aqui sentada.

A porta do centro cirúrgico se abre e um médico de idade avançada sai.

- Parentes de Fernando Ribeiro?!?!?

Nos levantamos.

- Como meu filho esta?

O médico olha para o meu pai.

- Seu filho tem uma vontade absurda de viver. Nunca vi um paciente lutar tanto contra a morte.

Sinto meu corpo amolecer.

- Ele esta bem... Vai ficar bem....

CAPÍTULO 22

Sou amparada pelos braços de Teddy antes de cair. Ele me puxa para seu peito e abafa nele o choro de alívio, de alegria, de medo por quase perder o Fernando.

- Vamos mantê-lo em observação máxima na UTI nas próximas 24 horas, para ver sua evolução e se tudo estiver bem, segue depois para o quarto.

- Graças a Deus!

Escuto minha mãe dizer ao fundo, mas minha mente está nele. Na minha vontade de vê-lo, abraçá-lo e dizer que o amo.

- Podemos acompanhá-lo na UTI?

- Não.

O médico responde meu pai.

- Nessas 24 horas vamos deixá-lo totalmente recluso. Quando ele estiver no quarto, deixaremos vocês a vontade.

- Obrigado, doutor!

Me afasto de Teddy, um pouco mais firme. Vejo o médico sair e minha mãe vem me abraçar.

- Ele está bem! Meu menino está bem.

Abraço ela forte e beijo sua cabeça.

- Tudo vai ficar bem.

Sussurra e meu corpo gela. Nem tudo mãe... Tenho vontade de dizer, mas me calo. Só posso contar aos meus pais essa bomba, quando tiver a verdade

nas minhas mãos.

- O que vamos fazer nessas 24 horas?

Meu pai pergunta se aproximando. Solto minha mãe e limpo meu rosto.

- Vão pra casa, vou ficar aqui com Teddy. Se organizem para ficar com Fernando no hospital, durmam, pois quando ele acordar teremos trabalho.

Minha mãe começa a rir.

- Nem me fale. Ainda lembro daquele gesso que ele usou com 12 anos. O trabalho que deu pra ficar com aquilo.

- Vai ficar bem?

Meu pai pergunta me abraçando.

- Vou! Depois trocamos e vou pra casa.

- Esta bem, mas nos mantenha informados.

Nos despedimos e eles seguem para fora do hospital.

Estamos sentados há 30 minutos na recepção.

- Vamos ficar aqui sentados?

Olho para um Teddy entediado.

- Quer ir embora? Fica em casa com meus pais.

- Não foi isso que eu quis dizer.

Encaro ele sem entender.

- Anjo, precisamos nesse tempo resolver sua vida. Quando aquele homem acordar e descobrir que não é irmã dele, vai te trancar no quarto e te comer por dias.

Juro que é impossível ficar triste ao lado do Teddy.

- Vai querer tirar o atraso e ai já viu.

- Teddy, essa cabeça só pensa besteira?!?!?

Os olhos dele se iluminam e suspira.

- Nesse momento estou pensando em uma besteira misturando tomatinho com palmitão.

Sigo pra onde seus olhos estão focados e encontro Erick. Ele esta ao telefone sorrindo.

- Teddy, não se anime e nem se apaixone. Erick nunca mostrou ser gay.

- Clara, já estou apaixonado pela versão pobre do seu irmão.

- Versão pobre?!?!?

Não consigo parar de rir.

- Sim! Seu irmão é “O” homem e Erick é sua versão homenzinho.

- Não quero te ver sofrendo nessa história. Sabe que é um amor não correspondido né?!?!?

- Meu faro gay apontando pra ele assim é porque tem coisa. Aquele corpo não só dá a salsicha, ele também come.

- Ai meu Deus!!!!

Fico vermelha ao ver Erick se aproximando de nós, desligando o celular.

- Esta tudo bem?

Pergunta me olhando.

- Sim...

Tento me recuperar das besteiras do Teddy.

- Soube que Fernando esta na UTI e deu tudo certo.

- Sim...

Um sorriso enorme surge em seus lábios.

- Tenho duas boas notícias.

- Manda, tomatinho!

Teddy diz animado, fazendo meu amigo ficar vermelho.

- Cara, não me chame assim.

- Mas é fofo.

- Estou no meu trabalho e isso fica estranho.

- Desculpa!

Teddy fica sem graça e apenas observo os dois.

- Vamos combinar o seguinte.

Erick diz meio encabulado.

- Lá fora me chama assim. Aqui me chama de Erick, doutor...

Oh meu Deus!!!! Esta sendo fofo. Espera!!!! Será que o faro do Teddy esta certo?

- Pode deixar, doutor.

Estou presenciando um momento fofo gay?!?!?

- Então...

Balanço a cabeça, tentando voltar ao assunto.

- Quais as notícias boas?

Se senta ao meu lado.

- Já consegui uma amostra do sangue do Fernando e já foi para o laboratório, para realização do exame.

- Sete dias de espera?

Ele confirma com a cabeça.

- Vão tentar mandar resultado antes, mas não é garantido.

Respiro fundo para não surtar. Sete dias é muito tempo segurando essa bomba. Já quero desesperadamente contar para o Fernando quando ele acordar.

- Qual a outra notícia?

Teddy pergunta e volto a olhar Erick.

- Consegui falar com a minha amiga em Holambra.

- O que ela disse?

- Os arquivos do ano em que você nasceu são de papel ainda. O hospital guarda no depósito deles.

- Então ainda existem?

- Sim Clara, mas...

A cara dele não é nada boa.

- Disse que esta tudo jogado e fora de ordem. Montanhas de caixas jogadas sem qualquer ordem.

Passo a mão em meu rosto.

- Parece que a verdade esta perdida e bem bagunçada.

Digo desanimada.

- Disse que nos dias de folga consegue tentar procurar, mas vai demorar.

- Consegue colocar outra pessoa além dela para procurar?

- Acho que sim.

- Eu posso ir...

Teddy diz animado.

- Vou, procuro e quando achar volto com o que tiver.

Meu coração aperta e alguma coisa dentro de mim dói.

- Não...

Eles me olham.

- Tenho que estar lá. É a minha vida, minha história e a minha verdade.

Respiro fundo e olho para o Erick.

- Quantos dias acha que Fernando vai ficar aqui?

- No mínimo 4 dias.

- É o tempo que eu tenho.

Os dois me olham assustados.

- Vou... tento descobrir tudo e volto em 4 dias. Com a história completa e o DNA, contamos tudo para os meus pais e ele.

- Vai ficar longe dele por 4 dias?

- Sim...

- Ele vai surtar.

Teddy diz levando a mão a cabeça.

- Você some, ele surta.

- Não precisar segurá-lo aqui e acalmá-lo.

- O que vamos dizer a esse homem quando ele perguntar sobre você?

- Diz que fui pra Londres.

- Ele morre mesmo.

- Não se você disser que fui pegar minhas coisas pra voltar pra São Paulo de vez.

- Vou poder dizer isso a ele?

O sorriso de Teddy é enorme.

- Sim... Diz que depois do acidente, resolvi voltar, ficar aqui em São Paulo.

- Posso dizer que vai dar uma chance ao amor de vocês?

- Não...

Digo com um enorme sorriso.

- Eu quero dizer que sou dele para sempre.

- Posso pelo menos ver você dizer isso a ele?

- Pode.

- Sabe que sou uma bicha romântica.

- Eu também.

Erick diz e nós o olhamos assustados.

- Você também é bicha romântica?

- Não...

Fica vermelho e sem graça.

- Eu também quero ver essa cena dos dois.

- Nossa que susto, tomatinho! Digo... doutor. Duas bichas românticas não rola. Você tem que ser o safado durão pra nossa relação dar certo.

Erick agora esta roxo de vergonha.

- Por favor, ignore ele.

- É difícil.

- Tenta...

Peço com um enorme sorriso, que ele retribui.

- Vou tentar.

- Parem de falar de mim quando estou aqui do lado.

Teddy diz bravo.

- Preciso de um favor de cada.

Me viro pra Teddy.

- Preciso que ajude meus pais a cuidar do Fernando. Avisarei que vou viajar e dar a mesma desculpa de Londres, mas quero muito que você fique e cuide deles pra mim.

- Eu cuido, anjo.

Teddy me abraça forte.

- Vou até dar banho no seu irmão se for preciso. Esfregar bem ele.

- Teddy...

- Estou brincando, credo...

Me solto dele rindo e me viro para o Erick.

- Tenho a sensação que a bomba sobrou pra mim.
- Não posso ir sem antes vê-lo. Preciso tocá-lo e dizer que o amo, antes de ir.
- Te colocar na UTI?
- Por favor, Erick!

A cara dele não é boa.

- Passei minha vida toda amando um homem proibido pra mim. Agora tenho chance de resolver minha historia e amá-lo sem culpa. Estou indo buscar minha libertação, mas antes preciso vê-lo para ter força. Saber que esta bem.

- Clara, você tem noção do que esta me pedindo? Tem restrição de visitas pra ele.

- Por favor!

Erick suspira e geme algumas coisas.

- Vou te dar cinco minutos no intervalo dos plantões.

- Obrigada!

Estou no vestiário dos médicos vestida e pronta pra entrar na UTI, só esperando Erick aparecer.

A porta do vestiário se abre.

- Pronto!

Ele vem abrir a outra porta pra mim.

- Seja rápida, por favor!

- Vou ser.

Ele abre a porta.

- Terceira cama á direita.

- Obrigada!

Entro na UTI e esta tudo calmo. Apenas o barulho das maquinas funcionando ecoam pelo local.

Ando olhando as camas e paro perto da terceira do lado direito. Meu coração acelera ao ver Fernando deitado. Sinto meus olhos arderem pelas lágrimas. Me aproximo e vejo seu braço enfaixado, seu corpo coberto até o peito por uma coberta. Em seu rosto vejo alguns ferimentos leves e na boca também. Esta com um tubo na boca. Paro ao seu lado, já entregue as lágrimas.

Toco sua mão e aperto. Seus batimentos aceleram um pouco. Levo minha outra mão ao seu rosto e o toco, tentando não chegar em suas feridas. Me inclino e coloco meu rosto ao lado do dele. Tento, mas não consigo parar de chorar. Posso ouvir sua respiração agitada.

- Vou precisar ficar longe por um tempo.

Sussurro em seu ouvido.

- Mas será por um bom motivo.

Passo meu nariz na lateral de seu rosto.

- Quando eu voltar...

Sinto um nó em minha garganta.

- Vai ser para ficar ao seu lado para sempre.

Me ergo um pouco e beijo sua testa.

- Eu te amo!

CAPÍTULO 23

Encaro minha mãe que não para de chorar no meio do corredor do hospital.

- Mãe, já disse que volto.

- Eu sei.

- Só vou para Londres resolver um problema de ultima hora.

Me aproximo dela e a abraço forte.

- Te disse que quero voltar pra São Paulo. Assim que resolver tudo, volto pra ficar com vocês.

Ela suspira em meus braços.

- Sabe aquela sensação de que alguma coisa vai acontecer?

Ergue os olhos tristes para mim.

- Estou com uma sensação de perda. Como se estivesse perdendo você.

Queria poder dizer a ela que não vai me perder, mas seria mentira. De certa forma até eu me sinto perdida com tudo isso. Não sou a filha dela. Nem sei quem eu sou. No momento a única certeza que tenho é que amo Fernando e não vou abrir mão desse amor, não mais.

- Mãe!

Limpo suas lágrimas.

- Não importa o que aconteça. Só quero que se lembre de uma coisa.

Encaro seus olhos.

- Você foi a melhor mãe do mundo pra mim nesses anos e te agradeço por tudo que fez por mim.

- Ah filha!!!!

Enfia o rosto ainda mais em meu peito.

- Quer que te leve ao aeroporto?

Olho meu pai que esta com os olhos marejados.

- Não precisa. Vou deixar o carro no estacionamento do aeroporto. Assim quando voltar, já venho com ele.

- Quanto tempo vai demorar por lá?

- Acho que no máximo 2 a 3 dias. Não quero ficar longe do Fernando. Sei que ele não corre mais nenhum risco, mas quero cuidar dele quando sair.

- Finalmente vocês estão se entendendo. O amor de irmão falando mais alto.

Teddy me olha após as palavras da minha mãe.

- Preciso ir!

Beijo a cabeça da minha mãe sigo para um abraço em meu pai.

- Me mantenham informados sobre o Fernando.

- Pode deixar.

Seguro a mão da minha mãe.

- Teddy quer ficar para ajudar. Sei que o papai vive em reuniões, então ele fará meu papel revezando com a senhora.

- Já combinamos tudo.

Minha mãe esta sorrindo.

- Seu namorado é tão bom para você e agora para nós. Fico durante o dia e ele durante a noite.

- Ele é o melhor.

Digo rindo e Teddy esta se sentindo a bicha.

- Te levo até o carro.

Me abraça e seguimos para fora do hospital.

- Me promete que vai cuidar bem do Fernando?

- Vou cuidar muito bem.

Sua voz é safada e dou uma cotovelada em sua barriga.

- Ai, anjo!!!!

- Não é pra abusar dele.

- Tudo bem! Vou usar a bucha pra lava-lo ao invés da minha mão.

Estamos os dois rindo.

- Fica tranquila. Meu foco é comer tomatinho. É mais light e mais acessível para mim.

Paramos perto do carro.

- Teddy, não quero que se apaixone e se machuque por causa do Erick. Você fica com esse seu radar quebrado buscando um gay e acaba atirando em alvos errados.

- Clara, meu radar é ótimo.

Seguro suas mãos e encaro seu rosto.

- Sabe quantas vezes abri a porta do meu apartamento e vi você chorando, acabado por causa de um homem?!?!?

- Sou uma bicha sensível.

- Não quero que sofra.

- Não quero sofrer também, mas agora já é tarde. Quero ver se desse mato sai uma cobra enorme pra me comer.

O abraço rindo.

- Me liga sempre, pra me contar sobre ele.

- Te mantereii informada. Pra ele também digo que esta em Londres?

- Sim... ele também não pode saber dessa loucura. Vai querer vir atrás de mim e precisa se recuperar.

- Certo!

Nos abraçamos mais uma vez e quando sigo para o carro, escuto meu nome. Me viro e vejo Erick vindo correndo. Ele para a minha frente ofegante.

- Pensei em mandar por mensagem, mas é melhor anotado.

Me entrega um papel.

- Esse é o telefone da Lina.

- Lina é a médica em Holambra?

- Sim! Dra. Lina Lombard.

Observo o papel.

- Qualquer coisa que precisar me liga.

- Obrigada, Erick!

Abraço ele forte.

- Boa sorte!

Sussurra e sinto mais um aperto sobre nós.

- Teddy o que esta fazendo?

- Abraço coletivo.

Erick começa a rir, assim como eu.

- Cara, você esta roçando em mim.

- Momento carência, tomatinho.

- Palmitão, desgruda.

Minha risada é alta.

- Não acredito que vai chamá-lo assim.

Solto os dois do abraço.

- Não vou deixar ele me zoar sozinho.

- Fiquem bem e juízo, meninos.

- Sim senhora!

Os dois respondem juntos e se olham assustados.

- É melhor eu ir também, meu plantão acabou.

Entro no meu carro e respiro fundo. Olho o retrovisor e vejo meus amigos. Meus olhos focam no hospital e meu coração aperta. Queria poder ficar com ele. Ver seus olhos abrindo após tudo isso.

Dizer que vamos ficar bem e beija-lo com amor. Todo o amor que sinto por ele e que guardei esses anos todos. Sinto minhas lágrimas caindo. É por nós... É por mim... Pelo nosso futuro. Quero resolver isso logo e voltar correndo pra você. Ligo o carro e mesmo sentindo meu coração apertado, acelero rumo a verdade.

Observo pelo mapa do celular o caminho a seguir quando chegar em Holambra. A estrada esta calma para a minha sorte e o dia esta lindo. Após entrar em Holambra, serão longos 30 minutos até o hospital. Só espero conseguir os arquivos rápidos. Vejo que recebi uma mensagem no celular.

De: Teddy

Para: Clara

Ele acordou e não para de chamar por você. Estava muito agitado e tiveram que dar medicamento pra ele dormir.

Minhas mãos e minhas pernas ficam moles e sinto um nó em minha garganta. Preciso parar o carro ou vou bater. Paro o carro no acostamento e desço me sentindo sufocada. Ligo para o Teddy.

- Oi!

- Como ele esta?

- Dormindo. Os médicos tiveram que apagá-lo, pois queria levantar. Dizia que você não podia ir embora.

- Ele ainda acha que estou indo para Londres.

- Sim... Não acho que lembra do acidente. Os médicos não falaram muita coisa, apenas disseram que ele acordou muito agitado, gritando seu nome.

Me apoio no carro e começo a chorar.

- Queria estar aí com ele. Acho que vou voltar.

- Clara, seja forte! Assim que for para o quarto, converso com ele. É normal acordar assim após um acidente.

- Vou tentar ser forte.

- Vou desligar. Quero dar atenção a sua mãe que também está chorando e seu pai já foi trabalhar.

- Qualquer coisa me liga.

- Certo!

Assim que desligo o telefone, solto um grito de raiva, dor, medo, revolta e tudo mais que sufoca meu peito.

- Tudo bem?!?!

Olho para o lado e vejo um homem.

- Sim...

- Não parece.

Vejo que ele encostou o carro atrás do meu.

- Só um momento de fúria.

- Percebi! Quer ajuda para alguma coisa?

Observo ele com uma sensação estranha em meu coração.

- Não!

- Não é problema com o carro?

Nego com a cabeça.

- O problema sou eu mesmo e minha vida.

Ele abre um sorriso acolhedor e estranhamente sinto vontade de abraçá-lo.

- O que acha de um café?

- Adoraria, mas estou sem tempo. Preciso chegar logo ao hospital em Holambra.

- Estou indo para a mesma direção.

Olho pra ele achando isso estranho.

- Minha noiva trabalha no hospital em Holambra.

Ergue a mão e me mostra a aliança.

- Sabe o caminho?

- Mais ou menos.

- Se me seguir não tem erro. Assim posso ficar de olho se vai ter outro momento de fúria.

Certo, estou sorrindo e adorando um estranho no meio da estrada. Como se pudesse ler meus pensamentos ele estica a mão.

- Vai se sentir mais confortável se formos apresentados.

- Clara Ribeiro!

Digo segurando a mão dele.

- Caíque Silva!

CAPÍTULO 24

Sigo Caique pela estrada, com uma sensação estranha no peito. Algo que nunca senti antes. Em pouco tempo entramos em Holambra e ele vai cortando as ruas. Avisto de longe o hospital e respiro fundo. O relógio no painel do carro apontam quase 19hs da noite. Será que encontro Lina ainda hoje no hospital? Entramos no estacionamento do hospital e paramos o carro. Paro na vaga ao lado da dele e desço, assim como ele. Observo o prédio a minha frente.

- Gostou?

- Parece que foi reformado.

Quando olho para ele, esta com um enorme sorriso.

- E foi, por mim! Não por mim sozinho, mas pela minha empresa.

- Ele é bem moderno pra pequena cidade que vi enquanto vínhamos pra cá.

- Eu sei. Isso me deu dor de cabeça. O povo daqui não esta preparado para o futuro.

Começo a rir vendo a cara dele.

- Você é...

- Engenheiro.

- Eu sou arquiteta.

- Olha só, que maneiro.

Estamos os dois sorrindo com orgulho das nossas profissões.

- Acho que aqui termina a nossa saga.

Estica a mão para mim.

- Obrigada por me ajudar!

Seguro sua mão firme.

- Não vai ter mais surtos de fúria?

- Vou tentar.

Solta a minha mão e a enfia no bolso, tirando um cartão.

- Se tiver um surto ou precisar de ajuda me liga.

Pego o cartão olhando seu nome no meio dele.

- Caíque Silva.

Sussurro observando o sobrenome.

- Todos me conhecem na cidade.

- Isso é bom?!?!?

Ele sorri malicioso.

- Não acredite em tudo que te disserem.

- Pode deixar.

- Atrapalho?!?!?

Olho para o lado e vejo uma bela ruiva.

- Claro que não, amor.

Caíque puxa a mulher e a beija me deixando sem graça e me forçando a virar. Tento não rir da empolgação dele. Então ele a solta, que esta um pouco mole com o beijo.

- Essa é Clara.

Aponta pra mim.

- Clara, essa é minha bela noiva, Lina.

Nós duas nos olhamos.

- Clara Ribeiro...

- Lina Lombard...

Mundo pequeno esse!!! A noiva do Caíque é justamente quem eu procuro.

- Vocês se conhecem?

Ele nos observa rindo.

- Sim... quer dizer não.

Lina diz me olhando.

- Clara é uma amiga de um amigo. Não sabia que vinha hoje.

- Precisava ser rápida, não tenho muito tempo.

- Muito tempo para!?!...

Caíque questiona de braços cruzados, nos olhando.

- Clara precisa de um favor, mas hoje vai ser impossível.

Lina diz desanimada.

- Os arquivos do hospital ficam no depósito e ele fica aberto no mesmo horário que o administrativo do hospital.

- Que já fechou.

Ela confirma com a cabeça. Me encosto no carro desanimada.

- Só consigo te levar ao arquivo amanhã e te ajudo já que estarei de folga.

- Pra que precisa do arquivo do hospital?

Caíque se enfia na conversa.

- Uma longa e louca historia.

Ele olha para o relógio.

- Se tivesse tempo agora, me sentaria para ouvir, mas...

Puxa Lina para seus braços.

- Vamos jantar com meus pais e se bem conheço minha mãe, ela já deve estar preocupada com nosso atraso.

Lina me olha.

- Vai ficar na cidade?

- Sim! Pelo menos até achar o arquivo.

- Já tem onde ficar?

- Ainda não. Vou rodar a cidade e ver se acho alguma coisa.

Lina pega sua bolsa e abre.

- Não precisa procurar.

Puxa de dentro um cartão.

- Esse hotel é da minha mãe.

Me entrega e vejo o endereço.

- Fica a duas quadras daqui. Moro lá com ela, também. Se ficar hospedada nele, quando voltar passo no seu quarto para conversarmos.

- Se voltar hoje.

Caíque sussurra alto suficiente para que eu possa ouvir.

- Não se preocupe comigo, cuide do seu noivo. Amanhã conversamos.

- Então vai se hospedar lá?

- Claro.

Abre um enorme sorriso.

- Tem meu telefone?

- Sim.

- Tem roupas?

- Sim.

- Se precisar me ligue.

- Pode deixar.

Ela me abraça forte.

- Depois conversamos.

Me solta e segue com Caíque abraçados para o carro. Uma inveja pequena surge em mim. Quero ter isso com Fernando. Andar abraçada, sem medo e culpa. Ser beijada no meio da rua com esse amor todo. Suspiro me lembrando dele acordando e me chamando. Antes de entrar no carro resolvo ligar para o Erick. Chama várias vezes e nada. Tento novamente.

- Oi, Clara!

Ele atende ofegante.

- Te acordei?

- Não. Só tive que correr pra pegar o celular no carro.

- Ainda não esta em casa?

- Não. Tive algo no meio do caminho.

A voz dele é meio envergonhada.

- Liguei pra avisar que achei a Lina e amanhã começamos a caça aos meus arquivos.

- Que ótimo!

Escuto ele sussurrar algo pra alguém.

- Estou te atrapalhando?

- Não.

- Se estiver, posso ligar outra hora.

- Clara, esta tudo bem!

- Tem mais alguma coisa sobre o Fernando?

- Não. Ele foi sedado depois que acordou agitado.

- Teddy, me contou.

- Amanhã cedo ele deve ir para o quarto e saberemos mais.

- Amanhã esta de folga?

- Sim, mas passarei lá de qualquer forma. Parece que virei motorista de um certo palmitão.

- Oi, Anjo!

Escuto a voz do Teddy de fundo. Certo! Estou chocada.

- Teddy esta com você?

- Sim... parece que seu pai buscou sua mãe no hospital para ir a um jantar e seu amigo pediu socorro para voltar pra casa.

- Sou seu amigo também, tomatinho!

Estou rindo agora.

- Desculpa, Erick! Sei que Teddy não tem limites.

- Tudo bem! Ele é engraçado, o que compensa a falta de noção.

- Hey! Eu ouvi isso, doutorzinho.

- Se ele te irritar muito, larga em qualquer esquina que se vira.

- Pode deixar.

- Me deixa falar com a Clara.

Escuto os dois brigando.

- Anjo!

- Não acredito que esta no carro do Erick.

- Queria estar no corpo dele ou ele no meu, mas quero dar um de difícil.

- Aí meu Deus!!!! Ele ouviu isso?

- Acho que sim. Agora esta meio roxo e não me olha.

- Teddy, vai com calma.

- Estou indo. Agora me diz, você esta bem?

- Sim...

- Já achou lugar pra ficar?

- Sim...

- Esta sentindo minha falta?

- Sim...

- Ótimo, agora preciso desligar que estamos chegando e meu tempo com o tomatinho é pequeno.

Beijos te amo e se cuida.

Ele desligou na minha cara... Deus!!!! Teddy não existe.

Paro o carro em frente a um pequeno hotel. O letreiro diz Hotel Lombard. Parece bem confortável.

Deixo o carro em uma das vagas do hotel e entro.

- Boa noite!

Uma senhora sorridente me recebe.

- Boa noite! Gostaria de um quarto.

- Claro!

Ela vai até o balcão e a sigo.

- Tem alguma preferência?

- Não. O que tiver para mim está bom.

Fica em frente ao computador digitando.

- Um documento, por favor! Qual a forma de pagamento?

- Cartão.

Entrego a ela meu documento e o cartão. A expressão de seu rosto muda ao ler meu nome. Seu sorriso some.

- Pretende ficar por muito tempo, Srta. Ribeiro?

- Ainda não sei quantos dias.

- Certo!

Esta seca e não me olha., o que me deixa incomodada.

- Está tudo bem?

Seus olhos agora estão nos meus e vejo que estão marejados.

- Sim.

- Tem certeza?

Apenas confirma com a cabeça.

- Ainda não sei seu nome.

- Leda Lombard.

- Você é a mãe da Lina?

- Sim.

Me entrega o documento e o cartão.

- Vamos.

A sigo pela escada e entramos em um corredor. No fim dele ela para, em frente a um quarto com o numero 17 na porta.

- Este é o seu quarto.

Abre a porta e entramos.

- Ali no canto o banheiro.

Observo o quarto simples, porem bem decorado e aconchegante.

- O que precisar é só chamar a recepção. Imagino que ainda não tenha jantado. Se quiser posso pedir para subir a sopa da janta de hoje.

- Eu adoraria.

Volta para a porta sem me olhar.

- Alguma coisa aconteceu para mudar comigo.

Digo e ela para na porta, segurando a maçaneta.

- Apenas velhas lembranças.

Sai e bate a porta, me deixando sozinha.

CAPÍTULO 25

Após um banho, consigo tomar pelo menos um pouco da sopa que Leda me trouxe. O olhar triste dela pra mim, me deixou com uma sensação estranha. Encaro a noite pela janela e a enorme lua no céu. Em algum lugar dessa cidade existe uma família que é minha, com uma filha trocada. Minha família e não sei por onde começar a procurar. Toda a minha vida passa aos meus olhos como um filme. Tudo que vivi ao lado dos Ribeiro, tudo que vivi com Fernando. Agora todos os sentimentos que tenho por ele se encaixam. Deus não errou me dando esses sentimentos. Posso amá-lo e não é um erro. Será que se eu não tivesse sido trocada, teria o conhecido?!?! Estaria aqui em Holambra e ele em São Paulo provavelmente. Nunca conheceria o homem da minha vida. Talvez até teria algo com Caíque. O pensamento me causa calafrio. Não consigo imaginar isso. Ele não é feio, mas a ideia de tocá-lo com paixão, me deixa desconfortável. Talvez ele tenha nascido para Lina mesmo e na minha cabeça, já o bloqueio como homem. Olho o relógio e já são quase duas da manhã. Me deito na cama e encaro o teto sem um pingo de sono. Me viro na cama e fico de lado olhando o relógio. Como vai ser amanhã quando Fernando acordar? Ele vai me odiar por tê-lo deixado lá machucado. Escuto batidas na porta.

- Clara, esta acordada?

É a voz da Lina. Saio da cama e coloco meu chinelo. Sigo até a porta e assim que abro, ela sorri meio sem graça.

- Te acordei?

- Não...

Dou espaço pra ela entrar e assim que fecho a porta, nos sentamos na cama.

- Desculpa vir esse horário, mas queria saber mais sobre o que vamos procurar amanhã.

- O que Erick te contou?

- Que você nasceu aqui no hospital de Holambra e precisava do arquivo dessa época.

- Só isso?

- Sim.

Respiro fundo sem saber por onde começar.

- Você tem tempo? Seus pais não vão ficar preocupados?

- Minha mãe esta dormindo já.

- E seu pai?

O mesmo olhar triste que vi nos olhos da mãe dela hoje surgem.

- Não conheci meu pai. Ele morreu quando eu ainda estava na barriga da minha mãe.

- Sinto muito!

Seguro sua mão firme.

- Sei pouco sobre ele. Minha mãe não gosta de falar sobre sua morte. Ela ainda não entende como aconteceu.

- Foi assassinado?

- Ninguém sabe. Ele era médico no hospital onde trabalho.

Lina me olha e sorri de um jeito melancólico.

- Pode ser que até tenha feito seu parto. Era obstetra. Em uma noite no fim de seu plantão foi encontrado no chão do vestiário com uma lesão na cabeça.

- Meu Deus!!!!

Olha pra ela assustada.

- Alguém atingiu ele dentro do vestiário?

- Isso que ninguém sabe. Alguém pode ter batido nele ou ele caiu e bateu a cabeça. Só sei que ficou em coma por 2 meses e não aguentou.

- Sua mãe deve ter enfrentado o inferno com isso.

- Sim... ela não teve uma gravidez normal, mas graças a Deus nós conseguimos.

- Seria incrível se seu pai tivesse feito meu parto.

- Ele fez o do Caíque.

Seus olhos brilham ao falar do noivo.

- Vocês parecem se amar muito.

- Sim...

Seu rosto agora esta vermelho.

- Agora me conte sobre você.

- Pois bem! Meu irmão sofreu um acidente grave de carro e tivemos que reunir a família para doar sangue. Em meio a tudo isso, Erick descobriu que pelo tipo sanguíneo eu não poderia ser irmã dele.

- Nossa...

Ela me olha assustada.

- Mas seus pais são seus pais?

Nego com a cabeça.

- Sou a que não pertence a família.

- E você quer o arquivo para descobrir o que aconteceu?

- Sim...

- Agora desejo de coração que meu pai não tenha feito seu parto.

- Erick acha que houve troca de bebês.

Se levanta da cama.

- Então vamos precisar ir além do seu arquivo. Precisamos de todos os partos realizados no mesmo dia que o seu.

- Isso...

Agora ela esta me olhando de um jeito intenso.

- Isso vai ser bem mais complicado. Não acho que os arquivos estejam em ordem. Se acharmos o seu, já será um milagre. Com a reforma que fizeram, tacaram os arquivos de qualquer jeito.

Ela cruza os braços.

- Sinto informar que foi meu noivo que fez a merda.

Começo a rir.

- Não vamos culpa-lo. Se Deus quiser vamos encontrar.

Volta pra minha frente.

- Sua família sabe que você...

Para de falar tentando achar as palavras.

- Que eu não faço parte da família?

- Isso.

- Não. Decidi vir saber a verdade antes de explodir a bomba.

- Acha que eles vão te rejeitar?

- Meu irmão não.

Digo sem jeito.

- Meus pais eu não sei. Queria no momento de dizer que não sou filha deles, já mostrar quem é a verdadeira Ribeiro. Assim a sensação de perda não será tão grande.

- Dizer que não é você e já entregar a filha verdadeira?

- Sim.

- Boa estratégia.

Espero que seja uma boa estratégia, já que em seguida vou dizer que amo o filho deles.

- Já imaginou como é sua verdadeira família?

- Ainda não. Tenho medo de idealizar e acabar me surpreendendo de forma negativa.

- Por que?

- Tenho medo de não ter sido trocada.

- Acha que eles podem ter te dado?

- Eu não sei. Mil coisas se passam em minha cabeça. Tudo pode ter acontecido.

- Da mesma forma que nunca saberemos da morte do meu pai, talvez você nunca saiba como aconteceu.

- Isso me assusta.

Lina se levanta da cama.

- Não pense no pior. Amanhã vamos vasculhar tudo aquilo em busca da sua verdade.

- Gosta da sua animação.

- Sinto que vamos descobrir logo tudo.

- Assim espero.

Ela vai andando até a porta.

- Durma bem e qualquer coisa me chame.

- Certo!

- Café da manhã as 7hs e depois corremos para o hospital.

- Sim senhora!

Lina volta rápido e me abraça forte.

- Boa noite, Clara!

- Boa noite!

Sai do quarto e assim que fecho a porta, respiro fundo.

- Que amanhã seja um dia bom.

Acordo as 6:30hs e já sigo para o banheiro. Trocada e devidamente pronta, sigo para a recepção do hotel. Descendo a escada já dou de cara com Lina.

- Bom dia!

- Bom dia!

- Vamos para o café.

A sigo até o local do café. Me sento e Leda surge com uma bandeja. Sem me olhar, vai colocando as coisas na mesa. Termina e se vira indo embora.

- Sua mãe não gosta de mim e não sei porque.

Lina me olha estreitando os olhos.

- Minha mãe gosta de todo mundo, Clara. É coisa da sua cabeça.

- Não é não. Ela nem consegue me olhar.

- Estranho. Vou ver com ela depois, porque não te olha.

- Não... deixa sua mãe quieta. Não quero que me odeie mais do que imagino que me odeie.

- Tudo bem!

Me sirvo de café, enquanto Lina devora a mesa toda.

- Você sempre come assim?

- Não...

Fica vermelha e engole sem graça o pão.

- Me desculpe Lina, não queria ser indelicada. É que esta comendo como uma...

Paro de falar quando ela arregala os olhos. Então entendo o porque dela ficado vermelha.

- Você esta grávida?

Sussurro a pergunta e ela olha em volta.

- Por favor, não fale nada aqui.

- Oh meu Deus!!!!

- Caíque ainda não sabe. Descobri faz dois dias e ainda não consigo acreditar.

Minha vontade é de abraçá-la agora.

- Eu queria te abraçar.

Estico minha mão na dela e seguro firme.

- Ser mãe é algo mágico.

- Estou assustada.

- Não fique.

Lina olha em volta.

- Minha mãe esta olhando para nós duas.

- Vamos parar de falar disso então. Volta a comer.

Assim que terminamos o café seguimos para o hospital andando. Lina não para de falar um minuto sobre a gravidez e como descobriu. Esta radiante e com medo da reação do Caíque. Imagino como seria carregar um filho meu e do Fernando. Então meu corpo trava com a possibilidade de gêmeos. Seria engraçado e assustador já que existe essa possibilidade.

- Clara, esta tudo bem?

- Sim... só um momento de pânico.

Ela sorri pra mim. Antes de voltar a andar, meu celular começa a tocar. Vejo no visor o nome da minha mãe.

- Mãe...

Uma respiração pesada surge.

- Por que foi embora de novo?

- Fernando....

CAPÍTULO 26

NARRAÇÃO FERNANDO

Tento ir atrás de Clara, mas minhas pernas não se movem. Seus olhos estão nos meus, mas seu corpo se distancia.

- Não vai...

Digo fazendo toda a força que posso para me mexer.

- Eu preciso.

- Não me deixe. Não vou suportar ver você partir de novo.

Seus olhos estão marejados. Sinto minhas lágrimas escorrendo.

- Me desculpa!

- Eu não queria te magoar. Eu te amo!

Sua cabeça abaixa e ela parece desistir de nós definitivamente.

- Isso nunca vai ser possível.

Suspira e se vira para ir.

- Não...

Grito desesperado me debatendo contra algo que me segura. Me sinto impotente.

- Clara...

Abro meus olhos e sinto meu peito doer.

- Clara...

Grito sentindo uma dor forte.

- Calma!

Um homem surge ao meu lado.

- Onde esta a Clara?

Olho em volta e não sei onde estou.

- Precisa se acalmar.

Então me lembro que ela esta indo embora. Esta no aeroporto.

- Me solta! Preciso impedir que Clara vá embora.

- Sr. Ribeiro, se acalme!

Mesmo com uma dor forte, tento me desprender de um monte de fios.

- Preciso de ajuda.

O homem grita e outras pessoas surgem.

- Ele precisa ser sedado.

- Não. Preciso ir para o aeroporto.

Seguram meu braço forte.

- Não...

Sinto algo no braço e tento puxá-lo, mas tudo começa a ficar distante.

- Clara...

Escuto sussurros em torno de mim.

- Ele esta mais calmo?

- Esta ainda sedado, mas já deve despertar.

É a voz da minha mãe e de outra pessoa que não conheço.

- É normal ele não se lembrar do acidente.

Acidente?!?!? Que acidente? Abro meus olhos tentando focar em alguma coisa. Tudo parece desfocado. Tento me mexer mais dói.

- Filho!

Vejo um vulto se aproximar e quando consigo focar, vejo minha mãe.

- Tente não se mexer.

Sussurra com a voz doce e triste.

- O que aconteceu?

Um homem se aproxima.

- Você sofreu um acidente.

- Acidente?

- Sim! É um milagre estar vivo.

Fecho meus olhos tentando me lembrar de alguma coisa. Clara estava na minha casa, nós estávamos bem, muito bem. Me lembro da chegada da Carla e ai tudo começou a dar errado. Clara foi embora da minha casa, fui atrás dela na casa dos meus pais, mas ela não estava lá. Me lembro de falar com Teddy. Ela estava voltando para Londres e fui atrás dela no aeroporto. Então tudo some e só me lembro disso. Clara!!! Abro meus olhos e encaro minha mãe.

- Onde esta Clara?

- Ela não esta aqui.

Não... não acredito que ela foi mesmo.

- Fernando se não se acalmar, vou seda-lo novamente.

O médico diz segurando meu braço.

- Ela foi embora? Ela voltou para Londres?

- Sim... mas...

- Mesmo após eu ter quase morrido, ela foi embora?

- Fernando, ela precisava re...

- Para, mãe!

Grito e sinto meu corpo doer.

- Não tente justificar ou encobrir o fato dela ter ido embora mesmo comigo assim.

Sinto meu peito doer e a decepção tomar conta de mim. Ela não me ama. Isso não é amor. Minha mãe se cala e apenas ouvimos a recomendação do médico. Fala sobre a operação e os cuidados até minha alta e me esforço para manter a atenção nele. Minha mente ainda esta atordoada com a falta de amor da Clara por mim. Esta difícil de acreditar que se foi, mesmo com tudo isso.

- Vou verificar a medicação e mais tarde volto para mais uma visita.

- Obrigada, doutor!

Minha mãe diz o acompanhando até a porta. Assim que ele se vai, ela me olha.

- Não... não me olhe assim.

- Me deixe explicar sobre a Clara.

- Não.

Se aproxima e senta na poltrona ao meu lado. Evito olhá-la e fico com a minha raiva, revolta e dor por mais uma vez ser abandonado por ela.

- Quer comer alguma coisa?

- Não...

- Precisa de alguma coisa?

- Não...

Ela suspira e fica calada. Seu celular começa a tocar e o pega em sua bolsa.

- Oi!

Olho pra ela para ver se é Clara.

- Esta acordado e pelo humor irritante, esta bem.

Estreito meus olhos e ela revira os dela. Tira o celular do ouvido.

- Quer falar com seu pai?

- Ele quer falar comigo?

- Você quase morreu, o que ele mais quer é ouvir sua voz e saber que esta bem.

- Pelo menos ele quer saber de mim.

- Sua irmã...

- Me passa o celular.

Digo a impedindo de começar a falar da minha irmã. Vem irritada e me passa o celular.

- Toma!

Pego o celular de sua mão.

- Pai...

- Filho, que bom ouvir sua voz.

- Também é bom ouvir a sua.

- Como se sente?

- Com dor e cansado.

- Isso vai acabar. Logo vai estar em casa.

- Quero ir embora logo.

- Eu sei...

Minha mãe faz gestos avisando que vai sair e eu apenas balanço a cabeça mostrando que entendi.

- Não se preocupe com a empresa. Já avisei Juliana, que esta remarcando suas reuniões.

- Isso é bom!

Minha mãe sai do quarto.

- Precisa de algo?

- Não...

- Se precisar, avisa sua mãe que ela me liga e levo.

- Certo!

- Me deixe falar com ela.
- Ela acabou de sair.
- Ligo depois. Te amo, filho!
- Também te amo, pai!

Desliga e fico encarando o celular na minha mão. Clico nos contatos e vejo o nome da Clara. Encaro o número sentindo meu coração acelerado. Olho para a porta e volto meus olhos para o celular. Preciso ouvir da boca dela porque me deixou de novo. Aperto discar e começo a me sentir sufocado. O ar vai sumindo do meu pulmão e sinto que o pânico vai crescendo. Tenho medo de ouvir os motivos dela. Quando penso em desligar sua voz surge.

- Mãe...

Respiro fundo buscando forças.

- Por que foi embora de novo?
- Fernando!
- Por que?

Tudo fica silencioso demais.

- Não fui embora de novo.

Sua voz é de choro.

- Onde você está?
- Londres...

Esta chorando e sinto meus olhos arderem das lágrimas que seguro.

- Isso pra mim é fugir, de novo.

Clara funga e respira fundo.

- Tive que vir.

- O que era mais importante do que seu irmão quase morto?

- Fernando, estive aí até o momento que saiu da cirurgia.

- Você não foi embora aquela madrugada, depois do meu apartamento?

- Não.

Sussurra com ternura.

- Teddy me ligou avisando do seu acidente e fui até você. Estive ao seu lado na ambulância e permaneci no hospital até o fim da sua cirurgia. Só sai daí quando o risco de perder você tinha terminado.

Meu corpo todo relaxa ao saber que ela ficou comigo.

- Porque não me esperou acordar pra voltar a Londres?

- Porque algo urgente surgiu.

- Mais importante que nós?

- É sobre nós.

- Me diz o que é.

- Não posso. Não por enquanto.

- Queria acordar e ver você. Achei que tivesse me abandonado.

- Nunca te abandonaria. Não agora que eu...

Para de falar e sua respiração fica pesada.

- Agora que você?

Continua cala e sinto que tem algo acontecendo.

- Por que sinto que tem algo acontecendo? Algo muito importante.

- Prometo que vou voltar.

- Quando?

- Logo.

Fecho meus olhos um pouco irritado com o fato dela não me dizer as coisas.

- A última vez que foi pra Londres, demorou 9 anos pra voltar.

- Dessa vez é diferente.

- Diferente como?

- Há 9 anos atrás estava fugindo do homem que eu amava. Fugia de um amor proibido, da culpa, de mim, de você.

- E agora?

Posso sentir sua respiração acelerar.

- Agora estou arrumando tudo pra voltar e ficar com o homem que eu amo.
Dessa
vez não vou fugir de mim e muito menos de você.

- Isso quer dizer?

- Quer dizer que quando voltar a me ver é para ser sua completamente.
Corpo, alma e coração.

CAPÍTULO 27

NARRAÇÃO CLARA

Imagino que esteja agora mais calmo em ouvir isso.

- Vai superar os medos e a culpa? Vai conseguir ser minha sem pensar em mais nada?

- Já sou sua. Na verdade eu nasci sua.

Ele respira fundo.

- Clara, o que está acontecendo? Por que mudou assim de ideia?

- Não mudei de ideia. Estava pronta para ser sua no apartamento. Enfrentar tudo e te amar.

- Não te escondi da Carla de propósito. Tive medo dela te fazer alguma coisa e...

- Fernando... Não quero reviver esse dia. Te ver entre a vida e a morte foi o pior dia da minha vida. Achei que nada superaria a dor da minha ida para Londres, mas te ver quase morto foi difícil.

- Não podia morrer. Não sem antes ser feliz ao seu lado.

- Nós vamos. Só espera, por favor, eu voltar.

- Não demora ou juro por Deus que vou te buscar.

- Não duvido.

Ficamos em silêncio apenas ouvindo a respiração um do outro.

- Diz que me ama.

Pede com aquela voz que faz meu corpo todo arrepiar.

- Vai se contentar em ouvir por telefone?

- Vai amenizar a vontade que estou agora de fugir daqui e ir ai para Londres.

- Me promete que não vai fazer isso? Precisa se recuperar.

- Diz que ama e fico.

- Não vou dizer que te amo para te fazer acalmar.

Imagino agora seu olhar triste ao ouvir isso.

- Vou dizer que te amo porque quero. Porque guardei por anos essas palavras e não quero mais guardá-las.

- Repete.

- Te amo, mais do que você possa imaginar.

- Inferno!!!! Quero te ver. Quero te beijar. Quero te tocar.

- Eu sei... Tenta se acalmar.

- Vou tentar.

Escuto um barulho perto dele e seu silêncio me diz que é alguém.

- Preciso desligar.

- Esta tudo bem?

- Sim...

- Filho, você quer beber algo?

Escuto a voz da minha mãe e entendo porque ficou calado.

- Te ligo de noite.

- Como?

Esta preocupado sobre onde vou ligar, já que o celular é da minha mãe.

- Não se preocupe. Vamos nos falar todas as noites.

- Certo!

- Preciso desligar ou não voltarei rápido pra você.

- Certo!

- Te amo! Tchau!

- Também.

Desligo o telefone e Lina esta sorrindo.

- Namorado?

O que eu falo pra ela?

- Mais ou menos.

- Parecia um namorado. Você parece amá-lo muito.

- E amo.

- Ele não pode vir?

- Não. Esta no hospital se recuperando.

Seus olhos se arregalam.

- Seu irmão?

- Ele não é meu irmão.

- Ai caramba!!!! VOCÊ SE APAIXONOU PELO SEU IRMÃO?

Apenas confirmo com a cabeça.

- Ainda bem que você foi trocada. Já imaginou se fosse mesmo irmã dele?

- Não acho que esse sentimento existiria se fosse mesmo irmã dele. O que sentimos é coisa de pele, alma e não tem como ser de irmãos.

- Gente, que loucura!

- Muita...

Após ela me fazer algumas perguntas, seguimos para o hospital. Para na entrada lateral, acesso funcionários.

- Vamos entrar por aqui. É proibido pessoal não autorizado acessar essa parte.

- Eu sou o não autorizado?

- Sim...

Lina diz rindo.

- Vamos seguir por um corredor até os arquivos. Vamos entrar e caso alguém apareça, quero que se esconda.

- Pode deixar.

- Ninguém pode te ver.

- Serei invisível.

Ela respira fundo e usa sua chave para abrir a porta. Entramos e ela já me arrasta pelo corredor. Em pouco tempo estamos em frente a uma porta que ela destranca com outra chave.

- Entra!

Me empurra pra dentro e fecha a porta. Está tudo escuro. Uso o celular para iluminar um pouco.

- Achei...

Lina diz e as luzes surgem.

- Ai merda!!!!

São caixas e mais caixas sem fim. O espaço é enorme e não consigo ver onde termina as merdas das caixas.

- Isso vai ser longo.

Ela diz desanimada.

- Se quiser pode ir embora e fico procurando.

- Não... quero fazer parte desse momento.

Sorri de forma doce e começamos a andar entre as caixas.

- Existe alguma identificação nas caixas?

Pergunto parando em uma e olhando ela em volta.

- Parece que tem numeração.

Aponta os números a caneta na parte baixa da caixa.

- Deve ter uma sequencia. Se acharmos as que são do ano que nasci vai ajudar.

- Clara, elas seguem a numeração do prontuário.

- Como assim?

Me mostra outra caixa.

- 54657/2000 - 55657/2000 são os prontuários em ordem, referente aos atendimentos do ano de 2000.

- Então só precisamos achar as do ano que nasci.

Uma pontada de esperança surge em meu peito.

- Sim. Se acharmos uma caixa do ano e ver no prontuário a numeração e o período daquele ano, vamos poder saber perto de que numeração é a sua. E provavelmente as crianças nascidas no mesmo dia que você estarão na sua caixa.

- Nem tudo esta perdido.

Olho em volta.

- Uma caixa. Só precisamos achar uma caixa e tudo se resolve.

- Vamos começar. Que ano você nasceu?

Antes que eu responda, a porta se abre e me abaixo atrás de uma caixa.

- O que faz aqui?

Escuto a voz brava de uma mulher.

- Dra. Torres!

Lina parece nervosa.

- O que faz aqui na sua folga?

Escuto os passos do salto dela vindo em nossa direção e me encolho mais.

- Caíque me pediu para arrumar esses arquivos. Disse que era um absurdo ter deixado tudo por fora do hospital lindo e isso aqui desse jeito.

Elas ficam em silêncio.

- Isso aqui esta uma zona mesmo. Não se desgaste aqui, Dra. Lombard, amanhã tem plantão e ficará na urgência.

- Sim senhora!

Escuto os passos dela se afastando.

- Esta sozinha?

- Sim...

- Estranho, sinto o cheiro de outro perfume aqui.

- Não tem mais ninguém aqui, doutora.

- Certo!

A porta se fecha e meu corpo relaxa.

- Nossa que susto.

Digo me levantando e vejo Lina pálida.

- Você esta bem?

Ajudo ela a se sentar em uma caixa.

- Essa mulher é o capeta.

- Quem é ela?

- Dra. Fátima Torres. A médica mais antiga do hospital e trabalhou com meu pai. Ela é a diretora daqui.

Uma sensação estranha percorre meu corpo.

- Não gostei dela.

- Ninguém gosta. É arrogante e odeia todo mundo, até o pobre marido. Tenho dó do Sr. Torres.

Seus olhos agora estão nos meus.

- Acho que ela me odeia pelo meu sobrenome.

- Por que?

- Uma das antigas enfermeiras, Mercedes, me disse que eles não se davam bem. Acho que a raiva dela por ele, veio pra mim.

- Acha que ela volta?

- Não. Vai ficar em sua sala como a rainha da porra toda.

Começo a rir e Lina respira fundo.

- Vamos procurar a caixa.

Se levanta e sorri.

- Qual o ano que nasceu?

- 1989.

Seu sorriso some e ela faz uma cara estranha.

- O que foi?

- É o mesmo ano do Caíque.

Seus olhos se arregalam.

- Será que você foi trocada pelo Caíque?

- Ele tem irmã gêmea?

- Não, é filho único.

- Então segura mais uma bomba. Sou teoricamente gêmea do Fernando que teoricamente é meu irmão. Então se Caíque não tem irmã...

- Espera...

Se senta e faz expressões com o rosto engraçadas.

- Sua mãe estava grávida de gêmeos.

- Sim...

- Nasceu um menino e uma menina.

- Sim...

- Então além de sua ficha, temos que achar de outra mãe que deu a luz a uma menina no mesmo dia.

- Isso...

- Por um momento tive medo do Caíque ter algo com essa troca. Ser um bebê trocado.

- Não... Estamos procurando uma menina.

Lina se levanta.

- Vamos achar esse seu passado.

CAPÍTULO 28

NARRAÇÃO FERNANDO

Minha mãe fala e fala sem parar e estou irritado esperando a noite chegar logo para Clara me ligar. Tento não ficar sorrindo feito um idiota toda vez que me lembro de nossa conversa. Ela vai ser minha, finalmente minha. Sabe quando seu coração quer explodir no peito de felicidade?!?!?! Será que o médico me daria alta amanhã? Encaro meu braço todo imobilizado e minha barriga ainda coberta pelos curativos. Acho que não. E mesmo que me liberasse, não poderia viajar até Londres atrás dela. Olho o relógio e ainda são 14hs. Merda de tempo que não anda. Vejo minha mãe me encarando.

- O que foi?

- Você não ouviu nada do que eu disse?

Tento sorrir me desculpando e ela revira os olhos.

- Vou te perdoar porque mudou seu mau humor depois que falou com seu pai.

Não tive coragem de dizer que era a Clara.

- Apenas resolvi não ser chato com você. Sei que sofri com meu acidente.

Abre um enorme sorriso e vem me abraçar.

- Tive tanto medo de te perder. Precisava ver como Clara estava. Sei que não quer falar dela, mas isso você precisa saber.

Se afasta e segura meu rosto em suas mãos.

- Ela te ama tanto. Chorou o tempo todo e só saiu daqui quando o médico disse que estava bem.

Um sorriso surge em meus lábios ao ouvir isso.

- Também amo a Clara.

- Eu sei...

Alisa meu rosto.

- Ela disse que vai voltar. Espero que Teddy venha com ela. Eles são lindos juntos e torço por um casamento.

Se afasta feliz e tento não rir. Me lembro de Teddy dizer que era gay e isso me alivia. Tenho vontade de dizer a ela que a única pessoa que um dia poderia casar com Clara sou eu, mas sei que seria impossível. Nenhuma igreja casaria irmãos. Por causa dos medicamentos, um sono absurdo me toma e capoto.

Sinto um toque em meu rosto.

- Filho!

Abro meus olhos e vejo minha mãe.

- Desculpa te acordar.

- Que horas são?

- São 19hs e vou precisar ir pra casa.

- Tudo bem!

Ela beija minha testa.

- Só vai ficar um pouco só, até sua nova companhia chegar.

Ai merda!!! Não acredito que minha mãe vai revezar com a Carla!!!! Não acredito que esse encosto ainda se faz de minha noiva.

- Mãe, não precisa mandar ninguém. Vou ficar bem sozinho.

- Vou me sentir melhor se ficar com alguém.

Beija minha testa novamente e se afasta, pegando sua bolsa.

- Quer alguma coisa pra amanhã?

Nego com a cabeça.

- Se precisar me liga.

- Não estou com celular.

- Pede pra me ligarem.

Sorri e se vai. Encaro o teto e respiro fundo, pensando em uma forma de expulsar aquela mulher sem me irritar. Clara vai me ligar, não sei como e não quero Carla aqui pra ferrar nada. Dessa vez não vai foder nada. A porta do quarto se abre e não acredito no que vejo.

- Oi!

Teddy surge com um enorme sorriso.

- Adivinha quem vai cuidar de você?!?!?

- Tá brincando né?!?!?

Entra parecendo uma gazela feliz no mato e fecha a porta.

- Serei seu enfermeiro particular. Já tomou banho?

- Você não vai me dar banho...

Digo tentando me sentar.

- Não faça esforço, moção.

Paro de me mexer.

- Do que me chamou?

- Moção... o moção da anjo.

Respiro aliviado. Achei que ele me queria como moção dele.

- Achou que era meu moção?!?!?!?

Ele começa a rir alto do meu lado.

- Eu adoraria, mas...

Faz um bico triste.

- Regra de um bom amigo gay. Nunca roube o bofe da melhor amiga.

Se joga no sofá ao meu lado.

- E no momento estou em um projeto, plantando tomatinho.

Olho pra ele sem entender nada. Salta da poltrona e vem ao meu lado.

- Já falou com a Clara?

- Já.

- Como foi?

- Cara, você é muito gay, como não percebi isso antes?

- Sou um ótimo ator.

Sorri e vem se sentar na minha cama.

- Vai sentar aqui?

- Sim...

- Nem minha mãe sentou na minha cama.

- Não vou perder a chance de ficar ao seu lado.

- Sai da minha cama.

- Tenho um celular.

- Problema é seu.

- Clara vai me ligar logo.

Essa coisa assanhada tá trocando o celular dele, por deitar ao meu lado?!?!

- Você é um idiota.

Deita na minha perna e suspira.

- Me deixa só ficar um pouquinho aqui.

- Me disse que gay não roubava homem da melhor amiga.

- Não estou roubando, estou sentindo.

Alisa minhas pernas.

- Solta as minhas pernas.

- Credo...

Para de me alisar e apoia a cabeça na mão me olhando.

- Me conta sobre sua conversa com a Clara.

- Você não falou com ela hoje?

- Não... Estava na correria.

Encaro ele e decido tentar arrancar o que esta acontecendo com ela.

- O que ela esta fazendo em Londres?

- Ai meu Deus!!!! Você esta me seduzindo pra saber da Clara.

- Esta funcionando?

- Esta... continua!

Tento não rir, mas é impossível. Acho que gosto desse idiota.

- É serio. Me conta o que esta acontecendo.

- Não posso, moção.

Bufo irritado.

- Apenas precisa saber que ela esta voltando logo e todinha pra você. Vai poder tirar a teia de aranha do meio das pernas dela.

- Como assim?

- Falei demais...

Salta da minha cama.

- Agora continua.

- Não...

- Teddy, estou mandando.

- Não fala assim que eu gamo mais.

- Por favor! Nunca soube nada sobre Clara e como foi a vida dela em Londres.

Ele me olha e suspira.

- Ela vai me odiar por contar isso.

Volta ao meu lado, mas dessa vez se segura e não senta na cama.

- Conheci Clara no aniversário dela de 21 anos, desde então nos tornamos muito amigos. Amigos de contar sobre a intimidade.

Cruza os braços bravo.

- Ela nunca me falou de vocês, a safada me escondeu.

- Continua.

Digo querendo saber mais.

- Me disse que não queria se envolver com ninguém. Que queria estudar e focar na carreira. A Clara era cobiçada por muitos homens e nunca deu bola.

- Isso ela te disse quando tinha 21 anos?

- Sim...

Deve ter tido alguém dos 16 até o momento que conheceu Teddy. Deve ter marcado ela, a deixando assim. A possibilidade de ter amado outra pessoa além de mim me incomoda.

- Ela deve ter tido alguém importante antes de te conhecer em Londres.

- Não...

Nega com a cabeça e se afasta.

- Como tem tanta certeza?

- Simples...

Se joga no sofá.

- Um dia bêbada.

Segura o riso e rebola engraçado.

- Nunca a deixe bêbada. Ela fala demais.

- O que ela disse?

- Aproveitei que estava falando e perguntei porque ela não deixava nenhum homem se aproximar.

- O que ela disse?

- Que ela não podia. Que o corpo dela e seu coração pertenceram a uma pessoa especial e que nunca mais pertenceria a outro homem.

Sinto meu coração apertar. Não acredito que ela se manteve minha todo esse tempo.

- Ai merda!!!

Teddy se levanta e coloca a mão na boca.

- Você foi o primeiro homem dela?

Confirmo com a cabeça, sentindo meus olhos marejados.

- Ela foi sua e de mais ninguém.

Vem na minha direção e segura meu braço não machucado.

- Tem ideia da mulher que ela é?

- Tenho.

- Espero que você a mereça, caso contrario viro hétero e caso com ela.

- Não! Vou cuidar dela como merece. Vou amá-la pra sempre.

O telefone de Teddy começa a tocar.

- É a Clara...

Finalmente vou falar com ela.

CAPÍTULO 29

NARRAÇÃO CLARA

Acho que já olhei umas mil caixas até agora e nada. Não estou nem perto do ano em que nasci.

- Clara, precisamos ir!

Olho para Lina que esta na minha frente.

- Já?!?!?

- Sim, já são 19hs e tudo nesse setor vai fechar. Não podemos passar a noite aqui.

Limpo minha mão na minha calça e me levanto do chão.

- Achou pelo menos algo perto de 1989?

- Não. Esta tudo bem misturado, mas nada perto deste ano.

- Estou perdendo a esperança de achar essa caixa rápido.

- Não pense negativo. Amanhã você volta e procura mais.

- Tem plantão?

- Sim. Infelizmente não poderei te ajudar, mas posso mandar o Caíque.

- Não precisa. Ele deve ser muito ocupado.

Ela começa a rir.

- Engenheiro nessa cidade ocupado?

- O que tem de errado nisso?

- Clara, essa cidade não evolui. Ninguém muda nada e ele fica muito tempo sem fazer nada. Ele mais ajuda o pai na fazenda do que atua na área.

- Por que ele não tenta algo em outra cidade?

- Não quer deixar os pais sozinhos. Esse é o problema de ser filho único.

Para na porta e respira.

- Nossos planos eram sair dessa pequena cidade e ir para São Paulo, mas não deixo minha mãe e nem ele os pais.

Abre a porta e enfia o rosto pra fora.

- Esta vazio.

Puxa meu braço e saímos do arquivo. Andamos rapidamente pelo corredor e chegamos na porta de saída. Quando saímos do hospital ela respira aliviada.

- Deu tudo certo.

- Por que não leva os pais de vocês juntos?

Lina para de andar e me olha.

- Acha mesmo que não tentamos? Eles dizem que o lugar deles é aqui. Manda a gente ir, mas quem disse que temos coragem!?

Coloca a mão sobre seu ventre.

- E agora mais do que nunca vamos precisar deles.

- Já sabe de quanto tempo esta?

Continuamos andando pela praça.

- Ainda não. Vou aproveitar meu plantão amanhã e fazer o ultrassom.

- Quando vai contar para o Caíque?

Lina suspira e não me olha.

- Não sei, tenho medo.

- Medo?

Paramos em frente ao hotel.

- Sei que ele me ama e eu o amo muito, também.

Sua voz é fraca.

- Mas um filho assusta. Tenho medo dele se assustar.

- E se for o contrário?

Ergue a cabeça e me olha.

- Pode ficar eufórico, encantado e apaixonado.

Abro um pequeno sorriso.

- Acho que se eu dissesse ao Fernando que estou grávida, ele enlouqueceria de felicidade.

- Você esta?

- Não. Faz um bom tempo que não...

Sinto meu rosto queimar.

- Vamos mudar de assunto.

Lina ri e me abraça.

- Você veio em uma boa hora. Estava precisando de uma irmã mais velha.

- Fico feliz em ajudar. E se precisar posso te ajudar a contar ao Caíque. Se ele surtar, ajudo a controlá-lo.

- Obrigada!

Entramos no hotel e o cheiro de comida esta em todo lugar.

- Estou morta de fome.

- Não estou com fome.

Digo sem graça.

- Não ter conseguido nada me deixou sem vontade até pra comer.

- Você precisa comer algo.

- Mais tarde ando pela cidade e vejo alguma coisa para comer.

- Clara, aqui é interior. Não vai achar nada aberto. Se tiver fome pode usar a nossa cozinha. A geladeira sempre fica cheia.

- Obrigada!

Vejo de longe Leda nos olhando.

- Vai ficar com a sua mãe. Não quero que ela me odeie mais.

- Qualquer coisa me chama. Amanhã sairemos 6:30hs.

- Combinado!

Entro no meu quarto e assim que fecho a porta, pego meu celular no bolso. Será que Teddy já esta com Fernando? Me sento na cama e ligo pra ele.

- Oi, anjo!!!

Antes que possa responder, escuto Fernando no fundo.

- Me passa esse telefone.

- Não, moção... primeiro eu.

É impossível não rir ouvindo os dois discutindo.

- Moção é o Fernando?

- Sim...

- Ele deixou você chamá-lo assim?

Teddy esta rindo e Fernando gritando com ele.

- Não, mas isso não me abala.

- Clara, manda seu amigo parar de se esfregar em mim.

- Você esta se esfregando nele?

- Não...

A voz dissimulada do Teddy me confirma que sim.

- Teddy!

- Qual é?!?!?! Eu só deitei nas pernas dele.

- Pelo amor de Deus, não o deixe nervoso.

- Me passa esse celular ou te pego a força e arranco ele de você.

- Mozão, se fizer isso, vai me fazer ir a lua. O que mais quero é que me pegue a força.

- Clara!

Fernando grita nervoso e estou rindo.

- Diz que sou lindo e te dou o telefone.

- Você é... lindo!

- Agora diz que sou maravilhoso.

- Teddy, não judia dele.

- Tá bom!

Escuto os dois discutindo.

- Me da essa merda.

Escuto uns barulhos estranhos.

- Clara!!!

- Oi!

Fernando suspira.

- Por que deixou essa bicha louca aqui comigo?

- Moção, não me chame assim. Sou seu único meio de comunicação com a anjo.

- Sai daqui, Teddy. Me deixe sozinho pra falar com ela.

- Me olhando desse jeito fico todo mole. Adoro homem bravo.

- SAI!!!!!!

Fernando grita.

- Respira.

Ordeno e escuto ele respirando. Após um tempo curto, sinto sua respiração acalmar.

- Ele saiu?

- Sim...

- Se ficar implicando com Teddy, ele vai te irritar ainda mais.

- O que eu faço então?

Sua voz é de desespero.

- Se der uma chance, vai descobrir que ele é maravilhoso.

- Ele as vezes é legal.

- Vocês vão se encaixar e vai ver que vão se dar bem.
- Por que deixou ele?
- Precisava deixar alguém com você. Alguém que soubesse de nós.
- Sinto que não está em Londres, que está perto.
- Por que acha isso?
- Não sei explicar. É como se meu corpo tivesse ligado ao seu e ele me dissesse que está perto.
- Logo estarei perto. Perto o suficiente para colar seu corpo no meu.

Sua respiração está acelerada.

- Como estão as coisas aí?
- Ainda complicadas.
- Sem previsão de voltar?
- Volto antes de ter alta.
- Vai ter resolvido seu problema?
- Caso não tenha resolvido, te trago para me ajudar.
- Você e eu em Londres, sem ninguém que nos conheça pra dizer que é errado te beijar?
- Sim...

Minha resposta é quase um sussurro.

- Vou poder te amar sem olhares julgadores?

- Sim...

- Acho que vamos ficar em Londres. Não precisa voltar, estou indo morar com você.

Mordo o lábio, segurando meu sorriso.

- Não vamos precisar nos esconder quando eu voltar.

- Vamos assumir até para os nossos pais?

- Disse que seria sua por completo e isso na frente do mundo, Fernando. Nada de esconder ou negar.

- Isso é muita coisa.

- Sim...

- Pode voltar amanhã para que isso aconteça logo?

- Se amanhã resolver as coisas, sim.

- Vou começar as minhas promessas a Deus para que isso aconteça.

- Já chega!

Escuto Teddy falando.

- Acabou seu tempo, moção.

Fernando bufa.

- Me liga amanhã de novo?

- Sim...

- Eu te amo!

- Também, te amo!

- Volta logo.

Tudo fica silencioso.

- Novidades?

É a voz do Teddy.

- Não.

- Quando tiver me liga.

- Certo!

- Boa sorte, Anjo!

- Obrigada por cuidar dele. Se não for pedir demais, para de judiar.

- Vou tentar. Agora vou lá dar um banho íntimo nele.

Sua risada é alta.

- Você não vai tocar em mim.

- Moção, só relaxa.

Teddy desliga o telefone e não consigo parar de rir.

Tomo meu banho e coloco uma roupa confortável. Encaro a lua pela janela. Minha barriga ronca e vejo no relógio que são 22hs. Acho que um lanche agora resolveria essa fome. Saio do quarto e desço a escada. A recepção esta escura. Ando até a cozinha, que também esta escura. Procuro o interruptor e assim que acho, a luz surge. Sigo até a geladeira e abro. Vejo uma pequena travessa com lasanha. Pego ela e levo até o microondas. Coloco dentro e aperto o tempo necessário para esquentar.

- Tem suco na outra geladeira.

Salto assustada ao ver Leda na porta.

- Me desculpe assaltar sua geladeira.

- Não tem problema.

Ela me observa. O apito do microondas soa e abro a porta, tirando a lasanha. Leda pega o suco na geladeira e coloca na mesa onde me sentei.

- Obrigada!

- De nada.

- Depois que eu terminar limpo tudo.

Se senta a minha frente e começo a comer. Tomo coragem para perguntar.

- Quando ouviu meu sobrenome mudou comigo. Por que?

Ergo a cabeça e olho pra ela. Sua expressão fria muda para triste.

- Seu sobrenome me trás lembranças ruins.

- Quais?

Ela respira fundo e se levanta para sair.

- Me conte, por favor! Estou nessa cidade em busca de muitas coisas e qualquer informação que eu tiver seria ótimo.

Volta a minha frente e me olha.

- O pai da Lina era médico.

- Ela me contou. Disse também que aconteceu algo estranho a ele no hospital onde trabalhava e agora ela trabalha. Ele ficou em coma e morreu.

Leda se senta e olha fundo nos meus olhos.

- O plantão dele já havia terminado. Já tinha que ter voltado para casa. Se tivesse voltado nada teria acontecido.

- Por que ele continuou no hospital?

- Fátima! Aquela mulher nunca chegava na hora certa e acabava fazendo Lombard arrastar o plantão.

Observo ela mexer nos dedos das mãos.

- E onde a minha família entra nisso tudo?

- Sua mãe entrou em trabalho de parto no dia que tudo aconteceu.

Sinto um frio percorrer meu corpo.

- Ele foi o primeiro a atender Vera Ribeiro.

- Seu marido fez meu parto?

Nega com a cabeça.

- Fátima chegou na hora e assumiu o plantão.

Oh meu Deus!!! A mulher que fez meu parto esteve a um passo de mim hoje.

- Aquela noite tudo foi estranho. Alguma coisa aconteceu naquele lugar e meu marido morreu por causa disso.

Será que a troca foi o motivo de tudo ser estranho e isso matou o pai da Lina?

- É difícil ouvir seu sobrenome sem lembrar do pior dia da minha vida.

Se levanta e segue para a porta.

- Fátima, Ribeiro e Silva são três palavras que odeio.

CAPÍTULO 30

Estou em meu quarto tentando unir tudo que a Leda disse. Preciso falar com alguém. Acho que minha mente vai explodir. Preciso de uma cabeça para pensar comigo, mas não posso falar com o Teddy. Fernando vai querer saber o que é e não quero deixá-lo curioso. Pego meu celular e ligo para a minha segunda e única opção.

- Alô!

- Erick...

- Clara...

Ele suspira e sua voz é de quem estava dormindo.

- Aconteceu alguma coisa?

- Sim e preciso de uma cabeça pensando comigo.

- Achou seu arquivo?

- Não.

Digo desanimada, sabendo que se tivesse ele em minhas mãos agora, tudo seria mais fácil.

- O que aconteceu?

Respiro fundo e me sento na cama.

- Lina já te contou sobre o pai dela?

- Sim, na faculdade ela chegou a comentar que ele era médico, sofreu um acidente em um plantão e ficou em coma. Faleceu um tempo depois.

- Ele sofreu o acidente no hospital onde nasci e... no dia que nasci.

- Caralho!!!! Me desculpa, Clara!

- Tudo bem! É um caralho mesmo.

- Ela sabe disso?

- Ainda não. Acabei de saber pela mãe dela.

- Ele fez seu parto?

- Não, pelo que sei, foi uma médica chamada Fátima Torres. Ela ainda trabalha no hospital.

- Então é só conversar com ela.

Meu coração aperta ao pensar em falar com essa mulher.

- Não posso. Algo me diz que é para me afastar dela. Se houve mesmo uma troca, ela pode estar envolvida e vai tentar esconder.

- Verdade!

- E a mãe da Lina acha que não foi um acidente que aconteceu com o Sr. Lombard.

- O que ela te disse?

- Vou tentar usar as palavras dela.

Fecho meus olhos tentando lembrar cada palavra.

- " Alguma coisa aconteceu naquele lugar e meu marido morreu por causa disso."

- Será que ele morreu para encobrir a troca?

- Foi o que imaginei. Não queria ser o motivo da morte do pai da Lina.

- Clara, a culpa não é sua. Você era um bebê.

Me levanto e sigo para a janela.

- Tem mais uma coisa que me deixou perturbada.

- O que?

- Ela disse que Fátima, Ribeiro e Silva são palavras que ela odeia.

- Ribeiro é você, Fátima a médica. O que é Silva?

- Sobrenome do noivo da Lina.

- Ela odeia o noivo da filha?

- Pensei nisso, mas então me lembrei do que Lina me disse hoje.

- O que ela disse?

- Que ele nasceu no mesmo ano que eu.

- Puta que pariu! Ele tem uma irmã?

- Não.

- Ele não pode ser um Ribeiro. Era uma menina.

- Sim...mas...

Minha cabeça esta explodindo.

- Mas...!!!!

Erick incentiva.

- Tenho uma sensação estranha. Não sei explicar.

- Mas se não existe uma garota Silva da sua idade, ele não tem nada a ver com isso tudo. Talvez ela o odeie por algo que fez a Lina.

- Pode ser e como me apeguei muito a Lina, devo estar com essa sensação por carinho. Ela tem me ajudado muito.

- Ela é um anjo mesmo.

- Vou deixar você dormir.

- Acho que não vou conseguir dormir depois dessa bomba.

- Me desculpa!

- Tudo bem! Vou ficar aqui pensando.

- Obrigada por tudo.

- Relaxa. Amanhã te ligo. Vou estar de plantão e você fala com o Fernando.

- Certo! Boa noite!

- Boa noite, Anjo!!!!

Começo a rir ao ouvi-lo me chamar de Anjo.

- Esta andando muito com o Teddy.

- Um pouco.

Sua voz é tímida.

- Olha Erick, sei que ele é meio louco e fica tentando as coisas...

- Não precisa ficar se desculpando pelo seu amigo Clara.

- É que Teddy as vezes passa dos limites.

- Gosto do jeito dele. Quando estiver me irritando, me resolvo com ele.

- Tem certeza?

- Sim. Acho que o palmitão e eu já temos uma amizade para isso. Se tiver que dar uma no meio, vou dar.

- Certo! Vou desligar e deixar você em paz.

- Novamente, boa noite!

Não consigo dormir. É uma merda tudo isso. A claridade vai surgindo no quarto e sei que é o sol nascendo. Não adianta tentar dormir, minha vontade era de voltar agora no hospital e vasculhar tudo aquilo. Me levanto e decido tomar um banho.

Me troco e arrumo meu cabelo. São 6hs da manhã e em 30 minutos saio com a Lina. Desço para o café e no meio do caminho a encontro abraçada a mãe.

- Vamos vai...

Diz toda manhosa.

- Não. Você sabe que minha condição para aceitar esse noivado é me manter longe dos Silva.

- Mãe, uma hora vai ter que acabar com essa implicância com eles.

Leda me olha na escada.

- Chama sua amiga. Essas duas famílias se merecem.

Se desprende de Lina e segue para a cozinha.

- Não disse que ela me odeia.

Desço a escada e Lina vem me abraçar.

- Estranhamente ela te odeia no mesmo nível do Caíque.

- Lina por que sua mãe odeia o Caíque?

- O problema não é ele. O problema é o sobrenome Silva.

- O que tem ele?

- Ela nunca me explicou, mas sempre diz que eles não merecem o respeito dela.

- Estranho!

- Muito estranho!

Não sei se digo a ela o que descobri ontem. Acho que se abalaria muito em saber que meu nascimento marca um fim trágico de seu pai. Isso seria péssimo pra ela e o bebê. Então um sorriso surge em meus lábios. Olho em volta pra ver se tem alguém.

- Fez ultrassom?

Ela sorri grandemente.

- Sim...

- Como foi?

Ela passa a mão em seu ventre.

- Uma coisinha linda mora aqui mesmo.

Abraço ela bem apertado.

- Estou tão feliz por você.

- Obrigada! Era por isso que estava implorando para minha mãe ir jantar comigo na casa dos pais do Caíque.

- Queria dar a notícia a todos?

- Sim.

Seus olhos estão marejados.

- Queria alguém do meu lado.

- Quer que eu vá?

- Você faria isso?

- Se for pra você se sentir melhor, eu vou.

Ela pula em meu colo dando gritinhos de felicidade.

- Obrigada, Clara!

- Não precisa agradecer.

Assim que terminamos o café, seguimos para o hospital. Lina esta falante e muito radiante.

- Espero que todos fiquem felizes hoje a noite.

Meu celular começa a tocar e o nome do Erick pisca na tela.

- Oi!

- Cheguei no hospital e tem alguém acordado e empolgado pra falar com você.

- Teddy?

Ele começa a rir.

- Também, mas o Fernando já mandou ele aquietar o pinto e esperar ele falar.

Estou rindo e Lina me olhando.

- Avisa que estou na correria.

- Peraí!

Erick vai avisando que tem que ser rápido.

- Clara!

É o Fernando e meu coração esta acelerado.

- Oi, como você esta?

- Nada bem. Seu amigo roncou a noite toda e ficou gemendo tomatinho.

Ai meu Deus!!!! Não acredito que Teddy esta sonhando com o Erick.

- Você sabia que o Erick trabalhava aqui?

- Fiquei sabendo quando demos entrada com você no hospital. Ele foi nosso anjo.

- Hummmm!

Resmungo e imagino que esteja com ciúmes.

- Ele está vermelho. Acho que também se sente desconfortável com seu amigo.

- Imagino que sim.

Ficamos em silêncio.

- O que vai fazer hoje?

- Tentar terminar as minhas coisas pra correr pra você.

- Estou morrendo de saudade. Acho que não vou aguentar ficar longe de você por mais um dia.

- Se morrer, vai perder todos os planos lindos que quero realizar com você.

- Se eu morresse você me substituiria pelo Erick?

Pergunta bravo e acho fofo o ciúmes dele.

- Nunca te trocaria. Se você morresse eu provavelmente morreria junto de tristeza.

Escuto Fernando falando alguma coisa bravo e então a voz de Erick surge.

- Clara!

Sua voz é afobada.

- O que foi?

Escuto o barulho de porta se fechando.

- Me deixa afastar deles.

- O que esta acontecendo?

- O que Fernando disse me fez pensar em algo.

- O que?

- Que você o substituiria se morresse.

- Não entendi.

Ele suspira fundo.

- Alguma coisa aconteceu na noite que te trocaram. Tanto que o pai da Lina sofreu um suposto acidente.

- Sim...

- E se foi a morte de um bebê? E se trocaram você por uma menina morta dos Ribeiro? Não existiria uma irmã e uma filha, existira apenas você e um bebê morto de alguém.

CAPÍTULO 31

NARRAÇÃO TEDDY

Abro os olhos após sentir algo bater em meu rosto com força.

- Acorda!

Olho para o lado e vejo Fernando rindo.

- O que foi?

- Não aguento mais ouvir seus gemidos e suspiros. Que porra é tomatinho?

Me estico todo no sofá, depois de uma noite de sonhos com o meu médico favorito. Ele bem que podia mesmo ser gay e fazer tudo o que ele fez comigo no sonho.

- Que sorriso é esse na sua cara?

Merda!!! Me levanto e tento conter a bicha excitada dentro de mim.

- Estou apenas feliz por te ver bem.

- Sei...

Olho o relógio, pego a almofada do chão e taco na cara do Fernando.

- Moção, são 6:20hs da manhã. Por que me acordou tão cedo?

- Nem dormi direito pensando em Clara e ouvindo você na sua plantação de tomate.

- Falei muito em tomate?

Ele inclina a cabeça e me olha.

- O tempo todo.

Subo na cama dele e me deito em suas pernas.

- Essa vida ingrata desejando o fruto proibido.

- Teddy, solta as minhas pernas. Mania que você esta de subir na minha cama e agarrar elas.

- Me deixa só mais um pouquinho aqui, curando essa minha dor de bicha não correspondida.

- Quer conversar?

- Vai querer saber da vida gay aqui?

Fernando respira fundo e me olha.

- Se você não me der detalhes da vida íntima de vocês, acho que aguento.

- Esse é o problema.

Agarro as panturrilhas dele.

- Jesus, você malha bem essa parte.

- Foca, Teddy!

- Desculpa!

Solto as panturrilhas durinhas dele e me sento.

- Não sei se ele é gay.

- A pessoa que te fez sonhar e suspirar a noite toda não é gay?

- Não sei, sinto que é, mas a Clara disse que nunca soube de nada dele.

- Clara o conhece?

- Sim...

A porta do quarto se abre e o assunto surge. Lindo com o cabelo bagunçado, cara de quem não dormiu e vestido de médico gostoso. Suprimo um gemido vendo esse homão entrar.

- Erick?!?!? O que faz aqui?

Fernando pergunta assustado.

- Sou o médico plantonista hoje.

Erick me olha e sorri.

- Bom dia!!!!

Meu corpo amolece e devolvo o sorriso.

- Bom dia!!!

- Teddy para de alisar a minha perna assim.

Tiro minha mão de Fernando. Nem percebi que estava alisando a coxa dele.

- Desculpa!

- Como se sente?

- Bem...

Vejo os dois conversando e nem sei qual o assunto. Só fico imaginando esse tomatinho nu na minha cama. Misericórdia!!!! Estou sentindo um fogo, uns coisos.

- Prometi a Clara que ligaria pra ela aqui e deixaria falar com você.

- Eu também quero.

Digo voltando ao normal.

- Você esta conversando com a Clara?

Fernando pergunta um pouco bravo.

- Sim, essa madrugada ela me ligou e ficamos um tempo conversando.

Queria filmar agora a cara do moção.

- Liga pra ela.

Sua voz brava é tão sexy.

- Falo primeiro.

- Nem vem Teddy.

Erick liga enquanto discuto com o moção. Em meio a discussão, tomatinho estende o telefone para o Fernando.

- Ela tem que ser rápida.

Fernando me olha sorrindo e pega o celular. Olho para o Erick bravo.

- O que foi?

- Eu queria ir primeiro.

- Depois você fala com ela.

- Eu queria agora.

- Deixa o coitado matar a saudade dela.

- Ele falou com ela ontem e eu não.

Cruzo meus braços emburrado.

- Agora eles vão ficar ai no Love, uma eternidade.

Erick vem pra perto de mim.

- Desculpa!

- Não...

Ignoro o fato dele estar perto. Bem perto eu diria. O cheiro do perfume dele invade minha narina e minha vontade e de me inclinar e cheirar seu pescoço. Controla, bicha safada!!!!

- O que posso fazer pra você me desculpar?

Oh meu Deus!!!! Isso foi uma bela de uma abertura. Será que posso pedir algo sexual já? Eita, disse pra Clara que iria com calma. As vezes ele não disse isso no sentido cantada.

- Se morresse você me substituiria pelo Erick?

Erick se vira para Fernando com um olhar pensativo. Não... volta aqui! Foca em nós, não na conversa do casal. Erick resmunga algo como "é isso" e arranca o celular da mão do Fernando.

- Erick, ainda não terminei de falar com ela. Volta aqui...

Estamos moção e eu olhando ele sair do quarto correndo, com o celular.

- Que merda foi essa?

- Também não estou entendendo nada.

- O que você disse a ele Teddy?

- Eu!?!? Dessa vez não tenho culpa de nada. A não ser que ele tenha o dom de ler pensamentos e leu os meus pecaminosos com ele.

Fernando me olha, depois olha para a porta e volta a me olhar. Então seus olhos brilham como se tivesse desvendado o maior segredo do universo.

- O Erick?!?!? Ele é o cara dos seus sonhos dessa noite?

Abro um sorriso meio torto pra ele.

- Ai caramba! Você esta com fogo no rabo com o Erick?

- No rabo e no resto do corpo.

- Caramba!!!

Me olha e ergue uma sobrancelha.

- Ele é gay?

- Espero que sim, pois amor não correspondido é horrível.

- Uau!!!!

Fernando balança a cabeça meio atordoado.

- Nunca imaginei o Erick.

- Você acha que ele não é?

- Sei lá! Sempre foi bem reservado, nunca o vimos pegando as meninas no colégio e não sei como ele era na faculdade.

- Isso não ajuda muito.

- Vai ter que cutucar pra saber.

- É o que pretendo fazer.

Digo seguindo para a porta.

- Não esquece de mim.

- Agora você quer minha companhia né?!?!?

- Quero saber o fim dessa novela.

Saio do quarto rindo e paro ao ver Erick no corredor.

- Clara, pergunta direto pra ele. Até achar essa caixa vai demorar.

Respira fundo e encosta na parede.

- Sei que disse que ele não tem, mas se a criança morreu no parto, ele não vai ficar falando da irmã como se ela existisse. Eles podem não querer falar de algo doloroso assim.

Seus olhos voltam para mim.

- Faz as duas buscas. A dessa caixa e a da família Silva. Algo me diz que a sua história se mistura a deles.

Me aproximo com calma.

- Então use esse jantar para saber. Se não for eles, pelo menos tentou.

Paro ao seu lado.

- Qualquer coisa me liga. Beijos!

Desliga o telefone e respira fundo.

- O que houve?

- Clara teve algumas pistas e estamos tentando decifra-las.

- Posso ajudar!

Ele me olha e depois olha em volta.

- A Sra. Ribeiro não vai vir?

- Vai só na hora do almoço. Disse que resolveria algumas coisas e que depois passaria no apartamento do Fernando pra pegar algumas coisas dele.

- Vai embora na hora do almoço então.

- Sim...

- Vou precisar mais do que minutos para te contar tudo.

Se aproxima de mim.

- Tenho 30 minutos de almoço. Quer almoçar comigo no restaurante aqui em frente?

Tento segurar a minha boca pra ela não ir ao chão. Almoçar com o tomatinho? Certo!!! Estou tentando não criar expectativa, mas tá impossível. Já imagino nossos filhos adotivos brincando com os filhos da Clara e do moção. Foca bicha!!!! Ele tá esperando uma resposta.

- Claro! Um almoço para me contar tudo sobre o que Clara descobriu.

E pra você descobrir que me ama e que é gay. Minha bicha interior grita saltando.

- Venho te buscar no quarto do Fernando.

- Combinado.

Abre um sorriso que me derrete todo e sai pelo corredor, lindo, perfeito e delicioso. Uma enfermeira passa por mim me encarando e acho que o motivo é meu enorme sorriso. Tento me recompor e sigo de volta para o quarto do moço. Abro a porta e ele me olha.

- E ai?

Ando até a cama dele sem dizer nada me joga em suas pernas e as abraço forte.

- Estou com medo de você.

Diz rindo e o encaro.

- Acho que estou apaixonado.

- Merda!!! E ele?

- Ele também está, mais ainda não sabe.

A gargalhada dele é alta.

- Teddy você é estranho.

- Estranho eu? Só porque já planejei nossa casa e quantos filhos vamos adotar?

- Sim...

- Ta... eu aceito. Sou estranho.

CAPÍTULO 32

NARRAÇÃO CLARA

Erick começa uma nova teoria.

- Alguma coisa aconteceu na noite que te trocaram. Tanto que o pai da Lina sofreu um suposto acidente.

- Sim...

- E se foi a morte de um bebê? E se trocaram você por uma menina morta dos Ribeiro? Não existiria uma irmã e uma filha, existira apenas você e um bebê morto de alguém.

Isso seria horrível. Os Ribeiro não teriam uma filha. Enquanto um lado ganha uma filha que acharam estar morta o outro perderia a suposta filha que sobreviveu. Me sento no banco e Lina vem ao meu lado.

- Você esta bem?

Tento respirar, mas esta impossível.

- Clara!

Ela segura meu rosto em suas mãos.

- Respire.

Sussurra e vou me acalmando.

- Clara, você esta ai?

- Sim.

Respondo ao Erick.

- Sei que é uma teoria louca.

Não posso falar com a Lina aqui na minha frente. Ela ainda não pode saber dessa desconfiança.

- Lina, acho que não vou agora de manhã nos arquivos. Será que pode me encontrar no almoço e então eu procuro.

- Claro! Você esta melhor?

- Sim... acho que é cansaço. Não dormi nada essa noite.

- Volta para o seu quarto e durma. Vem no meu horário de almoço que te levo no arquivo.

- Combinado.

Lina beija meu rosto e se afasta.

- Erick tem algo no meio que não faz sentido. Acho que Lina saberia se Caíque tivesse perdido uma irmã.

- Clara, pergunta direto pra ele. Até achar essa caixa vai demorar.

- Mas no caso então ele nasceu no mesmo dia que eu e não acho que trocariam bebês de sexo oposto.

- Sei que ela disse que ele não tem, mas se a criança morreu no parto, ele não vai ficar falando da irmã como se ela existisse. Eles podem não querer falar de algo doloroso assim.

- Esta cogitando a possibilidade de irmã gêmea dele também. Merda!!! Isso é loucura.

- Faz as duas buscas. A dessa caixa e a da família Silva. Algo me diz que a sua história se mistura a deles.

- Duas famílias, duas gestações gemelares e uma troca de bebês. Isso é um filme. Hoje vou conhecer a família Silva em um jantar e não sei como vai ser.

- Então use esse jantar para saber. Se não for eles, pelo menos tentou.

- Vou tentar descobrir nesse jantar então.

- Qualquer coisa me liga. Beijos!

- Beijos!

Vago pela pequena cidade sem saber o que fazer. Deus!!!! Se isso for verdade, estive com meu irmão, estive do lado dele. O tempo começa a fechar e ainda são 11hs. Uma chuva forte vem surgindo. Acho que é melhor ir para o hospital esperar a Lina. Corro até a entrada que ela me levou ontem. A chuva começa a cair forte e vou ficar ensopada. Tento abrir a porta e para a minha sorte ela esta aberta. Entro evitando a chuva. O corredor esta vazio. Será que o arquivo esta aberto? Ando até a porta, olhando para ver se alguém aparece. Seguro a maçaneta da porta e assim que giro a porta se abre. Entro correndo e fecho a porta. Respiro fundo e busco o interruptor para ligar a luz.

Encaro as caixas e respiro fundo. Antes de começar, resolvo enviar uma mensagem para Lina avisando que estou no arquivo. Um sorriso bobo surge em meus lábios ao pensar nela. Se tudo isso for verdade mesmo, tenho uma cunhada e em breve terei um sobrinho. Oh meu Deus!!! Eu vou ser tia. Tento manter a calma e não pensar nisso. Erick não devia ter me deixado assim. Detesto ter ilusões e depois me machucar. Preciso pensar que isso é apenas uma teoria.

Após um tempo procurando, Lina aparece no arquivo com um lanche.

- Achei que estaria com fome.

Coloca sobre uma das caixas.

- Nada ainda?

Nego com a cabeça e sigo até ela.

- Pelo menos aquele fundo todo eu já vi.

- Impossível não ter achado nada de 1989.

- Devem estar tudo junto.

Pego o lanche e começo a comer. Lina vai andando para um lado.

- Se achar uma caixa e abrir, vai poder saber pela data se a numeração do seu prontuário é pra cima ou para baixo.

- Sim... deve ser numeração alta, sou de setembro.

Lina vem andando até mim.

- Você também é de setembro?

- Também?!?!?

- Caíque fez aniversário faz quase uma semana.

Paro de mastigar e sinto um nó em minha garganta.

- Dia 10?!?!?

- Sim...

Os olhos dela se arregalam.

- Vocês nasceram no mesmo dia.

Apenas confirmo com a cabeça, sentindo meu coração acelerar.

- Isso é coincidência demais.

Não consigo responder. A teoria do Erick martela na minha cabeça.

- Se ele tivesse uma irmã, eu ficaria assustada.

Tenho vontade de contar a ela tudo, mas não quero deixá-la como eu agora. Cheia de esperança e expectativas. Outra família pode ser a minha.

- Você sabe o dia que seu pai sofreu o acidente?

- Não. Minha mãe não fala comigo sobre isso e evito saber.

- Por que?

- Nada.

Lina se senta ao meu lado.

- Sei poucas coisas. Parece que no dia tiveram muitas emergências e meu pai teve que ficar além do seu plantão. Muitos partos surgiram.

Como imaginei, outras famílias podem ser a minha. Não posso me prender apenas a família Silva, mesmo eu querendo muito. Lina olha o relógio.

- Deu meu horário.

Abre um enorme sorriso.

- Vai comigo hoje?

- Sim...

- Podemos sair daqui direto para o jantar?

- Não vai me deixar nem tomar um banho?

- Você esta linda!

- Nem rapidinho?

- Estou ansiosa demais.

- Imagino.

- Vamos pegar um táxi para ir.

- Não precisa. Vamos com meu carro.

- Clara, é um pouco distante e não quero que use o carro comigo.

Ando até ela e seguro sua mão.

- Você esta sendo um anjo comigo. Isso é o mínimo que posso fazer a você.

Me abraça forte.

- Obrigada!

- Assim que seu plantão terminar, venho te buscar.

- Combinado!

Ela me solta toda sorridente e corre para a porta.

- Clara!

Se vira e me olha.

- Adoraria que você fosse irmã do Caíque.

- Eu também adoraria ser irmã dele.

- Meu filho teria uma tia maravilhosa.

Abre a porta e sai, me deixando com os olhos marejados. Agora eu quero mais do que nunca ser uma Silva.

A tarde vai passando e não sei mais onde procurar. Meus olhos estão doendo e meus braços também. Uma mensagem de Lina apita em meu celular.

De: Lina

Para: Clara

Saio em 15 minutos. Se prepara.

Pego minha bolsa e quando sigo para a porta, ela se abre. Sem tempo de me esconder, fico de frente a uma senhora baixinha, que parece ser enfermeira. Seus olhos se arregalam e não sei o que dizer. Pensa Clara1

- Boa noite!

Ela não diz nada e continua me olhando assustada.

- Fui contratada para arrumar o arquivo.

A senhora fecha a porta e respira fundo.

- Você se parece tanto com ela.

Sussurra e vejo lágrimas em seus olhos.

- Qual seu nome?

- Clara... Clara Ribeiro.

A senhora coloca a mão no peito e solta um gemido baixo.

- Não... você não está aqui para arrumar o arquivo.

Vem andando em minha direção e toca meu rosto.

- Finalmente veio atrás da verdade.

Meu corpo congela.

- Você é igualzinha a sua mãe.

Não me pareço em nada com a minha mãe. Espera!!!! Minha mãe biológica ela quis dizer.

Estou paralisada vendo ela andar até um canto e sumir entre algumas caixas.

- Você conhece a minha mãe?

Pergunto quase em um sussurro. Ela volta com duas pastas nas mãos. Uma de numeração 2345/1989 e a outra 2346/1989.

- Aqui...

Estica para mim.

- É isso que você quer.

Pego as duas pastas.

- Me prometa que fará a verdade vir a tona.

- Que verdade?

Suspira e me encara.

- Logo vai entender.

A porta do arquivo se abre.

- Mercedes...

Lina diz olhando a senhora a minha frente e depois me olha.

- Eu posso explicar.

- Não precisa.

Se afasta indo até Lina e enfio as pastas em minha bolsa.

- Esta tudo bem, querida!

Passa pela Lina e some no corredor.

- Ela brigou com você?

Nego com a cabeça, ainda perdida.

- Quem é ela?

- Mercedes, a enfermeira mais antiga daqui.

Aliso minha bolsa, sentindo que meu coração vai sair pela boca. Aqui pode estar toda a verdade sobre mim.

- Mercedes foi a ultima pessoa que viu meu pai. Eles fizeram o último parto daquela noite juntos, antes dele sofrer o acidente.

CAPÍTULO 33

Não consigo prestar atenção no caminho e muito menos ouvir o que a Lina diz. Minha mente esta na minha bolsa, no banco de trás. Minha vontade é de deixá-la na casa do Caíque e voltar para o hotel correndo e ver o que tem nelas. Olho para Lina e a vejo tão radiante. Não posso fazer isso com ela. É um momento importante em sua vida e seria egoísmo da minha parte não estar lá com ela, quando eu mesma prometi. Posso esperar mais algumas horas para descobrir a verdade. E talvez, quem sabe eu não veja algo na família Silva.

- Entra nessa estrada.

Lina diz apontando uma pequena entrada.

- Agora esta escuro e não consegue ver nada.

Aponta para um lado.

- Mas quando vier de manhã, vai ter uma visão do paraíso. O sol quando bate no verde do gramado aqui é coisa de outro mundo.

- Já estamos perto da casa?

- Estamos já na fazenda deles. Ali é a casa.

Ela aponta para uma pequena luz no fim da estrada.

- Do momento que entramos nessa estrada até um pouco atrás da casa é a fazenda.

- É uma pena estar escuro. Seria lindo ver tanto espaço verde. Em São Paulo não temos muito verde.

Ela abre um pequeno sorriso. Paramos o carro em frente a uma casa linda de madeira. Lina respira fundo e tenho certeza que é de nervosismo.

- Calma! Vai dar tudo certo.

Seguro sua mão para mantê-la tranquila.

- Espero que sim.

Após alguns minutos ela decide sair do carro. Subimos pequenos degraus até a entrada da casa e meu celular começa a tocar. Pego ele no bolso da minha calça, enquanto Lina bate na porta. Vejo o nome do Teddy. Me viro e atendo.

- Teddy, agora não é uma boa hora.

- Clara!

É a voz de Fernando... Escuto alguém abrir a porta e falar com a Lina.

- Fernando, agora não posso falar. Assim que der te ligo.

Desligo o telefone e me viro. Olhos azuis, como os meus me encaram.

As palavras da Mercedes me vem a mente.

" Você é igualzinha a sua mãe."

Meu coração acelera e a senhora a minha frente parece tão assustada quanto eu.

- Clara, essa é Laura, mãe do Caíque.

Não consigo dizer nada. Estamos as duas paradas nos encarando. Seus olhos estão brilhando agora, por causa das lágrimas contidas. Não sei ainda se esta assustada por sermos iguais ou se de lembranças de algo doloroso. Se ela perdeu uma filha como Erick disse, isso faria sentido.

- Oi!

Sussurro tentando me segurar para não abraçá-la e dizer que posso ser sua filha.

- Oi!

Engole o choro travado em sua garganta.

- Entrem...

Lina entra e quando a sigo, passo ao lado de Laura, observando seus traços parecidos com os meus.

- Hey, gatinha!!!!

Caíque surge envolvendo Lina em um abraço de urso. A beija de forma carinhosa e vejo a mãe dele sorrir.

- Controla esse fogo jovem ou logo serei avó.

Lina me olha assustada assim que Caíque a solta.

- Você amaria ganhar um neto.

- Verdade...

- Oi, Clara!

Ele me beija no rosto e se afasta.

- Oi, Caíque!

Abraça Laura e saem rindo. Olho para Lina feliz.

- Viu...

Sussurro e ela respira aliviada.

- O jantar já esta na mesa.

Assim que chegamos a sala de jantar, vejo um senhor colocando uma grande travessa com carne sobre a mesa.

- Amor, esse cheiro esta me matando de fome.

Vira para nós e quando seus olhos param em mim, ele congela.

- Santo Deus!!!!

Diz quase tropeçando na cadeira.

- O que foi?

Caíque diz indo até ele.

- Quem é ela?

Aponta pra mim.

- Pai, essa é a Clara, uma amiga da Lina.

Ele é o Sr. Silva. Observo seu rosto enquanto ele vem em minha direção.

- Você me lembra Laura quando era jovem.

- Também me assustei.

Ela diz me encarando também. Minha vontade é de abraçar o grande e sorridente senhor a minha frente de macacão. Essa confusão e incerteza dentro de mim esta me matando. Meu peito grita que eu sou a filha deles, mas minha cabeça me diz para não sonhar. Eu nem sei se eles tiveram uma filha ainda.

- Vamos comer que estou morto de fome.

Caíque diz puxando Lina para a mesa e se sentando. Seguimos para a mesa também e nos sentamos. Fico ao lado de Lina e de frente a Laura que não para de me olhar.

- Lina, qual o motivo para um jantar de urgência?

O senhor diz cortando a carne.

- Tenho algo pra contar Maurício.

Então esse é o nome dele. Maurício e Laura são meus possíveis pais.

- Então nos conte.

Lina começa a ficar ofegante e embaixo da mesa, seguro sua mão. Ela aperta firme e suspira.

- Estou grávida!

Um silêncio surge a mesa. Observo todos paralisados.

- Como?

Caíque pergunta olhando pra ela.

- Estou grávida! Olha, sei que não estávamos planejando, mas...

Ele quase cai da cadeira ao avançar nela para beijá-la. Beija seus lábios e seu rosto todo, ficando em seguida de joelhos em frente a sua barriga.

- Vamos ser pais?

Estou chorando igual uma idiota.

- Sim...

Vejo os pais dele se levantando e vindo com sorrisos enormes no rosto.

- Vamos ser avós!

Abraçam os dois e observo a linda família a minha frente. Um braço me surpreende ao me puxar e quando vejo é o Maurício.

- Vem fazer parte desse momento, também.

Me acolhe no abraço coletivo e me sinto em casa. Me sinto realmente em casa, coisa que não sinto a muito tempo.

- Acho que estamos felizes com a notícia.

Lina diz entre choro e sorrisos.

- Muito, meu bem!

Laura beija sua cabeça.

- Seria incrível se fossem gêmeos como eu.

Meu corpo todo treme com as palavras do Caíque.

- Como você?

Lina pergunta nervosa e logo seus olhos encontram os meus.

- Sim! Minha mãe estava grávida de gêmeos, mas perdeu a menina no parto.

Sinto tudo rodar e minha vista ficar desfocada. Eles tiveram uma menina.

- Nossa pequena Elisa.

Esse seria o nome do bebê? Esse seria meu nome? Me sinto sem ar. Sufocada com toda a verdade que surge a minha frente. Olho para Laura e para o Maurício. Meus pais... Eu sou uma Silva.

- Clara!

Escuto me chamarem e quando percebo, já estou correndo em direção a porta para fora da casa.

- Clara!

É a voz da Lina.

- Espera...

Abro a porta e o vento bate em meu corpo, me fazendo soltar o choro desesperado por finalmente achar a verdade. Corro até meu carro, e entro. Ligo ele e saio para conter a vontade de dizer quem eu sou. Sou a filha deles. É impossível negar agora o que meu coração já estava me dizendo. Só preciso olhar um sobrenome naquelas pastas e tudo está resolvido. Limpo meus olhos e respiro fundo. Tento focar na estrada. Não quero ver agora as pastas. Estou com uma mistura de medo, angústia, felicidade e pânico. A partir do momento que olho essa pasta, acabou. A procura pela verdade e a confirmação de tudo acontece. Meu celular toca desesperadamente, mas não olho para ver. Nada é mais importante no momento que chegar em meu quarto e olhar esses arquivos.

Paro o carro em uma das vagas do hotel. Pego minha bolsa e saio já correndo pela entrada. Algumas pessoas me olham sem entender nada e subo a escada desesperada para chegar logo. Entro no corredor e as batidas dos meus pés no chão, acompanham as batidas do meu coração acelerado. Abro a porta do quarto e entro. Desesperadamente abro minha bolsa e puxo as pastas de dentro. Jogo a bolsa na cama e abro o primeiro arquivo.

"Paciente: Vera Pontes Ribeiro"

Com as mãos tremulas, abro o segundo arquivo.

" Paciente: Laura Rosa Silva"

EU SOU UMA SILVA. O choro explode e sinto meu peito doer. Oh meu Deus!!! Meus pais... meu irmão... Me sento na cama encarando as duas pastas. Toda a verdade nas minhas mãos. Batidas fortes surgem na porta. Fecho as pastas e coloco embaixo do travesseiro. Tento me acalmar e as batidas são ainda maiores.

- Já vai!

Digo me levantando da cama. Ando até a porta limpando meu rosto. Seguro a maçaneta e respiro fundo. Abro a porta e não acredito no que vejo.

- Fernando!

Ele parece com dor e cansado. Ergue um envelope branco com a marca do hospital de São Paulo.

- Me diz que isso é verdade.

Sua voz é falhada e sussurrada. Ele segura o resultado do DNA.

- Não sou sua irmã.